

Observe que todos os termos que preencheram as lacunas respondem à pergunta quem ou que + o verbo (que afirma ou nega algo sobre esses termos).

Exemplos:

A testemunha, muito à vontade, confirmou a inocência do réu.

Quem confirmou?

A testemunha.

Com certeza, prezado ouvinte, originou as investigações uma grave suspeita.

Que originou?

Uma grave suspeita.

As respostas às perguntas acima permitem descobrir o sujeito dos verbos sublinhados.

Tendo descoberto o sujeito, fica fácil descobrir o predicado.

Sujeito e Predicado: são os termos essenciais da oração.

Sujeito é o termo da oração do qual se afirma ou se nega alguma coisa. Na quase totalidade dos casos, sujeito é o termo com que o verbo concorda.

Predicado é tudo o que se afirma (ou se nega) do sujeito.

Exemplos:

A testemunha, muito à vontade, confirmou a inocência do réu.

sujeito

predicado

Com certeza, prezado ouvinte, originou as investigações uma grave suspeita.

predicado

predicado

sujeito

(O termo “prezado ouvinte”, um chamamento, não faz parte do predicado, pois não foi empregado para se afirmar coisa alguma sobre o sujeito.)

2. (FIAP) – O sujeito, quando se refere à terceira pessoa, é sempre substituível pelos pronomes pessoais retos **ele, ela, eles, elas**. Assinale a alternativa em que tal substituição, na frase II, está errada.

- I. "Valem as reticências e as intenções."
II. **Elas** valem.
- I. "Na casa-grande do engenho do capitão Tomaz, a tristeza e o desânimo haviam tomado conta até de D. Amélia."
II. "Na casa-grande do engenho, **ele**, a tristeza e o desânimo haviam tomado conta até de D. Amélia."
- I. "Terá realmente piado a coruja?"
II. **Ela** terá realmente piado?
- I. "Até quando irá durar esta guerra?"
II. Até quando **ela** irá durar?
- I. "O café estava fechado, na praça deserta as luzes cochilavam."
II. O café estava fechado, na praça deserta **elas** cochilavam.

RESOLUÇÃO:

O **sujeito composto** “a tristeza e o desânimo” deveria ser substituído por **elas**.

Resposta: B

3. Circule o sujeito dos verbos destacados. Classifique o sujeito de cada verbo.

- Quando **vier** a Primavera
Se eu já **estiver** morto,
As flores **florirão** da mesma maneira
E as árvores não **serão** menos verdes que na primavera passada.
A realidade não **precisa** de mim.

(Alberto Caeiro)

RESOLUÇÃO:

São todos sujeitos simples: a Primavera, eu, as flores, as árvores, a realidade.

- Está** em jogo o colapso de um mito e o naufrágio de uma esperança. E agora, quando o mito se **desfaz** e a esperança **soçobra**?

(Hélio Jaguaribe)

RESOLUÇÃO:

Sujeito composto: o colapso de um mito e o naufrágio de uma esperança (observar que o verbo está no singular porque o sujeito composto está posposto ao verbo); sujeito simples: o mito, a esperança.

4. No poema abaixo, há sujeitos simples (com um núcleo e expressos) e sujeitos ocultos ou elípticos (indicados pela desinência verbal ou identificados pelo contexto).

Grife os verbos com sujeito oculto.

Passou a diligência pela estrada, e foi-se;

E a estrada não ficou mais bela, nem sequer mais feia.

Assim é a ação humana pelo mundo fora.

Nada tiramos e nada pomos, passamos e esquecemos;

E o sol é sempre pontual todos os dias.

(Alberto Caeiro)

RESOLUÇÃO:

Sujeito oculto: foi-se (a diligência); tiramos (nós), pomos (nós), passamos (nós) e esquecemos (nós).

5. Grife os verbos e classifique os sujeitos.

a) *Podem rezar latim sobre o meu caixão, se quiserem.*

Se quiserem, podem dançar e cantar à roda dele.

(Alberto Caeiro)

RESOLUÇÃO:

Verbos: podem rezar, quiserem, quiserem, podem dançar, (podem) cantar.

Todos os sujeitos são indeterminados.

Enterro de pobre sempre tem cachaça. É para ajudar a velar pelo falecido. Sabem como é; pobre só tem amigo pobre e, portanto, é preciso haver um incentivo qualquer para a turma subnutrida poder aguentar a noite inteira com o ar pungido que o extinto merece.

(Stanislaw Ponte Preta)

b) A quem o narrador faz referência ao empregar o verbo saber na 3.^a pessoa do plural?

RESOLUÇÃO:

O narrador, por meio da expressão coloquial “sabem como é”, refere-se aos leitores hipotéticos, incluindo-os como interlocutores.

MÓDULO 2

ORAÇÃO SEM SUJEITO

1. Classifique o sujeito dos verbos grifados.

a) *No fundo de cada alma, há tesouros escondidos que somente o amor permite descobrir.*

(E. Rod)

RESOLUÇÃO:

Sujeito inexistente para o verbo *haver*.

o amor: sujeito simples para a locução “permite descobrir”.

b) *É a hora em que o sino toca, mas aqui não há sinos; há somente buzinas.*

(Carlos D. de Andrade)

RESOLUÇÃO:

Nos três casos, sujeito inexistente.

c) *Fazia um tempão que não dava sinal de vida.*

(José Américo de Almeida)

RESOLUÇÃO:

Sujeito inexistente.

d) *Chove nos Campos de Cachoeira e Dalcídio Jurandir já morreu.*

.....
Sobre todos os mortos cai a chuva com esse jeito cinzento de cair

Chover a semana inteira é nunca ter havido sol nem azul nem carmesim nem esperança

(Carlos D. de Andrade)

RESOLUÇÃO:

Sujeito inexistente para os verbos *chove*, *chover*, *ter havido*.

Sujeito simples: a chuva para o verbo *cair*.

Sujeito indeterminado é aquele que **existe**, mas **não podemos ou não queremos identificar** com precisão.

Ocorre em dois casos:

- com **verbo na 3.^a pessoa do plural**, sem referência a nenhum substantivo ou pronome anteriormente expresso;
- com **verbo intransitivo, transitivo indireto ou de ligação acompanhado da partícula *se***, chamada *índice de indeterminação do sujeito*.

Por enquanto, você irá deter-se no estudo do sujeito indeterminado com verbo na 3.^a pessoa do plural. Mais tarde, após estudar outros conceitos, você verá mais detidamente a outra maneira de indeterminar o sujeito.

As **ORAÇÕES SEM SUJEITO** (orações com *sujeito inexistente*) ocorrem com os seguintes **verbos impessoais**:

- os que indicam **fenômenos da natureza**;
- *fazer* ou *estar* na indicação de **tempo** ou **clima**;
- *ser* indicando **tempo** ou **espaço**;
- *haver* significando “**existir**”, “**ocorrer**” ou expressando **tempo decorrido**.

Um dia, há bastantes anos, lembrou-me reproduzir no Engenho Novo a casa em que me criei na antiga Rua de Matacavalos...

(Machado de Assis, *Dom Casmurro*)

2. Na frase acima,

- a) substitua o verbo *haver* por *fazer*;

RESOLUÇÃO:

Um dia, faz bastantes anos, ...

Sujeito inexistente.

- b) acrescente o verbo *dever* como auxiliar de *fazer*.

RESOLUÇÃO:

Um dia, deve fazer bastantes anos, ...

Sujeito inexistente.

Sob a pele das palavras há cifras e códigos.

(Carlos D. de Andrade)

3. Na frase acima,

- a) substitua o verbo *haver* por *existir*;

RESOLUÇÃO:

Sob a pele das palavras existem cifras e códigos.

- b) reescreva a frase usando o verbo *poder* como auxiliar de *haver* e *existir*;

RESOLUÇÃO:

Sob a pele das palavras pode haver cifras e códigos.

Sob a pele das palavras podem existir cifras e códigos.

- c) identifique a função sintática da expressão “cifras e códigos”: para o verbo *haver* e para o verbo *existir*.

RESOLUÇÃO:

Para o verbo *haver*: objeto direto.

Para o verbo *existir*: sujeito composto.

4. (ALFENAS) – “Agora, se houvesse um organismo de fiscalização, as coisas talvez fossem diferentes.”

Em todas as sentenças abaixo, aparece também empregado o verbo haver. Assinale a alternativa em que o emprego desse verbo contraria a norma culta da língua.

- Hão de existir projetos a estudar, na estruturação da novela.
- Há inúmeros casos sem solução na justiça.
- No futuro, haverá robôs para realizar projetos artísticos, acredita o ator.
- Se houvesse resultados previsíveis, a pesquisa do IBOPE seria outra.
- Deveriam haver mais programas científicos na televisão.

RESOLUÇÃO: O verbo *haver* é impessoal e passa a impessoalidade para o auxiliar; o correto é “deveria haver”. Resposta: E

5. (ENEM) – A figura a seguir trata da “taxa de desocupação” no Brasil, ou seja, a proporção de pessoas desocupadas em relação à população economicamente ativa de uma determinada região em um recorte de tempo.



(Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>.)

Acesso em: abril de 2009, adaptado.)

A norma padrão da língua portuguesa está respeitada, na interpretação do gráfico, em:

- Durante o ano de 2008, foi em geral decrescente a taxa de desocupação no Brasil.
- Nos primeiros meses de 2009, houveram acréscimos na taxa de desocupação.
- Em 12/2008, por ocasião das festas, a taxa de desempregados foram reduzidos.
- A taxa de pessoas desempregadas em 04/08 e 02/09, é estatisticamente igual: 8,5.
- Em março de 2009 as taxas tenderam à piorar: 9 entre 100 pessoas desempregadas.

RESOLUÇÃO: O gráfico e as referências ao que ele representa são totalmente inúteis, pois sob esse aspecto todas são corretas, basta simplesmente apontar a frase que respeita a norma culta da língua. Em b, *houveram* está por *houve*; em c, o verbo no plural (*foram reduzidos*) não concorda com o sujeito singular (*a taxa*); em d, a vírgula separa o predicado do sujeito; em e, o sinal grave indicativo de crase é indevido.

Resposta: A

6. (FUVEST) – Em: “Há em nosso país duas constantes que nos induzem a sustentar que o Brasil é o único país brasileiro de todo o mundo”, reescreva o segmento destacado, substituindo o verbo **haver** por **existir**.

RESOLUÇÃO:

Existem em nosso país duas constantes que nos induzem a sustentar que o Brasil é o único país brasileiro de todo o mundo.



Aplicações

1. (PUC-SP – adaptada) – Indique a alternativa em que **não** há erro de concordância.

- Devem haver poetas que pensam no desastre aéreo.
- Deve existir poetas que pensam no desastre aéreo.
- Pode existir poetas que pensam no desastre aéreo.
- Pode haver poetas que pensam no desastre aéreo.
- Podem haver poetas que pensam no desastre aéreo.

Resposta: D

2. (CÁSPER LÍBERO)

I. Devem haver soluções mais viáveis para os problemas apresentados.

II. O relator afirmou que já fazem dois meses que o processo está tramitando...

III. Para que não haja dúvidas, é preciso ler as instruções.

IV. No verão faz dias quentes, mas os turistas adoram.

Sobre as frases acima, pode-se afirmar que

- I e III estão corretas.
- II e IV estão incorretas.
- III e IV estão incorretas.
- III e IV estão corretas.
- Todas estão incorretas.

Resposta: D

3. (FATEC)

Em Pasárgada tem tudo

(...)

Tem telefone automático

Tem alcaçoide à vontade

Tem prostitutas bonitas

O emprego de *ter*, nos contextos acima, é característico da língua popular.

Assinale a alternativa em que a substituição desse verbo se faz de acordo com a língua culta.

- Deve haver telefone automático. / Existe prostitutas bonitas.
- Há alcaçoide à vontade. / Há prostitutas bonitas.
- Existe telefone automático. / Deve existir prostitutas bonitas.
- Deve haver tudo. / Devem haver prostitutas bonitas.
- Existe alcaçoide à vontade. / Existe prostitutas bonitas.

Resposta: B

4. (UNIP) – Assinale a alternativa em que o verbo concorda com o termo destacado.

- “Há **uma língua** supostamente dravídica, isolada, no norte da Índia, o brauí, em meio a línguas indo-europeias.” (Antônio Houaiss)
- “Já então namorava o **piano de nossa velha casa**...” (Machado de Assis)
- “Surgiram **outros nomes**.” (Rubem Braga)
- “Tinha visto **Marina** poucas vezes, sempre em companhia do marido, na rua.” (Rubem Braga)
- “**De todos os lados** apareceram os mais bondosos homens...” (Rubem Braga)

Resposta: C

MÓDULO 3

TIPOS DE PREDICADO E PREDICATIVO

1. Examine os verbos destacados no seguinte poema:

Uma flor nasceu na rua!

Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.

Uma flor ainda desbotada

ilude a polícia, rompe o asfalto.

Façam completo silêncio, paralisem os negócios,

garanto que uma flor nasceu.

.....

É feia. Mas é realmente uma flor.

(Carlos D. de Andrade)

a) Quais são os verbos que indicam uma ação do sujeito?

RESOLUÇÃO:

nasceu, passem, ilude, rompe, façam, paralisem, garanto, nasceu.

b) Esses verbos são chamados _____, ou seja, _____, pois são fundamentais para o entendimento da informação.

RESOLUÇÃO: nocionais, significativos

c) Qual o verbo que liga o sujeito a uma qualidade?

RESOLUÇÃO:

É o verbo ser nas duas ocorrências: é (feia), é (uma flor).

Predicado é o que se diz do sujeito. Portanto, o predicado contém a indicação de uma ação ou propriedade (qualidade, estado) referentes ao sujeito.

Quando o predicado indica ação, sua palavra principal, ou seja, seu *núcleo*, é um *verbo nocional*.

Exemplo:

Eles o receberam calorosamente.

(O núcleo do predicado é *receberam*.)

Quando o predicado indica uma propriedade (qualidade, estado), sua palavra principal, ou seja, seu núcleo, é um *nome* (substantivo ou adjetivo). Nesse caso, usamos os verbos que indicam estado, chamados verbos de ligação: *ser, estar, ficar, permanecer, parecer, continuar, tornar-se, viver* (no sentido de “estar sempre”) e *andar* (no sentido de “estar”).

Exemplos:

Este caso é um *enigma*.

(O núcleo do predicado é o substantivo *enigma*.)

Você *pareceu desolado*.

(O núcleo do predicado é o adjetivo *desolado*.)

Observe que a classificação de determinado verbo como verbo de ligação ou verbo nocional depende do sentido que ele tem na frase em que aparece.

Exemplos

Nós *permanecemos isolados*.

(O núcleo do predicado é o adjetivo *isolados*.)

Nós *permanecemos no esconderijo*.

(Aqui, o verbo *permanecer* não foi empregado como verbo de ligação, pois não une ao sujeito uma qualidade, estado ou propriedade. O núcleo do predicado é o verbo *permanecemos*, empregado como verbo nocional, pois indica uma ação ou atitude do sujeito.)

Predicado verbal é aquele que apresenta como núcleo um **verbo**, que pode ser transitivo ou intransitivo.

- Verbo Transitivo

{	Direto
	Indireto
	Direto e Indireto

“As cantigas *lavam* a roupa das lavadeiras.” (Jorge de Lima) **VTD**

“As coisas *obedeciam* ao seu tempo regular.” (Raquel de Queirós) **VTI**

“*Ensinamos* técnicas agrícolas aos camponeses.” **VTDI**

(Érico Veríssimo)

- Verbo Intransitivo

“Três contos *bastavam*, *insistiu* ele.” (Machado de Assis) **VI VI**

Predicado nominal é aquele que apresenta como núcleo um **nome** (substantivo, adjetivo ou palavra com valor de substantivo ou adjetivo).

No predicado nominal, os **verbos de ligação** unem ao sujeito uma noção de estado, qualidade ou condição que pode ser:

- estado permanente.

Exemplo: *O sol é uma estrela.*

- estado transitório.

Exemplo: *Marina anda triste.*

- continuidade de estado.

Exemplo: *Marina continua triste.*

- mudança de estado.

Exemplo: *Marina ficou triste.*

- aparência.

Exemplo: *Esse professor parece exigente.*

Frequentemente são usados como verbos de ligação:

- *ser*, • *estar*, • *ficar*, • *permanecer*, • *parecer*,
- *continuar*, • *tornar-se*, • *viver* (no sentido de “estar sempre”) e • *andar* (no sentido de “estar”)

Observe que esses verbos só são empregados como verbos de ligação quando

- não têm significação própria;
- não indicam nenhuma ação;
- não indicam a posição do sujeito num lugar;
- ligam o sujeito a um nome.

O verbo de ligação une ao **sujeito** uma característica denominada **PREDICATIVO DO SUJEITO**.

Exemplo:

O silêncio estava pesado.

Pesado é predicativo do sujeito, pois está unido ao sujeito “o silêncio” pelo verbo de ligação “estava”.

2. Grife e classifique o predicado e indique o predicativo.

a) *Os olhos dela estavam secos.*

(Machado de Assis)

RESOLUÇÃO:

Predicativo do sujeito: secos.

Predicado Nominal.

b) *Não apenas a leitura mas simples passatempos (...) são atividades estimuladoras do cérebro.*

(Dráuzio Varella)

RESOLUÇÃO:

Predicativo do sujeito: atividades estimuladoras do cérebro.

Predicado Nominal.

c) *Só o poeta idealista permanecera impassível, na sua majestade obesa.*

(Eça de Queirós)

RESOLUÇÃO:

Predicativo do sujeito: impassível.

Predicado Nominal.

d) *E depois daquele desastre viviam todos calados...*

(Graciliano Ramos)

RESOLUÇÃO:

Sujeito simples: todos/predicativo do sujeito: calados/Predicado Nominal.



Aplicações

3. As frases abaixo foram extraídas de *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida. Assinale a alternativa em que há predicado verbal.

- "O mestre de reza era tão acatado e venerado naquele tempo como o próprio mestre de escola... os mestres de reza eram sempre velhos e cegos."
- "... o compadre caiu gravemente enfermo. A princípio a moléstia pareceu coisa de pouca monta..."
- "Leonardo ... conservou-se calado."
- "Naqueles tempos uma noite de luar era muito aproveitada, ninguém ficava em casa."
- "A comadre ... andava desconfiada do mestre de reza."

RESOLUÇÃO:

Na segunda oração ("ninguém ficava em casa") o verbo *ficar* é intransitivo. Não é de ligação, pois não une o sujeito "ninguém" a um predicativo.

Resposta: D

4. (UNICAMP) – Além de ter o seu número de celular, você vai ter o celular que é o seu número. Esse enunciado faz parte de uma propaganda de telefone móvel, em que há um produtivo jogo com a palavra "número".

- Aponte dois sentidos, produzidos no enunciado, para *número* na relação com o pronome de tratamento *você*.

RESOLUÇÃO:

(1) *Número* como sequência de algarismos que identifica o telefone de alguém genérico, referido e circunscrito pela palavra *você*; (2) *número* como tipo ou modelo de aparelho de telefone ideal para uma pessoa (como em "número de roupa" ou "número de calçado"), referida e especificada pela palavra *você*.

- Explicita as construções sintáticas que permitem o trabalho semântico com *número*.

RESOLUÇÃO:

Em "ter o seu número de celular", *número* é objeto, isto é, complemento verbal; em "o celular que é o seu número", *número* é predicativo do sujeito, uma qualidade intrínseca ao indivíduo referido por *você*.

1. (FGV-Econ.) – Não, nós não somos *vagabundos*. Assinale a alternativa em que a função sintática de "vagabundo" coincide com a do(s) termo(s) em destaque.

- A ociosidade ensina muitas coisas **perniciosas**.
- Cabeça vazia é **oficina do Diabo**.
- Tem como personagens Frank e Ernest, **os desleixados e oportunistas representantes do homem comum**.
- Paul Lafargue, **um franco-cubano casado com Laura**, foi pouco compreendido.
- Escreveu "Direito à Preguiça", uma desnorteante e – **só na aparência** – paradoxal análise da alienação.

RESOLUÇÃO

A palavra *vagabundos* exerce a função sintática de predicativo do sujeito (*nós*), a mesma função de "oficina do diabo" em relação ao sujeito "cabeça vazia".

Resposta: B

2. (FGV) – Assinale a alternativa em que um verbo, tomando outro sentido, tem alterada a sua predicação.

- O alfaiate virou e desvirou o terno, à procura de um defeito. / Francisco virou a cabeça para o lado, indiferente.
- Clotilde anda rápido como um raio. / Clotilde anda adoentada ultimamente.
- A mim não me negam lugar na fila. / Neguei o acesso ao prédio, como me cabia fazer.
- Não assiste ao prefeito o direito de julgar essa questão. / Não assisti ao filme que você mencionou.
- Visei o alvo e atirei. / As autoridades portuárias visaram o passaporte.

RESOLUÇÃO

A mudança de predicação ocorre com o verbo *andar*. Na primeira oração da alternativa *b*, o verbo indica ação, significa *caminhar* e é *intransitivo*; na segunda, é verbo de ligação, expressa o estado do sujeito e tem o sentido de *estar*.

Resposta: B

3. (FUVEST) – No texto: "Acho-me **tranquilo** – sem desejos, sem esperanças. Não **me** preocupa **o futuro**", os termos destacados são, respectivamente

- predicativo, objeto direto, sujeito.
- predicativo, sujeito, objeto direto.
- adjunto adnominal, objeto direto, objeto indireto.
- predicativo, objeto direto, objeto indireto.
- adjunto adnominal, objeto indireto, objeto direto.

Resposta: A

4. Grife os predicados e, com base no conceito de verbos de ação e de estado, classifique os predicados como verbais ou nominais.

*Eu canto porque o instante existe
e a minha vida está completa.*

Não sou alegre nem sou triste:

sou poeta.

(Cecília Meireles)

RESOLUÇÃO

Predicado verbal: "canto", "existe".

Predicado nominal: "está completa", "não sou alegre, nem sou triste: / sou poeta".

MÓDULO 4

PREDICADO VERBAL

Leia com atenção o poema abaixo e responda às questões 1 e 2.

ANTIEVASÃO

Pedirei
Suplicarei
Chorarei
Não vou para Pasárgada

Atirar-me-ei ao chão
e prenderei nas mãos convulsas
ervas e pedras de sangue
Não vou para Pasárgada

Gritarei
Berrarei
Matarei
Não vou para Pasárgada

1. (METODISTA) – O texto do poeta de Cabo Verde, Ovídio de Sousa Martins, revela
- temática de abrangência regional, sem que haja transcendência política e geográfica.
 - poética evasiva de relativa resistência em seu intratexto, de questionamento universal.
 - tema de alcance universal, em que o eu lírico estabelece um diálogo interdiscursivo com um poeta modernista brasileiro.
 - preocupação de contorno universal em que, de maneira inédita, questiona a existência de um lugar idealizado para a solução dos problemas humanos.
 - diálogo com um poeta simbolista brasileiro em que, através de um contraponto, expõe também o seu desejo de evasão, embora o título desminta esse anseio.

Resposta: C

2. Classifique os verbos da primeira e da última estrofe do poema.

RESOLUÇÃO:

São verbos intransitivos porque não têm complemento verbal, que seriam o objeto direto e o objeto indireto.

Concluindo: os verbos _____ não têm complemento verbal, mas podem vir seguidos de expressões que indicam lugar, tempo, modo etc. Esses verbos são núcleo do _____.

RESOLUÇÃO: intransitivos, predicado verbal.

3. Além dos verbos intransitivos, há verbos no poema aos quais você pode perguntar o **quê** ou **quem**? Se houver resposta, o verbo se classifica como transitivo direto e as expressões que o acompanham são objetos diretos. Isso ocorre?

RESOLUÇÃO:

Sim, os verbos *atirar* e *prender* são transitivos diretos e têm como objeto direto, respectivamente, *me* e *ervas e pedras de sangue*.

Concluindo: os verbos _____ têm complemento verbal não preposicionado, que são os objetos diretos. Esses verbos são núcleo do _____.

RESOLUÇÃO: transitivos diretos, predicado verbal.

Analise a frase abaixo:

Minha alma, ó Deus, a outros céus aspira.

(Antero de Quental)

4. Observe que nesse caso não cabe a pergunta **o quê?** ou **quem?** feita após o verbo, mas cabe **a quê?** ou **a quem?** A pergunta é antecedida da preposição *a*, como poderia ser antecedida de qualquer outra preposição que consta do quadro desta página. Nesse caso, como se classificam o verbo e o complemento verbal?

RESOLUÇÃO:

O verbo é transitivo indireto (porque entre ele e seu complemento há uma preposição) e o complemento verbal é o objeto indireto “a outros céus”.

Concluindo: os verbos _____ têm complemento verbal preposicionado, que são os objetos indiretos. Esses verbos são núcleo do _____.

RESOLUÇÃO: transitivos indiretos, predicado verbal.

Preposição: palavra invariável que serve de conectivo de subordinação entre palavras e orações.

a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, sem, sob, sobre, trás.

Analise agora a frase abaixo:

“A mulher servira um prato de mingau ao marido.”

(Dyonélio Machado)

5. a) Transcreva o objeto direto e o indireto.

RESOLUÇÃO:

Objeto direto: *um prato de mingau*.

Objeto indireto: *ao marido*.

- b) Quanto à predicação, como você classifica o verbo *servir*.

RESOLUÇÃO: Trata-se de verbo transitivo direto e indireto.

Concluindo: os verbos _____ têm dois complementos, um objeto direto (sem preposição) e um objeto indireto (com preposição). Esse verbo é núcleo do _____.

RESOLUÇÃO: transitivos diretos e indiretos, predicado verbal.

6. Analise as orações e indique a predicação dos verbos destacados.
VTD – para verbo transitivo direto que rege complemento **sem preposição**.

VTI – para verbo transitivo indireto que rege complemento **com preposição**.

VTDI – para verbo transitivo direto e indireto que rege um complemento **sem preposição** e outro **com preposição**.

VI – para verbo intransitivo que não rege complemento, mas pode vir seguido de adjunto adverbial.

- a) “Lá **vem** o acendedor de lampiões da rua.” (Jorge de Lima)
 (**VI**)
- b) “Já **comparei** o meu estilo ao andar dos ébrios.” (Machado de Assis)
 (**VTDI**)
- c) “No ano seguinte, ela não **apareceu** no baile.” (Luis Fernando Verissimo)
 (**VI**)
- d) “Não **conte** comigo, ...” (Rubem Fonseca)
 (**VTI**)
- e) “Nós, por exemplo, **vemos** na borboleta o emblema da inconstância;
 os japoneses **veem** nela o emblema da fidelidade.” (Machado de Assis)
 (**VTD**)

Concluindo: o **predicado verbal** contém verbos nocionais (VI, VTD, VTI, VTD e I), ou seja, verbos que indicam ação ou ocorrência e podem necessitar ou não de complemento verbal. Os **complementos verbais** são o **objeto direto**, que não precisa de preposição, e o **objeto indireto**, sempre preposicionado.

SUBSTITUIÇÕES

- O **OBJETO DIRETO** pode ser substituído pelos pronomes oblíquos **o(s)**, **a(s)**.
 Depois de verbos terminados em **R**, **S** ou **Z**, os verbos perdem essas letras e os pronomes passam a **lo(s)**, **la(s)**.
 Depois de verbos terminados em **som nasal**, os pronomes passam a **no(s)**, **na(s)**.
- O **OBJETO INDIRETO** pode ser substituído pelos pronomes oblíquos **lhe**, **lhes**.

7. (VUNESP) – Assinale a alternativa em que a palavra ou expressão destacada foi corretamente substituída por um pronome pessoal, de acordo com a norma culta.

- a) A seleção natural favoreceu *peessoas preocupadas*./A seleção natural favoreceu-lhes.
- b) Se simplesmente tratarmos *a febre*.../Se simplesmente a tratarmos...
- c) Os tipos de ansiedade atrapalham *as coisas boas da vida*./Os tipos de ansiedade atrapalham-as.
- d) As cidades americanas instituíram *o Dia do Pânico*./As cidades americanas lhe instituíram.
- e) Não podemos ignorar *a causa real* de nossa preocupação./Não podemos ignorar-la.

RESOLUÇÃO:

Em *a*, favoreceu-as; em *c*, atrapalham-nas; em *d*, instituíram-no; em *e*, ignorá-la.

Resposta: B

Concluindo: a) Os pronomes oblíquos **o**, **a**, **os**, **as** (**no**, **na**, **nos**, **nas** e **lo**, **la**, **los**, **las**) exercem função sintática de **objeto direto**; b) os pronomes oblíquos **lhe**, **lhes** exercem a função sintática de **objeto indireto**; c) os pronomes oblíquos **me**, **te**, **se**, **nos**, **vos** exercem a função sintática de **objeto direto** ou **objeto indireto**, dependendo do verbo que rege esses pronomes.

CONTRAÇÕES

lhe + o = lho
 lhe + os = lhos

lhe + a = lha
 lhe + as = lhas

8. Classifique sintaticamente os pronomes em negrito.

a) “Tu sabes, ou fica sabendo, que **te** admiro.” (Machado de Assis)

RESOLUÇÃO: objeto direto

b) “Apenas **vos** falta um ser, e tudo está despovoado.” (Alphonse de Lamartine)

RESOLUÇÃO: objeto indireto

c) “Na volta, os que se lembravam dela queriam notícias, e eu dava-lhas, como se acabasse de viver com ela...” (Machado de Assis)

RESOLUÇÃO:

lhas = objeto direto e indireto: *lhes* (a eles, representado pelo pronome demonstrativo *os* = aqueles) + *as* (notícias).

d) “Marcelo ofereceu-me polidamente o refresco.” (Machado de Assis)

RESOLUÇÃO: me = o. indireto

Concluindo:

Pronomes pessoais retos	Pronomes pessoais oblíquos		
<i>eu, tu, ele, ela, nós, vós, eles, elas</i>	<i>o, a, os, as</i>	<i>lhe, lhes</i>	<i>me, te, se, nos, vos</i>
funcionam como sujeito	funcionam como objeto direto	funcionam como objeto indireto	funcionam como objeto direto ou objeto indireto



Aplicação

- I. “E com um sorriso único, reflexo de alma satisfeita, alguma coisa que traduzia **a delícia íntima das sensações supremas** (...)” (M. A.)
- II. “(...) Fortunato cortou a terceira pata de rato, e fez pela terceira vez **o mesmo movimento** até a chama.” (M. A.)
- III. “Ao descê-lo pela quarta vez, até a chama, deu mais rapidez **ao gesto** (...)” (M. A.)
- IV. “Faltava cortar **a última pata** (...)” (M. A.)
- V. “(...) para salvar, se pudesse, **alguns farrapos de vida**.” (M. A.)

Assinale a alternativa que apresenta **erro** na substituição do trecho destacado pelo pronome correspondente:

- a) alguma coisa que as traduzia. b) e fê-lo pela terceira vez.
 c) deu-lhe mais rapidez. d) Faltava cortá-la.
 e) para salvá-los, se pudesse.

RESOLUÇÃO

Resposta: A (que a traduzia)

MÓDULO 5

PREDICADO VERBO-NOMINAL

Observe os predicados das orações seguintes.

Ele saiu. Ele estava apressado.

Ele saiu. (predicado verbal)

Ele estava apressado. (predicado nominal)

Observe, agora, a transformação dessas duas orações em uma única oração, com predicado verbo-nominal.

Ele saiu apressado.

VI Predicativo do sujeito

1. Transforme os pares de orações seguintes, que apresentam predicado verbal e predicado nominal, em uma única oração com predicado verbo-nominal. Grife e classifique o predicativo.

a) A anfitriã recebeu os convidados. A anfitriã estava envergonhada.

RESOLUÇÃO:

A anfitriã recebeu os convidados envergonhada.

Predicativo do sujeito

b) Os promotores julgaram a lei. Ela era inconstitucional.

RESOLUÇÃO:

Os promotores julgaram a lei inconstitucional.

Predicativo do objeto direto

c) O candidato fez a entrevista. Ele estava nervoso.

RESOLUÇÃO:

O candidato fez a entrevista nervoso.

Predicativo do sujeito

d) O cidadão reclamou do barulho. Ele estava irritado.

RESOLUÇÃO:

O cidadão reclamou do barulho irritado.

Predicativo do sujeito

e) O guarda-florestal encontrou os adolescentes. Os adolescentes estavam desorientados.

RESOLUÇÃO:

O guarda-florestal encontrou os adolescentes desorientados.

Predicativo do objeto direto

PREDICADO VERBO-NOMINAL é aquele que apresenta como núcleos um **verbo nocional** e um **nome**.

O predicado verbo-nominal pode apresentar

PREDICATIVO DO SUJEITO: quando o nome atribui uma característica ao **sujeito**.

PREDICATIVO DO OBJETO: quando o nome atribui uma característica ao **objeto direto** ou, com menos frequência, ao **objeto indireto**.

2. As frases a seguir têm verbo transitivo direto e predicativo. Para localizar o predicativo, substitua o objeto direto por um pronome oblíquo e observe que o adjetivo que sobra funciona sintaticamente como predicativo do sujeito ou do objeto.

a) O resultado da prova deixou o rapaz decepcionado.

RESOLUÇÃO:

O resultado da prova deixou-o decepcionado.

(predicativo do objeto)

b) Considerou injusta a reclamação do vizinho.

RESOLUÇÃO:

Considerou-a injusta.

(predicativo do objeto)

c) Julgava a promoção impossível.

RESOLUÇÃO:

Julgava-a impossível.

(predicativo do objeto)

d) O motorista atropelou os transeuntes bêbado.

RESOLUÇÃO:

O motorista atropelou-os bêbado.

(predicativo do sujeito)

e) Os especialistas consideraram baixos os juros do último mês.

RESOLUÇÃO:

Os especialistas consideraram-nos baixos.

(predicativo do objeto)

f) Os torcedores deixaram o estádio decepcionados.

RESOLUÇÃO:

Os torcedores deixaram-no decepcionados.

(predicativo do sujeito)

3. (UNESP) – *O esporte é bom pra gente, fortalece o corpo e emburrece A MENTE. – Antes que o primeiro corredor indignado atire UM TÊNIS em minha direção (...) – Quando estamos correndo, não há PREVISÃO DE PAGAMENTO.*

Os termos grafados com letras maiúsculas nas passagens acima, extraídas do texto apresentado, identificam-se pelo fato de exercerem a mesma função sintática nas orações de que fazem parte.

Indique essa função:

- Sujeito.
- Predicativo do sujeito.
- Predicativo do objeto.
- Objeto direto.
- Complemento nominal.

RESOLUÇÃO:

A função sintática dos termos destacados é de objeto direto, pois completam os verbos *emburrecer*, *atirar* e *haver*, transitivos diretos.

Resposta: D

4. Sublinhe os predicativos e coloque:

PS – para predicativo do sujeito; PO – para predicativo do objeto.

- (PS) “Em noite de roça, tudo é canto e recanto.” (G. Rosa)
- (PS) “Tocou de leve os cabelos dela, inibido.” (Garcia de Paiva)
- (PS) “Volto do trabalho fatigado de mentiras.” (Ferreira Gullar)
- (PO) “Câmbio deixa inseguro os empresários.” (*Folha de S. Paulo*)
- (PO) “Achava o céu sempre lindo.” (Casimiro de Abreu)
- (PS) “O rapaz, completamente desatinado, fugiu na carreira.” (Mário de Andrade)
- (PO) “Sentia ainda muito abertos os ferimentos.” (Lima Barreto)
- (PO) “As mulheres o achavam um homem fascinante.” (Rubem Fonseca)
- (PS) “Os roncões de Fabiano eram insuportáveis.” (G. Ramos)
- (PS) “Entrei apressado.” (Machado de Assis)
- (PO) “Ao menino de 1918 chamavam anarquista.” (Carlos D. de Andrade)

OBSERVAÇÃO COMPLEMENTAR

A localização do predicativo em uma oração pode lhe conferir clareza ou ambiguidade. Examine o seguinte exemplo:

Maria observou Joana absorta.

Quem estava absorta? Maria ou Joana? Ou seja: *absorta* é predicativo do sujeito *Maria* ou predicativo do objeto direto *Joana*?

Para conferir clareza, podemos reescrever a oração alterando a ordem dos termos.

Supondo que Maria é que estava absorta, poderíamos adotar as seguintes estruturas:

Absorta, Maria observou Joana.

Maria, absorta, observou Joana.

Supondo que Joana é que estava absorta, podemos conservar o predicado verbo-nominal reescrevendo a oração na seguinte ordem:

Joana, absorta, Maria observou.

Trata-se, porém, de uma ordem estranha à língua corrente, muito arcaica, só aceitável em contextos literários. Podemos, ainda, transformar a oração única em duas: uma com predicado verbal e outra com predicado nominal:

Maria observou Joana e esta estava absorta.

Maria observou Joana, que estava absorta.

Maria observou que Joana estava absorta.

5. A comissão ouvia a depoente atônita.

a) O predicativo, na frase dada, é do sujeito ou do objeto?

RESOLUÇÃO:

Não é possível classificar o predicativo porque a frase é ambígua.

b) Reescreva a frase desfazendo o problema apontado na questão anterior.

RESOLUÇÃO:

Há várias maneiras de desfazer o duplo sentido:

***A comissão, atônita, ouvia a depoente.**

Atônita, a comissão ouvia a depoente.

A comissão ouvia atônita a depoente.

***A comissão ouvia a depoente, que estava atônita.**

A depoente, atônita, era ouvida pela comissão.

3. Grife os adjuntos adverbiais do texto seguinte, indicando a circunstância que eles expressam, segundo o código:

- | | | |
|---------------|----------------|------------|
| a) tempo | b) modo | c) negação |
| d) dúvida | e) intensidade | f) lugar |
| g) comparação | h) instrumento | i) causa |

Fabiano, encaiporado [infeliz, aborrecido, chateado], fechou as mãos e deu murros na coxa. Diabo. Esforçava-se por esquecer uma
(f)

infelicidade, e vinham outras infelicidades. Não queria lembrar-se do
(c)

padrão nem do soldado amarelo. Mas lembrava-se, com desespero,
(b)

enroscando-se como uma cascavel assanhada. Era um infeliz, era a
(g)

criatura mais infeliz do mundo. Devia ter ferido naquela tarde o
(a)

soldado amarelo, devia tê-lo cortado a facção. (...) Se não fosse tão
(h) (c) (e)

fraco, teria entrado no cangaço e feito misérias. Depois levaria um
(f) (a)

tiro de emboscada ou envelheceria na cadeia, cumprindo sentença,
(f)

mas isto era melhor que acabar-se numa beira de caminho, assando
(f)

no calor, a mulher e os filhos acabando-se também. Devia ter furado
(i)

o pescoço do amarelo com faca de ponta, devagar. Talvez estivesse
(h) (b) (d)

preso e respeitado, um homem respeitado, um homem.

(Graciliano Ramos, *Vidas Secas*)

Leia esta notícia científica:

Há 1,5 milhão de anos, ancestrais do homem moderno deixaram pegadas quando atravessaram um campo lamacento nas proximidades do Ileret, no norte do Quênia. Uma equipe internacional de pesquisadores descobriu essas marcas recentemente e mostrou que elas são muito parecidas com as do “Homo sapiens”: o arco do pé é alongado, os dedos são curtos, arqueados e alinhados. Também, o tamanho, a profundidade das pegadas e o espaçamento entre elas refletem a altura, o peso e o modo de caminhar atual.

Anteriormente, houve outras descobertas arqueológicas, como, por exemplo, as feitas na Tanzânia, em 1978, que revelaram pegadas de 3,7 milhões de anos, mas com uma anatomia semelhante à de macacos. Os pesquisadores acreditam que as marcas recém-descobertas pertenceram ao “Homo erectus”.

(Revista FAPESP, n.º 157, março de 2009. Adaptado.)

4. (FUVEST) – No texto, a sequência temporal é estabelecida principalmente pelas expressões:

- “Há 1,5 milhão de anos”; “recentemente”; “anteriormente”.
- “ancestrais”; “moderno”; “proximidades”.
- “quando atravessaram”; “norte do Quênia”; “houve outras descobertas”.
- “marcas recém-descobertas”; “em 1978”; “descobertas arqueológicas”.
- “descobriu”; “mostrou”; “acreditam”.

RESOLUÇÃO:

A única alternativa que contém expressões de sentido temporal é a a; as demais incluem indicações de lugar (“proximidades”, “norte do Quênia”) ou de ocorrências não determinadas temporalmente (“houve outras descobertas”, “descobertas arqueológicas”, “descobriu”, “mostrou”, “acreditou”).

Resposta: A

5. (FUVEST) – No trecho “semelhante à de macacos”, fica subentendida uma palavra já empregada na mesma frase. Um recurso linguístico desse tipo também está presente no trecho assinalado em:

- A água não é somente herança de nossos predecessores; ela é, sobretudo, um empréstimo às futuras gerações.
- Recorrer à exploração da miséria humana, infelizmente, está longe de ser um novo ingrediente no cardápio da tevé aberta à moda brasileira.
- Ainda há quem julgue que os recursos que a natureza oferece à humanidade são, de certo modo, inesgotáveis.
- A prática do patrimonialismo acaba nos levando à cultura da tolerância à corrupção.
- Já está provado que a concentração de poluentes em área para não fumantes é muito superior à recomendada pela OMS.

RESOLUÇÃO:

Na frase da alternativa e subentende-se “concentração de poluentes” em seguida a “muito superior à”.

Resposta: E

6. (FEI) – Substitua a expressão destacada por um advérbio de significação equivalente:

- Recebeu a repreensão **sem dizer palavras**.

RESOLUÇÃO: caladamente; mudamente.

- Falava sempre **no mesmo tom**.

RESOLUÇÃO: monotonamente.

- Aceitou tudo **sem se revoltar**.

RESOLUÇÃO: submissamente; resignadamente.

- Trataram-me **como irmão**.

RESOLUÇÃO: fraternalmente.

- Eliminar **pela raiz**.

RESOLUÇÃO: radicalmente.

MÓDULO 1

A LÍRICA TROVADORESCA

LEITURA

Texto 1

Estes meus olhos nunca perderán,
senhor, gran coita, mentr'¹eu vivo for;
e direi-vos, fermosa mia senhor,
destes meus olhos a coita que han²:
choran e cegan, quand'alguen non veen,
e ora cegan por alguen que veen.

Guisado tēen de nunca perder
meus olhos coita e meu coraçõ³,
e estas coitas, senhor, mias son,
mais⁴ os meus olhos, por alguen veer,
choran e cegan, quand'alguen non veen,
e ora cegan por alguen que veen.

E nunca já poderei haver ben⁵,
pois que amor já non quer nen quer Deus;
mais os cativos destes olhos meus
morrerán sempre por veer alguen:
choran e cegan, quand'alguen non veen,
e ora cegan por alguen que veen.
(Joan Garcia de Guilhade, século XIII)

- 1 – Mentr': enquanto.
2 – Han: têm.
3 – Meus olhos e meu coração têm o hábito de nunca deixar de sofrer ("perder... coita").
4 – Mais: mas.
5 – Haver ben: ter prazer.

Texto 2

– Ai flores, ai flores do verde pinho¹,
se sabedes novas² do meu amigo?
Ai, Deus, e u³ é?

Ai flores, ai flores do verde ramo,
se sabedes novas do meu amado?
Ai, Deus, e u é?

Se sabedes novas do meu amigo,
aquele que mentiu do que pôs⁴ comigo?
Ai, Deus, e u é?

Se sabedes novas do meu amado,
aquele que mentiu do que m'a jurado?
Ai, Deus, e u é?

Vós me preguntades pelo voss' amigo?
E eu ben vos digo que é san'e vivo⁵.
Ai, Deus, e u é?

– Vós me preguntades pelo voss'amado?
E eu ben vos digo que é viv'e sano:
Ai, Deus, e u é?

E eu ben vos digo que é san'e vivo,
e será vosc'ant'o prazo saído⁶.
Ai, Deus, e u é?

E eu ben vos digo que é viv'e sano,
e será vosc'ant'o prazo passado.
Ai, Deus, e u é?

(Dom Dinis, séculos XIII-XIV)

- 1 – Pinho: pinheiro. 2 – Novas: notícias. 3 – U: onde. 4 – Pôs: combinou.
5 – San'e vivo: são e vivo. 6 – E estará convosco quando terminar o prazo do serviço militar.

Texto 3

Õa dona, non digu'eu qual,
non agoirou ogano mal¹:
polas oitavas² de Natal
ia por sa missa oir³,
e ouv'un corvo carnaçal,
e non quis da casa sair.

A dona, mui de coraçõ⁴,
oíra⁵ sa missa, enton,
e foi por oir o sarmon,
e vedes que lho foi partir⁶:
ouve sig'⁷ un corv'a carón⁸,
e non quis da casa sair.

A dona disse: – Que será?
E i⁹ o clérigu'¹⁰ está já
revestid'e maldizer-m'-á
se me na igreja non vir.
E diss'o corvo: – quá, acá¹¹,
e non quis da casa sair.

Nunca taes agoiros vi,
des aquel dia que nasci,
com'aquest'ano ouv'aquí¹²;
e ela quis provar de s'ir¹³
e ouv'un corvo sobre si,
e non quis da casa sair.

(Joan Airas de Santiago, século XIII)

- 1 – Agoirou ogano mal: teve pouco agouro.
2 – Oitavas: missas.
3 – Oir: ouvir.
4 – Mui de coração: de muito boa vontade.
5 – Oíra: ouviria.
6 – Partir: acontecer.
7 – Sig': consigo.
8 – A carón: colado ao corpo.
9 – I: ali (na igreja).
10 – Clérigu': padre.
11 – Quá, acá: aqui, vem cá.
12 – Com'aquest'ano ouv'aquí: como este ano houve aqui.
13 – Provar de s'ir: tentar ir.

Texto 4

*Ai, dona fea! fostes-vos queixar
porque vos nunca louv'en meu trobar;
mais ora¹ quero fazer un cantar
en que vos loarei², toda via;
e vedes como vos quero loar:
dona fea, velha e sandia³!*

*Ai, dona fea! se Deus me perdon,
e pois havedes tan gran coraçõ
que vos eu loe en esta rason,
vos quero já loar toda via;
e vedes qual será a loaçõ:
dona fea, velha e sandia!*

*Dona fea, nunca vos eu loei
en meu trobar, pero muito trobei;
mais ora já un bon cantar farei,
en que vos loarei: toda via;
e direi-vos como vos loarei:
dona fea, velha e sandia!*

(Joan Garcia de Guilhade, século XIII)

- 1 – Ora: agora.
2 – Loar: louvar.
3 – Sandia: louca.

EXERCÍCIOS

Releia a seguir o texto 3 da seção Leitura e responda ao que se pede.

*Õa dona, non digu'eu qual,
non agoirou ogano mal¹:
polas oitavas² de Natal
ia por sa missa oir³,
e ouv'un corvo carnaçal,
e non quis da casa sair.*

*A dona, mui de coraçõ⁴,
oíra⁵ sa missa, entõ,
e foi por oir o sarmon,
e vedes que lho foi partir⁶:
ouve sig⁷ un corv'a carón⁸,
e non quis da casa sair.*

*A dona disse: — Que será?
E i⁹ o clérigu¹⁰ está já
revestid'e maldizer-m'-á
se me na igreja non vir.
E diss'o corvo: — quá, acá¹¹,
e non quis da casa sair.*

*Nunca taes agoiros vi,
des aquel dia que nasci,
com'aquest'ano ouv'aquí¹²;
e ela quis provar de s'ir¹³
e ouv'un corvo sobre si,
e non quis da casa sair.*

(Joan Airas de Santiago, século XIII)

- 1 – Agoirou ogano mal: teve pouco agouro.
- 2 – Oitavas: missas.
- 3 – Oir: ouvir.
- 4 – Mui de coraçõ: de muito boa vontade.
- 5 – Oíra: ouviria.
- 6 – Partir: acontecer.
- 7 – Sig': consigo.
- 8 – A carón: colado ao corpo.
- 9 – I: ali (na igreja).
- 10 – Clérigu': padre.
- 11 – Quá, acá: aqui, vem cá.
- 12 – Com'aquest'ano ouv'aquí: como este ano houve aqui.
- 13 – Provar de s'ir: tentar ir.

1. Há duas histórias no poema, uma aparente e outra encoberta.
 - a) Resuma brevemente a história aparente.

RESOLUÇÃO:

A história aparente é a de uma mulher que deixa de ir à missa por medo do mau agouro devido à presença de um corvo.

- b) Resuma brevemente a outra história, aquela que é apenas sugerida.

RESOLUÇÃO:

A outra história, encoberta, é a de uma mulher que não vai à missa para satisfazer os desejos de um amante ávido.

Texto para as questões 2 e 3.

*Senhor fremosa, pois me non queredes
 creer a coita en que me ten amor,
 por meu mal é que tan ben parecedes
 e por meu mal vos filhei por senhor,
 e por meu mal tan muito ben ói
 dizer de vós, e por meu mal vos vi,
 pois meu mal é quanto ben vós havedes.*

crer no sofrimento
 sois tão bela
 tomei por amada
 ouvi
 todas as qualidades
 [que tendes
 (Martim Soares)

2. O texto transcrito pertence a uma cantiga de amor ou a uma cantiga de amigo? Justifique sua resposta com elementos do texto.

RESOLUÇÃO:

Pertence a uma cantiga de amor. Essa modalidade expressa uma visão aristocrática do amor, segundo as regras e valores da corte feudal. O trovador homenageia a amada, que é tratada como suserana, enquanto o cavaleiro age como vassalo (esse aspecto é explicitado já no primeiro verso: “Senhor fremosa...”). Outro elemento presente nas cantigas de amor é a *coita* ou sofrimento amoroso: “Senhor fremosa, pois me non queredes / creer a coita en que me ten amor”.

3. A expressão “meu mal”, repetida ao longo da estrofe, sugere
- confusão por parte do eu lírico, que entende como um mal aquilo que, na verdade, é um bem.
 - tom de lamento e desolação, já que o eu lírico sofre por não ser correspondido no amor.
 - possessividade, o que se comprova pelo emprego exaustivo do pronome possessivo *meu*.
 - arrependimento, já que o eu lírico escolheu por *senhor* uma mulher fora dos padrões aristocráticos.
 - pessimismo, visto que o eu lírico enfatiza apenas aspectos negativos da mulher amada.

RESOLUÇÃO:

O amor não correspondido consiste numa característica da cantiga de amor e justifica a *coita* ou sofrimento amoroso.

Resposta: B

Texto para o teste 4.

*Ondas do mar de Vigo,
 se vistes meu amigo!
 e ai Deus, se verrá cedo!*

virá

*Ondas do mar levado,
 se vistes meu amado!
 e ai Deus, se verrá cedo!*

*Se vistes meu amigo,
 o por que eu sospiro!
 e ai Deus, se verrá cedo!*

aquele pelo qual

*Se vistes meu amado,
 por que hei gran cuidado!
 e ai Deus, se verrá cedo!*

tenho grande
 (Martim Codax)

4. (MACKENZIE-SP – modificado) – Com relação ao texto, é **incorreto** dizer que

- justifica a presença de recursos estilísticos que contribuem para o caráter musical do poema o fato de, no contexto em que ele foi produzido, a literatura ser veiculada oralmente.
- a estrutura formal do texto é *paralelística*, porque nele os versos se repetem sistematicamente, com pequenas variações que envolvem as rimas.
- sua musicalidade advém exclusivamente da regularidade das rimas emparelhadas e da presença do refrão.
- se trata de uma cantiga de amigo, uma *marinha*, em que uma mulher indaga ao mar o paradeiro do “amigo”.
- se insere em um contexto em que a poesia se fazia acompanhar de instrumentos musicais.

RESOLUÇÃO:

Há diversos outros fatores de musicalidade no poema transcrito, além dos mencionados na alternativa c. Não só as rimas e o refrão contribuem para a musicalidade dessa composição, mas também o paralelismo sintático e métrico, as aliterações (em *d* e em *m*) etc.

Resposta: C

MÓDULO 2

A POESIA PALACIANA

LEITURA

Texto 1

TROVA À MANEIRA ANTIGA

*Comigo me desavim¹,
 sou posto em todo perigo;
 não posso viver comigo
 nem posso fugir de mim.*

*Com dor, da gente fugia,
 antes que esta assim crescesse;
 agora já fugiria
 de mim, se de mim pudesse.
 Que meio espero ou que fim
 do vão trabalho que sigo,
 pois que trago a mim comigo,
 tamanho imigo² de mim?*

(Sá de Miranda)

1 – *Desavir*: desentender, desencontrar.

2 – *Imigo*: forma arcaica de *inimigo*.

Texto 2

*Entre mim mesmo e mim
não sei [o] que s'alevantou¹
que tão meu imigo sou.*

*Uns tempos com grand'engano
vivi eu mesmo comigo,
agora, no mor² perigo,
se me descobre o mor dano.
Caro custa um desengano,
e pois m'este não matou,
quão caro que me custou!*

*De mim me sou feito alheio;
entre o cuidado e cuidado
está um mal derramado
que por mal grande me veio.
Nova dor, novo receio
foi este que me tomou
assi³ me tem, assi estou.*

(Bernardim Ribeiro)

1 – Alevantar: erguer. 2 – Mor: maior. 3 – Assi: assim.

EXERCÍCIOS

Texto para as questões de 1 a 3.

*Senhora, partem tam tristes
meus olhos por vós, meu bem,
que nunca tam tristes vistes
outros nenhuns por ninguém.*

tão

*Tam tristes, tam saudosos,
tam doentes da partida,
tam cansados, tam chorosos,
da morte mais desejosos
cem mil vezes que da vida.*

*Partem tam tristes os tristes,
tam fora d'esperar bem,
que nunca tam tristes vistes
outros nenhuns por ninguém.*

1. O poema acima, de João Ruiz de Castelo Branco, representa um novo estilo de poesia, desligada da música, destinada à leitura e à declamação, e não mais ao canto. A musicalidade, agora, depende apenas da sonoridade e dos ritmos das palavras, associados a outros recursos literários, como os jogos de imagens e figuras de linguagem. Desses elementos, identifique, no texto,

a) uma *aliteração* (repetição de consoante) e

RESOLUÇÃO:

Há aliteração do /t/ por todo o poema, principalmente na primeira e na terceira estrofes, e também sibilância ou aliteração do /s/. [O fonema /s/ corresponde ao som “cê”, representado pela letra c em “cem” e pela letra s antes de consoante e no fim das palavras. Observar que o s entre vogais não é /s/ (“cê”), mas /z/ (“zê”), como em /saudozos/ e /xorozos/].

b) uma *hipérbole* (expressão exagerada).

RESOLUÇÃO:

“da morte mais desejosos / cem mil vezes que da vida”.

2. “Os olhos são as janelas da alma”, afirma um dito tradicional. Por que se pode dizer que, no poema transcrito, está implícita a mesma ideia?

RESOLUÇÃO:

Porque, no poema, os olhos substituem o sujeito, representando-se nas lágrimas o sofrimento da separação.

3. Apesar de não ser uma composição do Trovadorismo, o poema apresenta um ponto em comum com essa escola literária, no que se refere ao tratamento que é dispensado à figura feminina. Explique como isso ocorre.

RESOLUÇÃO:

Tanto no Trovadorismo como no poema em análise, a mulher é tratada por “senhora”, o que mostra uma tendência à submissão do eu lírico à mulher amada.

4. Sobre a passagem dos cancioneiros trovadorescos para o *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*, observam A. J. Saraiva e Ó. Lopes:

Mas as suas [dos cancioneiros trovadorescos] formas típicas tendem a desaparecer, em especial o paralelismo; a diversidade métrica que a[s] caracteriza restringe-se, dando lugar ao predomínio crescente do heptassílabo ou redondilha maior.

(SARAIVA, Antônio José; LOPES, Óscar. *História da Literatura Portuguesa*. Porto, Porto Editora, 16.^a ed., p. 156.)

Com base nas informações dadas, indique a alternativa em que se transcrevem versos representativos da poesia do *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*.

- a) *Amigos, non poss'eu negar
a gran coita que d'amor hei,
ca me vejo sandeu andar,
e con sandece o direi:
os olhos verdes que eu vi
me fazen ora andar assi.*
- tenho
tolo, louco
loucura
- b) *Amiga, muit'á gran sazón
que se foi d'aquí con el-rei
meu amigo; mais já cuidei
mil vezes no meu coração
que algur morreu con pesar,
pois non tornou migo falar.*
- há muito tempo
mas
algum lugar
comigo
- c) *Qual será o coração
tão cru e sem piedade
que lhe não cause paixão
uma tam grã crueldade
e morte tam sem razão?
Triste de mim, inocente,
que, por ter muito fervente
lealdade, fé, amor
ao príncipe, meu senhor,
me mataram cruamente!*
- d) *Hun tal home sei eu, ai ben talhada,
que por vós ten a sa morte chegada;
vede quem é e seed'en nenbrada;
eu, mia dona.*
- homem – formosa
lembrai-vos disso
- e) *Pero d'Armea, quando composestes
a vosso cuu, que tan ben parecesse
e lhi revol e concela posestes,
que donzela de parecer vencesse,
e sobrançelhas lhi fostes poer,
tod'est', amigo, soubestes perder
polos narizes que lhi non posestes.*
- arrumastes
cosméticos
em aparência
narinas

RESOLUÇÃO:

Resposta: C

MÓDULO 3

GIL VICENTE

LEITURA

Texto 1

O VELHO DA HORTA

Entra a Moça na horta e diz o Velho

- Senhora, benza-vos Deus.*
- M. *Deus vos mantenha, senhor.*
V. *Onde se criou tal flor?
Eu diria que nos céus!*
- M. *Mas no chão.*
V. *Pois damas se acharão
que não são vosso sapato.*
- M. *Ai! Como isso é tão vão,
e como as lisonjas são
de barato!*
- V. *Que buscais vós cá, donzela,
senhora, meu coração?*
- M. *Vinha ao vosso hortelão,
por cheiros¹ para a panela.*
- V. *E a isso
vindes vós, meu paraíso,
minha senhora, e não al²?*
- M. *Vistes vós! Segundo isso,
nenhum velho não tem siso³
natural.*
- V. *Ó meus olhinhos garridos,
minha rosa, meu arminho!*
- M. *Onde é o vosso ratinho⁴?
Não tem os cheiros colhidos?*
- V. *Tão depressa
vindes vós, minha condessa,
meu amor, meu coração!*
- M. *Jesus! Jesus! Que coisa é essa?
E que prática⁵ tão avessa
da razão?*
- Falai, falai doutra maneira!
Mandai-me dar a hortaliça.*
- V. *Grã fogo d'amor m'atiça,
ó minh'alma verdadeira!*
- M. *E essa tosse?
Amores de sobreposse⁶
serão os da vossa idade;
o tempo vos tirou a posse⁷.*
- V. *Mais amo que se moço fosse
com a metade⁸.*

- M. *E qual será a desastrada
que atende⁹ em vosso amor,*
- V. *Ó minh'alma e minha dor,
quem vos tivesse furtada¹⁰!*
- M. *Que prazer!
Quem vos isso ouvir dizer
cuidará que estais vós vivo,
ou que estais para viver¹¹.*
- V. *Vivo não no quero ser,
mas cativo!*
- M. *Vossa alma não é lembrada
que vos despede esta vida?*
- V. *Vós sois minha despedida,
minha morte antecipada.*
- M. *Que galante!
Que rosa! Que diamante!
Que preciosa perla¹² fina!*
- V. *Ó Fortuna¹³ triunfante!
Quem meteu um velho amante¹⁴
com menina!*

1 – Cheiros: temperos.

2 – Não al?: não por outro motivo?

3 – Siso: juízo.

4 – Ratinho: empregado.

5 – Prática: conversa.

6 – De sobreposse: posição.

7 – Posse: energia.

8 – Metade: metade da idade.

9 – Atender: atentar, “dar bola”.

10 – Furtado: raptado.

11 – Estais para viver: viver longamente.

12 – Perla: pérola.

13 – Fortuna: Destino.

14 – Amante: apaixonado.

Texto 2

AUTO DA BARCA DO INFERNO

O primeiro entrelocutor é um FIDALGO que chega com um Pajem, que lhe leva um rabo mui comprido e ùa cadeira de espaldas. E começa o Arrais do Inferno ante que o Fidalgo venha.

- Dia. *À barca, à barca, houlá!
que temos gentil maré!* boa, propícia
- Ora venha o carro à ré!*
- Com. *Feito, feito!*
- Dia. *Bem está!
Vai tu muitieramá,* em muito má hora
- atesa aquele palanco* corda que prende a vela
- e despeja aquele banco,* desocupa
- pera a gente que virá.*
- À barca, à barca, hu-u!*
- Asinha, que se quer ir!* depressa
- Oh, que tempo de partir,
louvares a Berzebu!* Belzebu, o Diabo
- Ora, sus! que fazes tu?* eia
- Despeja todo esse leito!*
- Com. *Em boa hora! Feito, feito!*
- Dia. *Abaixa aramá esse cu!* trabalha com cuidado!

- Faze aquela poja lesta* cabo – frouxa
- e alija aquela driça.* alivia – corda para içar velas
- Com. *Oh-oh, caça! Oh-oh, iça, iça!* levanta a vela
- Dia. *Oh, que caravela esta!
Põe bandeiras, que é festa.
Verga alta! Âncora a pique!
Ó poderoso dom Anrique,
cá vindes vós?... Que cousa é esta?...*

Vem o FIDALGO e, chegando ao batel infernal, diz:

- Fid. *Esta barca onde vai ora,
que assi está apercebida?* aparelhada
- Dia. *Vai pera a ilha perdida,* Inferno
- e há de partir logo ess'ora.*
- Fid. *Pera lá vai a senhora?* (o F. toma o D. por mulher)
- Dia. *Senhor, a vosso serviço.* (o D. corrige o F.)
- Fid. *Parece-me isso cortiço...*
- Dia. *Porque a vedes lá de fora.*
- Fid. *Porém, a que terra passais?*
- Dia. *Pera o Inferno, senhor.*
- Fid. *Terra é bem sem-sabor.* sem graça
- Dia. *Quê?... E também cá zombais?*
- Fid. *E passageiros achais
pera tal habitação?*
- Dia. *Vejo-vos eu em feição* com o jeito adequado
- pera ir ao nosso cais...*
- Fid. *Parece-te a ti assi!*
- Dia. *Em que esperas ter guarida?* proteção
- Fid. *Que leixo na outra vida* deixo
- quem reze sempre por mi.*
- Dia. *Quem reze sempre por ti?!...
Hi, hi, hi, hi, hi, hi, hi!...
E tu viveste a teu prazer,
cuidando cá guarecer* salvar-se
- porque rezam lá por ti?!...*

- Embarcai! Hou! Embarcai,
que haveis de ir à derradeira!* afinal
- Mandai meter a cadeira,* pôr no barco
- que assi passou vosso pai.*
- Fid. *Quê? Quê? Quê? Assi lhe vai?* essa é a situação dele?
- Dia. *Vai ou vem, embarcai prestes!* rápido
- Segundo lá escolhestes,
assi cá vos contentai.*

- Pois que já a morte passastes,
haveis de passar o rio.*
- Fid. *Não há aqui outro navio?*
- Dia. *Não, senhor, que este fretastes,
e primeiro que expirastes
me destes logo o sinal.*
- Fid. *Que sinal foi esse tal?*
- Dia. *Do que vós vos contentastes.
(...)*

EXERCÍCIOS

1. (PUC-SP – modificado) – Gil Vicente escreveu o *Auto da Barca do Inferno* em 1517, no momento em que eclodia na Alemanha a Reforma Protestante, com a crítica veemente de Lutero ao mau clero dominante na Igreja. Nessa obra, há a figura do Frade, severamente censurado como um sacerdote negligente. Indique a alternativa cujo conteúdo **não** se presta a caracterizar, na referida peça, os erros cometidos por essa personagem.
- Não cumprir os votos de celibato, mantendo a concubina Florença.
 - Entregar-se a práticas mundanas, como a dança.
 - Praticar esgrima e usar armamentos de guerra, proibidos aos clérigos.
 - Transformar a religião em manifestação formal, ao automatizar os ritos litúrgicos.
 - Praticar a avareza, como cúmplice do Fidalgo, e a exploração da prostituição, em parceria com a Alcoviteira.

RESOLUÇÃO:

Não há indicação no texto vicentino de que houvesse cumplicidade entre o Frade e o Fidalgo na prática da avareza, nem de que fosse parceiro de Brísida Vaz na exploração da prostituição. Não consta que o Frade tirasse proveito financeiro do fornecimento de “meninas”, as quais a alcoviteira reservava para os “cônegos da Sé”.

Resposta: E

2. No Inferno da *Divina Comédia*, de Dante Alighieri (1265-1321), as almas dos condenados acham-se enredadas nos mesmos pecados que praticavam em vida: os arrogantes estão afundados em sua arrogância, os maldizentes estão envolvidos em uma língua de fogo etc. No Inferno de Gil Vicente ocorre algo semelhante: os pecadores não se desligam dos objetos de seus pecados. Explique e dê exemplos.

RESOLUÇÃO:

Os condenados de Gil Vicente são, todos, de tal forma apegados aos objetos de seus pecados, que os levam para o outro mundo. Assim, o Fidalgo chega acompanhado de um pajem, que segura a cauda da luxuosa vestimenta do nobre e carrega uma cadeira, de que o Fidalgo se faz acompanhar — ou seja, este último vai para a morte cercado daquilo que caracterizou sua vida de altivez, arrogância e riqueza. Da mesma forma, o Frade traz a moça, que representa a devassidão moral do religioso, e a espada, que simboliza a sua vida cortesã; o Sapateiro carrega as fôrmãs e o avental que lhe serviram, em seu ofício, para explorar seus clientes; o Corregedor chega ao “cais das almas” sobraçando os volumes dos processos que julgava de maneira corrupta, pois aceitava propinas em troca de suas sentenças; a Alcoviteira vem provida de himens postiços, todo um armário de mentiras e outros instrumentos de ilusão; o Onzeneiro leva o seu bolsão de dinheiro; o Judeu carrega a cabra que era tida como símbolo de sua religião.

3. (PUC-SP) – O teatro de Gil Vicente caracteriza-se por ser fundamentalmente popular. E essa característica manifesta-se, particularmente, em sua linguagem poética, como ocorre no trecho a seguir, do *Auto da Barca do Inferno*.

*Ó Cavaleiros de Deus,
A vós estou esperando,
Que morrestes pelejando
Por Cristo, Senhor dos Céus!
Sois livres de todo o mal,
Mártires da Madre Igreja,
Que quem morre em tal peleja
Merece paz eternal.*

No texto, fala final do Anjo, temos no conjunto dos versos

- variação de ritmo e quebra de rimas.
- ausência de ritmo e igualdade de rimas.
- alternância de redondilho maior e menor e simetria de rimas.
- emprego de redondilho menor e rimas opostas e emparelhadas.
- igualdade métrica e uniformidade no esquema de rimas.

RESOLUÇÃO:

Os versos são todos redondilhos maiores (sete sílabas métricas) e as rimas repetem o mesmo esquema de interpolação: ABBACDDC.

Resposta: E

4. (FUVEST-SP) – Considere as seguintes afirmações sobre o *Auto da Barca do Inferno*, de Gil Vicente:
- O auto atinge seu clímax na cena do Fidalgo, personagem que reúne em si os vícios das diferentes categorias sociais anteriormente representadas.
 - A discontinuidade das cenas é coerente com o caráter didático do auto, pois facilita o distanciamento do espectador.
 - A caricatura dos tipos sociais presentes no auto não é gratuita nem artificial, mas resulta da acentuação de traços típicos.

Está correto **apenas** o que se afirma em

- I.
- II.
- II e III.
- I e II.
- I e III.

RESOLUÇÃO:

A afirmação I é falsa, pois o auto não atinge seu clímax na cena do Fidalgo, e, além disso, essa personagem não reúne em si os vícios das categorias anteriormente representadas.

O Fidalgo simboliza apenas a aristocracia arrogante, opressiva, pretensiosa e é a primeira personagem a entrar na barca do Inferno.

As afirmações II e III apresentam características fundamentais do teatro de Gil Vicente: o caráter didático-moral do auto e a presença de tipos sociais caricaturados, isto é, deformados pelo exagero.

Resposta: C

MÓDULO 4

A MEDIDA NOVA – LUÍS DE CAMÕES

LEITURA

Texto 1

DESCALÇA VAI PARA A FONTE

MOTE

*Descalça vai para a fonte
Lianor pela verdura¹;
Vai formosa, e não segura.*

VOLTAS

*Leva na cabeça o pote,
O testo² nas mãos de prata,
Cinta de fina escarlata,
Sainho de chamalote³;
Traz a vasquinha⁴ de cote⁵,
Mais branca que a neve pura;
Vai formosa, e não segura.*

*Descobre a touca a garganta,
Cabelos de ouro o trançado,
Fita de cor de encarnado⁶,
Tão linda que o mundo espanta!
Chove nela graça tanta,
Que dá graça à formosura;
Vai formosa, e não segura.*

1 – Verdura: vegetação.

2 – Testo: tampa do pote.

3 – Chamalote: tecido de lã e seda.

4 – Vasquinha: saia de vestir por cima de toda a roupa, com muitas pregas na cintura.

5 – De cote: de uso diário.

6 – Encarnado: vermelho.

Texto 2

ESPARSA AO DESCONCERTO DO MUNDO

*Os bons vi sempre passar
No mundo graves tormentos;
E, para mais me espantar,
Os maus vi sempre nadar
Em mar de contentamentos.
Cuidando alcançar assim
O bem tão mal ordenado,
Fui mau, mas fui castigado.
Assim que só para mim
Anda o mundo concertado.*

Texto 3

*Amor é um fogo que arde sem se ver;
É ferida que dói e não se sente;
É um contentamento descontente,
É dor que desatina sem doer.*

*É um não querer mais que bem querer;
É um andar solitário entre a gente;
É nunca contentar-se de contente;
É um cuidar que ganha em se perder.*

*É querer estar preso por vontade;
É servir a quem vence, o vencedor;
É ter com quem nos mata lealdade.*

*Mas como causar pode seu favor
Nos corações humanos amizade,
Se tão contrário a si é o mesmo Amor?*

Texto 4

*Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida, descontente,
Repousa lá no céu eternamente,
E viva eu cá na terra sempre triste.*

*Se lá no assento etéreo, onde subiste,
Memória desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro viste.*

*E se vires que pode merecer-te
Alguma coisa a dor que me ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-te,*

*Roga a Deus, que teus anos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.*

EXERCÍCIOS

Texto para as questões 1 e 2.

*Quando da bela vista e doce riso
Tomando estão meus olhos mantimento¹,
Tão enlevado sinto o pensamento,
Que me faz ver na terra o Paraíso.*

*Tanto do bem humano estou diviso²,
Que qualquer outro bem julgo por vento;
Assi que em caso tal, segundo sento³,
Assaz de pouco faz quem perde o siso.*

*Em vos louvar, Senhora, não me fundo⁴,
Porque quem vossas cousas claro sente,
Sentirá que não pode merecê-las.*

*Que de tanta estranheza sois ao mundo,
Que não é d'estranyar, Dama excelente,
Que quem vos fez, fizesse Céu e estrelas.*

(Camões, ed. A.J. da Costa Pimpão)

1 – Tomando mantimento: alimentando-se, tomando consciência.

2 – Estou diviso: estou separado, apartado.

3 – Sento: sinto.

4 – Não me fundo: não me empenho.

1. (FUVEST-SP – adaptada) – Aponte duas características deste poema que o filiam ao Classicismo, explicando-as sucintamente.

RESOLUÇÃO:

A forma fixa do soneto petrarquista, pela disposição estrófica em dois quartetos e dois tercetos, e a métrica decassilábica (a *medida nova*) são os dois traços mais evidentes da Escola Clássica, imediatamente perceptíveis. Mas há mais: a sintaxe opulenta, com hipérbatos (inversões) frequentes, a seleção vocabular, a contensão emocional, o desenvolvimento lógico etc.

2. (FUVEST-SP – adaptada) – Caracterize brevemente a concepção de mulher que este poema apresenta.

RESOLUÇÃO:

Camões concebe a mulher não como uma companheira humana, mas como um ser angélico que sublima e apura a alma do amante. Iluminada por uma luz sobrenatural que lhe transfigura as feições carnis, a beleza feminina converte-se numa imitação da Beleza plena, pura, que leva ao “mundo das ideias” e à divindade. É o que o eu lírico deixa patente na chave de ouro do soneto: apontando a distância entre a “Senhora” e as coisas terrenas, contempla-a expressamente como criatura divina: “...não é d’estrnhar, Dama excelente, / que quem vos fez, fizesse Céu e estrelas”.

Texto para os testes 3 e 4.

*Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
Muda-se o ser, muda-se a confiança;
Todo o mundo é composto de mudança,
Tomando sempre novas qualidades.*

*Continuamente vemos novidades,
Diferentes em tudo da esperança;
Do mal ficam as mágoas na lembrança,
E do bem (se algum houve), as saudades.*

*O tempo cobre o chão de verde manto,
Que já coberto foi de neve fria,
E, enfim, converte em choro o doce canto.*

*E, afora este mudar-se cada dia,
Outra mudança faz de mor espanto:
Que não se muda já como soía.*

maior
costumava
(Camões)

Nos testes 3 e 4, leia as afirmações I, II e III e assinale a alternativa correta.

3. I. No poema, reconhece-se como único estado de todas as coisas a mudança.
II. Como o tempo não permite que nada fique como é, do mal presente sempre resulta o bem futuro.
III. A mudança das coisas afeta até a própria mudança, pois esta já não se dá como antes.

Está correto o que se afirma em

- a) I e II, apenas. b) I e III, apenas. c) II e III, apenas.
d) I, apenas. e) I, II e III.

RESOLUÇÃO:

Resposta: B

4. I. O tema da inconstância da vida é expresso por meio de antíteses: “mal” x “bem”, “verde manto” x “neve fria”, “choro” x “doce canto”.
II. Embora a própria mudança possa variar, ela é contínua e está presente em tudo.
III. Na terceira estrofe há uma metáfora (“O tempo cobre o chão de verde manto”) e uma sinestesia (“doce canto”).

Está correto o que se afirma em

- a) I e II, apenas. b) I e III, apenas. c) II e III, apenas.
d) I, apenas. e) I, II e III.

RESOLUÇÃO:

Resposta: E

MÓDULO 5

OS LUSÍADAS (I)

LEITURA

Texto 1

PROPOSIÇÃO

*As armas e os barões¹ assinalados,
Que, da Ocidental praia Lusitana²,
Por mares nunca dantes navegados³,
Passaram ainda além da Taprobana⁴,
Em perigos e guerras esforçados
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota⁵ edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram⁶.*

*E também as memórias gloriosas
Daqueles Reis que foram dilatando⁷
A Fé, o Império, e as terras viciosas⁸
De África e de Ásia andaram devastando,
E aqueles que por obras valorosas
Se vão da lei da Morte libertando⁹:
Cantando espalharei¹⁰ por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.*

- 1 – *Armas*: guerras; *barões*: varões.
- 2 – Portugal é o país mais ocidental da Europa.
- 3 – Verso célebre, muito repetido.
- 4 – *Taprobana*: Ceilão (hoje Sri Lanka), ponto-limite primeiro ultrapassado pelos portugueses.
- 5 – *Gente remota*: povos distantes.
- 6 – *Sublimar*: elevar, enaltecer.
- 7 – *Dilatar*: ampliar, ou seja, espalhar pelo mundo.
- 8 – *A Fé, o Império*: O Cristianismo e o Império português; *terras viciosas*: países não cristãos.
- 9 – *Se vão da lei da Morte libertando*: Vão-se tornando imortais, porque serão sempre lembrados.
- 10 – *Cantando espalharei*: nessa expressão está o verbo principal, do qual tudo o que veio antes é objeto.

Texto 2

INVOCÇÃO

*E vós, Tágides minhas, pois criado
Tendes em mim um novo engenho ardente¹,
Se sempre, em verso humilde, celebrado
Foi de mim vosso rio alegremente,
Dai-me agora um som alto e sublimado,
Um estilo grandiloquo e corrente,
Por que de vossas águas Febo² ordene
Que não tenham inveja às de Hipocrene³.*

- 1 – *Engenho ardente*: refere-se à inspiração épica (heroica).
- 2 – *Febo*: Apolo, deus do Sol e aquele que preside as musas.
- 3 – *Hipocrene*: fonte que o cavalo alado Pégaso fez brotar no Hélicon. Quem bebesse de suas águas se tornaria poeta.

Texto 3

DEDICATÓRIA

*E, enquanto eu estes canto, e a vós não posso,
Sublime Rei, que não me atrevo a tanto,
Tomai as rédeas vós do Reino vosso:
Dareis matéria a nunca ouvido canto.
Comecem a sentir o peso grosso
(Que pelo mundo todo faça espanto)
De exércitos e feitos singulares
De África as terras e do Oriente os mares.*

Texto 4

NARRAÇÃO

*Já no largo Oceano navegavam,
As inquietas ondas apartando;
Os ventos brandamente respiravam,
Das naus as velas côncavas inchando;
Da branca espuma¹ os mares se mostravam
Cobertos, onde as proas vão cortando
As marítimas águas consagradas²,
Que do gado de Próteu³ são cortadas,*

*Quando os Deuses no Olimpo luminoso,
Onde o governo está da humana gente,
Se ajuntam em consílio⁴ glorioso,
Sobre as cousas futuras do Oriente.
(...)*

- 1 – *Espuma*: espuma.
- 2 – *Consagrado*: sagrado, santificado.
- 3 – *Próteu*: deus marinho, guardador do gado de Netuno. Tinha o dom de tomar todas as formas possíveis.
- 4 – *Consílio*: conselho, assembleia.

Texto 5

EPÍLOGO

*Não mais, Musa¹, não mais, que a Lira tenho
Destemperada² e a voz enrouquecida,
E não do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda e endurecida³.
O favor com que mais se acende o engenho
Não no dá a pátria, não, que está metida
No gosto da cobiça e na rudeza
D'uma austera, apagada e vil tristeza.*

- 1 – *Musa*: Camões dirige-se novamente a suas inspiradoras, as Tágides, para informá-las de que vai parar o poema, não porque se tivesse cansado do canto, mas porque sente falta do maior estímulo à sua poesia: o reconhecimento do povo, da pátria.
- 2 – *Destemperado*: desafinado.
- 3 – *Gente surda e endurecida*: o povo português. Para alguns críticos, Camões refere-se apenas àquela parcela corroída pela ganância e pelo individualismo. Para outros, o sentido da crítica é mais amplo e atinge toda a Nação, entregue ao obscurantismo religioso (a Contrarreforma), ao autoritarismo político (o Absolutismo), à decadência econômica e à retórica pedante e esterilizante da ignorância e do medo.

EXERCÍCIOS

1. Identifique, pelo fragmento transcrito, a parte estrutural de *Os Lusíadas*, sendo:

- A – se for a Proposição do poema;
- B – se for a Invocação às Tágides;
- C – se for a Dedicatória a D. Sebastião;
- D – se for o início da Narração do poema e
- E – se for o Epílogo.

- I. () *Vós, tenro e novo ramo florescente,
De uma árvore, de Cristo mais amada
Que nenhuma nascida no Ocidente,
Cesárea ou Cristianíssima chamada,
Vede-o no vosso escudo, que presente
Vos amostra a vitória já passada.*
- II. () *E também as memórias gloriosas
Daqueles Reis que foram dilatando
A Fé, o Império, e as terras viciosas
De África e de Ásia andaram devastando,
E aqueles que por obras valorosas
Se vão da lei da Morte libertando:
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.*
- III. () *Já no largo Oceano navegavam,
As inquietas ondas apartando;
Os ventos brandamente respiravam,
Das naus as velas côncavas inchando.*
- IV. () *Dai-me uma fúria grande e sonora,
E não de agreste avena ou frauta ruda,
Mas de tuba canora e belicosa,
Que o peito acende e a cor ao gesto muda.*
- V. () *Não mais, Musa, não mais, que a Lira tenho
Destemperada e a voz enrouquecida,
E não do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda e endurecida.*

RESOLUÇÃO:

I: C; II: A; III: D; IV: B e V: E.

Texto para as questões 2 e 3.

*Cessem do sábio Grego e do Troiano
As navegações grandes que fizeram:
Cale-se de Alexandre e de Trajano
A fama das vitórias que tiveram;
Que eu canto o peito ilustre Lusitano
A quem Netuno e Marte obedeceram.
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.*

2. (VUNESP-SP – adaptada) – A oitava transcrita constitui a terceira estrofe de *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, poema épico publicado em 1572, obra máxima do Classicismo português. O tipo de verso que Camões empregou é de origem italiana e fora introduzido na literatura portuguesa, algumas décadas antes, por Sá de Miranda. Quanto ao conteúdo, o poema *Os Lusíadas* toma como ponto de referência um episódio da História de Portugal. Com base nesses comentários e em seus próprios conhecimentos, releia a estrofe transcrita e indique o tipo de verso utilizado (pode mencionar simplesmente o número de sílabas métricas).

RESOLUÇÃO:

O tipo de verso utilizado é o decassílabo heroico (acento tônico na 6.^a e 10.^a sílabas), alternado algumas vezes com o decassílabo sáfico (acentos na 4.^a, 8.^a e 10.^a sílabas).

3. (VUNESP-SP) – Indique o episódio da História de Portugal que serve de núcleo narrativo ao poema.

RESOLUÇÃO:

Trata-se da viagem de Vasco da Gama às Índias, momento decisivo na história das grandes navegações e descobrimentos.

Texto para o teste 4.

*No mar, tanta tormenta e tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida;
Na terra, tanta guerra, tanto engano.
Tanta necessidade aborrecida!
Onde pode acolher-se um fraco humano,
Onde terá segura a curta vida,
Que não se arme e se indigne o Céu sereno
Contra um bicho da terra tão pequeno?*

(*Os Lusíadas*)

4. (FUVEST-SP) – Nesta estrofe, Camões

- exalta a coragem dos homens que enfrentam os perigos do mar e da terra.
- considera quanto o homem deve confiar na providência divina, que o ampara nos riscos e adversidades.
- lamenta a condição humana ante os perigos, sofrimentos e incertezas da vida.
- propõe uma explicação a respeito do destino do homem.
- classifica o homem como um bicho da terra, dada a sua agressividade.

RESOLUÇÃO:

A estrofe versa sobre a impotência do homem, que, no mar e na terra, encontra perigos e sofrimentos, devendo ainda submeter-se à cólera divina, que se arma e se indigna “contra um bicho da terra tão pequeno”.

Resposta: C

MÓDULO 6

OS LUSÍADAS (II)

LEITURA

Texto 1

EPISÓDIO DE INÊS DE CASTRO

(fragmento)

*Passada esta tão próspera vitória¹,
Tornado Afonso à Lusitana Terra,
A se lograr da paz com tanta glória
Quanta soube ganhar na dura guerra,
O caso triste e digno da memória,
Que do sepulcro os homens desenterra,
Aconteceu da mísera e mesquinha
Que depois de ser morta foi Rainha.*

(III, 118)

*Tu, só tu, puro Amor, com força crua,
Que os corações humanos tanto obriga,
Deste causa à molesta² morte sua,
Como se fora³ pérfida inimiga.
Se dizem, fero Amor, que a sede tua
Nem com lágrimas tristes se mitiga⁴,
É porque queres, áspero e tirano,
Tuas aras⁵ banhar em sangue humano.*

(III, 119)

*Estavas, linda Inês, posta em sossego,
De teus anos colhendo doce fruto⁶,
Naquele engano⁷ da alma, ledo e cego,
Que a Fortuna⁸ não deixa durar muito,
Nos saudosos campos do Mondego⁹,
De teus formosos olhos nunca enxuto¹⁰,
Aos montes ensinando e às ervinhas
O nome que no peito escrito tinhas.*

(III, 120)

*Do teu Príncipe ali te respondiam
As lembranças que na alma lhe moravam,
Que sempre ante seus olhos te traziam,
Quando dos teus formosos se apartavam;
De noite, em doces sonhos que mentiam,
De dia, em pensamentos que voavam;
E quanto, enfim, cuidava e quanto via
Eram tudo memórias de alegria.*

(III, 121)

*De outras belas senhoras e Princesas
Os desejados tálamos enjeita,
Que tudo, enfim, tu, puro amor, desprezas,
Quando um gesto suave te sujeita.
Vendo estas namoradas estranhezas,
O velho pai sisudo, que respeita
O murmurar do povo e a fantasia
Do filho, que casar-se não queria,*

(III, 122)

*Tirar Inês ao mundo determina,
Por lhe tirar o filho que tem preso,
Crendo co sangue só da morte indina¹¹
Matar do firme amor o fogo aceso.
Que furor consentiu que a espada fina,
Que pôde sustentar o grande peso
Do furor Mauro¹², fosse alevantada
Contra hũa fraca dama delicada?*

(III, 123)

(...)

*Ó tu, que tens de humano o gesto e o peito
(Se de humano é matar uma donzela,
Fraca e sem força, só por ter sujeito
O coração a quem soube vencê-la),
A estas criancinhas tem respeito,
Pois o não tens à morte escura dela;
Mova-te a piedade sua e minha,
Pois te não move a culpa que não tinha.*

(III, 127)

1 – Esta... vitória: refere-se à vitória dos cristãos na Batalha do Salado.

2 – Molesto: lastimoso, lamentável.

3 – Fora: fosse.

4 – Mitigar: abrandar.

5 – Ara: altar.

6 – Fruto: fruto.

7 – Engano: êxtase, enlevo.

8 – Fortuna: na crença dos antigos, deusa que presidia ao bem e ao mal; destino, fado.

9 – Mondego: rio que banha Coimbra.

10 – Enxuto: enxuto.

11 – Indino: indigno.

12 – Mauro: mouro.

Texto 2

EPISÓDIO DO VELHO DO RESTELO

(fragmento)

Mas um velho, de aspecto venerando,
Que ficava nas praias, entre a gente,
Postos em nós os olhos, meneando
Três vezes a cabeça, descontente,
A voz pesada um pouco alevantando,
Que nós no mar ouvimos claramente,
C'um saber só de experiências feito,
Tais palavras tirou do experto¹ peito:

(IV, 94)

“Ó glória de mandar, ó vã cobiça
Desta vaidade, a quem chamamos Fama!
Ó fraudulento gosto, que se atiaça
C'uma aura popular, que honra se chama!
Que castigo tamanho e que justiça
Fazes no peito vão que muito te ama!
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades neles experimentas²!

(IV, 95)

(...)

Não tens junto contigo o Ismaelita³,
Com quem sempre terás guerras sobejas?
Não segue ele do Arábio a Lei maldita,
Se tu pola⁴ de Cristo só pelejas?
Não tem cidades mil, terra infinita,
Se terras e riqueza mais desejas?
Não é ele por armas esforçado,
Se queres por vitórias ser louvado?

(IV, 100)

Deixas criar as portas o inimigo,
Por ires buscar outro de tão longe,
Por quem se despovoe o Reino antigo,
Se enfraqueça e se vá deitando a longe!
Buscas o incerto e incógnito perigo
Por que a Fama te exalte e te lisonje
Chamando-te senhor com larga cópia,
Da Índia, Pérsia, Arábia e Etiópia.

(IV, 101)

Oh! Maldito o primeiro que, no mundo,
Nas ondas vela pôs em seco lenho⁵!
Digno da eterna pena do Profundo⁶,
Se é justa a justa Lei que sigo e tenho!
Nunca júzo algum, alto e profundo,
Nem cítara sonora de vivo engenho,
Te dê por isso fama nem memória,
Mas contigo se acabe o nome e glória!

(IV, 102)

Trouxe o filho de Jápeto⁷ do Céu
O fogo que ajuntou ao peito humano,
Fogo que o mundo em armas acendeu,
Em mortes, em desonras (grande engano!).
Quanto melhor nos fora, Prometeu,
E quanto para o mundo menos dano,
Que a tua estátua ilustre não tivera
Fogo de altos desejos que a movera!

(IV, 103)

Não cometera o moço miserando⁸
O carro alto do pai, nem o ar vazio
O grande arquitecto co filho⁹, dando,
Um, nome ao mar, e o outro, fama ao rio.
Nenhum cometimento alto e nefando
Por fogo, ferro, água, calma e frio,
Deixa intentado a humana geração.
Mísera sorte! Estranha condição!”

(IV, 104)

1 – Experto: experiente, sábio.

2 – Exprimetas: experimentas.

3 – Ismaelita: referente a Ismael, filho de Abraão, segundo o Velho Testamento.

4 – Pola: pela.

5 – Seco lenho: embarcação, navio.

6 – Profundo: inferno.

7 – Filho de Jápeto: Prometeu.

8 – Miserando: digno de pena.

9 – Grande arquitecto com o filho: Dédalo (da mitologia grega) e seu filho, Ícaro.

EXERCÍCIOS

1. O episódio de Inês de Castro pode ser interpretado de forma simbólica? Esclareça.

RESOLUÇÃO:

Sim, pois uma interpretação possível é que o amor de Inês e Pedro representa os interesses do indivíduo, que, no caso, se chocam com os interesses de Estado. Estes últimos acabam se sobrepondo aos primeiros de forma cruel. Em outras palavras: os interesses coletivos (ou de Estado) podem destruir os interesses individuais e os indivíduos, em nome de um bem superior. (O casamento do príncipe era uma questão de Estado, já que afetava a vida de todo o país.) Por fim, pode-se ainda dizer que Inês de Castro simboliza o amor passional.

2. Pode-se dizer que, em *Os Lusíadas*, comparecem tanto o “maravilhoso pagão” como o “maravilhoso cristão”? Por quê?

RESOLUÇÃO:

Sim, pois a expressão “maravilhoso pagão” diz respeito à mitologia greco-latina presente na trama do poema, com deuses que favorecem ou prejudicam os navegantes portugueses. O “maravilhoso cristão” diz respeito à religião professada pelo poeta e também presente no material mítico do poema.

4. (ESANSP-SP – modificado) – A figura de linguagem que compõe o texto é o(a)

- polissíndeto: emprego reiterado de uma conjunção coordenativa, em especial as aditivas.
- prosopeia: atribuição de vida, ou qualidades humanas, a seres inanimados, irracionais; espécie de animismo.
- paronomásia: emprego de vocábulos semelhantes na forma, mas diferentes ou apenas aparentados no sentido.
- metonímia: emprego de um vocábulo por outro, com o qual se estabelece uma constante e lógica relação de contiguidade.
- aliteração: repetição de um mesmo fonema consonantal ou de fonemas consonantais parecidos, visando-se efeito estilístico.

RESOLUÇÃO:

Resposta: B

Texto para os testes 3 e 4.

*Converte-se-me a carne em terra dura;
Em penedos os ossos se fizeram;
Estes membros que vês e esta figura
Por estas longas águas se estenderam.
Enfim, minha grandíssima estatura
Neste remoto Cabo converteram
Os deuses; e, por mais dobradas mágoas,
Me anda Tétis cercando destas águas.*

(Camões, *Os Lusíadas*)

3. (PUC/SENAC-SP – modificado) – A epopeia camoniana *Os Lusíadas* estrutura-se em episódios, dos quais “O Gigante Adamastor” é um dos mais significativos. A estrofe acima representa o clímax narrativo do episódio, rico em elementos mitológicos, marcado por rigorosa elaboração literária. Essa estrofe tem por tema central

- a batalha de Adamastor contra Vasco da Gama, para impedi-lo de seguir caminho para as Índias.
- o castigo imposto pelos deuses a Adamastor, transformando-o em um grande rochedo.
- a luta dos deuses pagãos que queriam o naufrágio dos portugueses.
- a ação de Tétis, deusa das águas, que se apaixonou por Adamastor.
- a vitória dos portugueses, que conseguem transpor o Cabo das Tormentas, vencendo os perigos do mar.

RESOLUÇÃO:

Resposta: B

MÓDULO 7

BARROCO

LEITURA

Texto 1

*A serpe¹, que adornando várias cores²,
Com passos mais oblíquos³, que serenos,
Entre belos jardins, prados amenos,
É maio errante de torcidas flores⁴;*

*Se quer matar da sede os desfavores⁵,
Os cristais⁶ bebe coa peçonha⁷ menos,
Por que, não morra cos mortais venenos,
Se acaso gosta dos vitais licores⁸.*

*Assim também meu coração queixoso,
Na sede ardente do feliz cuidado
Bebe cos olhos teu cristal⁹ feroso;*

*Pois para não morrer no gosto amado,
Depõe logo o tormento venenoso,
Se acaso gosta o cristalino agrado¹⁰.*

(Manuel Botelho de Oliveira)

1 – *Serpe*: cobra, serpente. 2 – *Adornando várias cores*: perífrase de “colorida”. 3 – *Passos... oblíquos*: coleante, como o movimento da serpente. 4 – *É maio errante de torcidas flores*: multicolorida, a serpe é tão colorida quanto a primavera (maio, na Europa); *torcidas flores* sugere a imagem de cores em espiral, pelo movimento coleante da serpente. 5 – *Se quer matar da sede os desfavores*: perífrase de “se quer beber água”. 6 – *Cristais*: metáfora de “água”. 7 – *Peçonha*: veneno; *os cristais bebe coa peçonha menos* – bebe água, mas sem o veneno que nela se deposita. 8 – *Gostar*: beber, provar. 9 – *Vitais licores*: água. 10 – *Cristal*: brilho, beleza. 11 – *Feroso*: formoso. 12 – *Gosta o cristalino agrado*: aqui o verbo *gostar* está em lugar de *ver*; “vê o rosto amado”.

Texto 2

ACHANDO-SE UM BRAÇO PERDIDO DO MENINO DEUS DE N. S. DAS MARAVILHAS, QUE DESACATARAM INFIÉIS NA SÉ DA BAHIA

O todo sem a parte não é todo;
A parte sem o todo não é parte;
Mas se a parte o faz todo, sendo parte,
Não se diga que é parte, sendo o todo.

Em todo o Sacramento está Deus todo,
E todo assiste inteiro em qualquer parte,
E feito em partes todo em toda a parte,
Em qualquer parte sempre fica o todo.

O braço de Jesus não seja parte,
Pois, que feito Jesus em partes todo,
Assiste cada parte em sua parte.

Não se sabendo parte deste todo,
Um braço que lhe acharam, sendo parte,
Nos diz as partes todas deste todo.

(Gregório de Matos)

Texto 3

VOS ESTIS SAL TERRAE – Math., V, 13

Vós, diz Cristo Senhor nosso, falando com os Pregadores, sois o sal da terra: e chama-lhes sal da terra, porque quer que façam na terra o que faz o sal. O efeito do sal é impedir a corrupção, mas quando a terra se vê tão corrupta como está a nossa, havendo tantos nela que têm ofício de sal, qual será ou qual pode ser a causa desta corrupção? Ou é porque o sal não salga, ou porque a terra se não deixa salgar. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores não pregam a verdadeira doutrina; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes, sendo verdadeira a doutrina que lhes dão, a não querem receber; ou é porque o sal não salga, e os pregadores dizem uma coisa e fazem outra, ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes querem antes imitar o que eles fazem, que fazer o que dizem: ou é porque o sal não salga, e os pregadores se pregam a si, e não a Cristo; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes, em vez de servir a Cristo, servem a seus apetites. Não é tudo isto verdade? Ainda mal. (...)

(Padre Antônio Vieira, Sermão de Santo Antônio aos Peixes)

EXERCÍCIOS

Texto para a questão 1.

A UMA AUSÊNCIA

Sinto-me, sem sentir, todo abrasado
No rígoroso fogo que me alenta;
O mal, que me consome, me sustenta;
O bem, que me entretém, me dá cuidado.
Ando sem me mover, falo calado;

O que mais perto vejo, se me ausenta,
E o que estou sem ver, mais me atormenta;
Alegro-me de ver-me atormentado.

Choro no mesmo ponto em que me rio;
No mor risco me anima a confiança;
Do que menos se espera estou mais certo.

Mas se de confiado desconfio,
É porque, entre os receios da mudança,
Ando perdido em mim como em deserto.

(Antônio Barbosa Bacelar)

1. Por que se pode dizer que o soneto transcrito é representativo da estética barroca em sua vertente cultista?

RESOLUÇÃO:

É tipicamente cultista a definição do amor ou do estado amoroso por meio do jogo de antíteses em que os termos se contrariam uns aos outros (figura de linguagem chamada *oxímoro*). Outro elemento frequente na poesia cultista é a imagem da paixão amorosa como fogo.

Texto para as questões 2 e 3.

Nasce o Sol, e não dura mais que um dia,
Depois da Luz se segue a noite escura,
Em tristes sombras morre a formosura,
Em contínuas tristezas, a alegria.

Porém, se acaba o Sol, por que nascia?
Se é tão formosa a Luz, por que não dura?
Como a beleza assim se transfigura?
Como o gosto da pena assim se fia?

Mas, no Sol e na Luz, falte a firmeza,
Na formosura, não se dê constância
E, na alegria, sinta-se tristeza.

Começa o mundo enfim pela ignorância
E tem qualquer dos bens por natureza
A firmeza somente na inconstância.

(Gregório de Matos)

2. (FATEC-SP) – Assinale a alternativa que aponta a afirmação correta sobre o que se lê no poema.
- O texto afirma que a alegria é encontrada em contínuas tristezas, devido ao desapontamento sentido pelo poeta diante do curso seguido pelas forças naturais, tais como o findar do dia e o início da noite.
 - O alternar de dias e noites serve de expressão a um estranho desejo do poeta de que, na tristeza, se desfrutem as alegrias e, nas sombras da noite, a formosura do dia.
 - O tema central do soneto de Gregório de Matos revela-se em sua última estrofe e pode ser definido como uma reflexão acerca da transitoriedade dos bens do mundo, cuja última firmeza é a inconstância.
 - O poema focaliza e acentua a ignorância do ser humano, que, ao vivenciar a alegria, não sabe retê-la, preferindo, como o Sol, esconder-se nos próprios sofrimentos.
 - O poema toca também na questão da inocência, pois, ao falar do mundo que se inicia pela ignorância, está fazendo referência à pureza primordial da infância, que se opõe à degradação dos bens materiais.

RESOLUÇÃO:

O paradoxo contido na chave de ouro revela que a única coisa constante é a inconstância das coisas do mundo.

Resposta: C

3. O poema é todo construído em torno de uma figura de linguagem muito frequente no Barroco. De que figura se trata? Dê três exemplos do texto.

RESOLUÇÃO:

A figura é a antítese. Exemplos: *Sol (e Luz) x noite escura, tristeza x alegria, gosto x pena, firmeza x inconstância.*

Texto para o teste 4.

*Que és terra, homem, e em terra hás de tornar-te,
Te lembra hoje Deus por sua Igreja;
De pó te fez espelho, em que se veja
A vil matéria de que quis formar-te.*

4. (USF-SP) – Conforme sugere o excerto, o poeta barroco não raro expressa
- o medo de ser infeliz; uma intensa angústia em face da vida, a que não consegue dar sentido; a desilusão diante da falência de valores terrenos e divinos.
 - a consciência de que o mundo terreno é efêmero e vão; o sentimento de nulidade diante do poder divino.
 - a percepção de que não há saída para o homem; a certeza de que o aguardam o inferno e a desgraça espiritual.
 - a necessidade de ser piedoso e caritativo, paralela à vontade de fruir até as últimas consequências o lado material da vida.
 - a revolta contra os aspectos fatais que os deuses imprimem a seu destino e à vida na Terra.

RESOLUÇÃO:

Resposta: B

MÓDULO 8**O BARROCO CONCEPTISTA –
PADRE ANTÔNIO VIEIRA****LEITURA****Texto 1**

Mas como em um pregador há tantas qualidades e em uma pregação tantas leis, e os pregadores podem ser culpados em todas, em qual consistirá essa culpa? — No pregador, podem-se considerar cinco circunstâncias: a pessoa, a ciência, a matéria, o estilo, a voz.

(...)

Há de tomar o pregador uma só matéria, há de defini-la para que se conheça, há de dividi-la para que se distinga, há de prová-la com a Escritura, há de declará-la com a razão, há de confirmá-la com o exemplo, há de amplificá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se não de seguir, com os inconvenientes que se devem evitar; há de responder às dúvidas, há de satisfazer às dificuldades, há de impugnar e refutar com toda a força da eloquência os argumentos contrários, e depois disso há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir, há de acabar.

(...)

As razões não hão de ser enxertadas, hão de ser nascidas. O pregar não é recitar. As razões próprias nascem do entendimento, as alheias vão pegadas à memória e os homens não se convencem pela memória, senão pelo entendimento.

Semeadores do Evangelho, eis aqui o que devemos pretender nos nossos sermões, não que os homens saiam contentes de nós, senão que saiam muito descontentes de si; não que lhes pareçam bem os nossos conceitos, mas que lhes pareçam mal os seus costumes, as suas vidas, os seus passatempos, as suas ambições e, enfim, todos os seus pecados.

(Padre Antônio Vieira, *Sermão da Sexagésima*)

Texto 2

O polvo, com aquele seu capelo na cabeça, parece um monge; com aqueles seus raios estendidos, parece uma estrela; com aquele não ter osso nem espinha, parece a mesma brandura, a mesma mansidão. E, debaixo dessa aparência tão modesta ou dessa hipocrisia tão santa, testemunham constantemente (...) que o dito polvo é o maior traidor do mar.

(Padre Antônio Vieira, *Sermão de Santo Antônio aos Peixes*)

Texto 3

Quem nos há de ir buscar um pote de água ou feixe de lenha? Quem nos há de fazer duas covas de mandioca? Hão de ir nossas mulheres? Hão de ir nossos filhos?

(Padre Antônio Vieira,
Sermão da Primeira Domingo da Quaresma)

Texto 4

Em um engenho sois imitadores de Cristo Crucificado: porque padeceis em um modo muito semelhante ao que o mesmo Senhor padeceu na sua cruz e em toda a sua paixão. A sua cruz foi composta de dois madeiros, e a vossa em um engenho é de três. (...) Cristo despido, e vós despídos; Cristo sem comer, e vós famintos; Cristo em tudo maltratado, e vós maltratados em tudo. (...) Eles mandam, e vós servis; eles dormem, e vós velais; eles descansam, e vós trabalhais; eles gozam o fruto de vossos trabalhos, e o que vós colheis deles é um trabalho sobre outro. Não há trabalhos mais doces que os das vossas oficinas; mas toda essa doçura para quem é? Sois como as abelhas, de quem disse o poeta: “Sic vos non vobis mellificatis apes.”¹

(...)

(...) Deveis dar infinitas graças a Deus por vos ter dado conhecimento de si e por vos ter tirado de vossas terras, onde vossos pais e vós viveis como gentios, e vos ter trazido a esta, onde, instruídos na Fé, vivais como cristãos e vos salveis. (...)

Oh! se a gente preta tirada das brenhas de sua Etiópia, e passada ao Brasil, conhecera bem quanto deve a Deus e à sua Santíssima mãe por este que pode parecer desterro, cativo e desgraça, e não é senão milagre e grande milagre!

(Padre Antônio Vieira, *Sermão XIV do Rosário*)

1 – Verso atribuído a Virgílio: “Assim vós, mas não para vós, fabricais o mel, abelhas.”

Texto 5

(...) Não só são ladrões, diz o Santo [Basílio Magno], os que cortam bolsas, ou espreitam os que se vão banhar para lhes colher a roupa; os ladrões que mais própria e dignamente merecem este título são aqueles a quem os reis encomendam os exércitos e legiões, ou o governo das províncias, ou a administração das cidades, os quais, já com manha, já com força, roubam e despojam os povos. Os outros ladrões roubam um homem, estes roubam cidades e reinos; os outros furtam debaixo do seu risco, estes sem temor nem perigo; os outros, se furtam, são enforcados; estes furtam e enforcam.

(Padre Antônio Vieira, *Sermão do Bom Ladrão*)

EXERCÍCIOS

Texto para a questão 1.

Vós, diz Cristo, Senhor nosso, falando com os pregadores, sois o sal da terra: e chama-lhes sal da terra, porque quer que façam na terra o que faz o sal. O efeito do sal é impedir a corrupção; mas quando a terra se vê tão corrupta como está a
5 nossa, havendo tantos nela que têm ofício de sal, qual será ou qual pode ser a causa desta corrupção? Ou é porque o sal não salga, ou porque a terra se não deixa salgar. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores não pregam a verdadeira doutrina; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes, sendo
10 verdadeira a doutrina que lhes dão, a não querem receber; ou é porque o sal não salga, e os pregadores dizem uma cousa e fazem outra, ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes querem antes imitar o que eles fazem, que fazer o que dizem. (...) Não é tudo isto verdade? Ainda mal!

1. Todo o fragmento acima se desenvolve a partir de uma metáfora bíblica. Qual é essa metáfora e qual seu sentido?

RESOLUÇÃO:

A metáfora é “Vós... sois o sal da terra”. Ela significa que os pregadores devem evitar a corrupção da sociedade para a qual pregam, assim como o sal evita a corrupção (degradação) da terra.

Texto para os testes de 2 a 4.

Navegava Alexandre em uma poderosa armada pelo Mar Eritreu a conquistar a Índia, e como fosse trazido à sua presença um pirata que por ali andava roubando os pescadores, repreendeu-o muito Alexandre de andar em tão mau ofício; porém,
5 ele, que não era medroso nem lerdo, respondeu assim. — Basta, senhor, que eu, porque roubo em uma barca, sou ladrão, e vós, porque roubais em uma armada, sois imperador? — Assim é. O roubar pouco é culpa, o roubar muito é grandeza; o roubar com pouco poder faz os piratas, o roubar com muito, os Alexandres.
10 (...) O ladrão que furta para comer não vai, nem leva ao inferno; os que não só vão, mas levam, de que eu trato, são outros ladrões, de maior calibre e de mais alta esfera (...) Os outros ladrões roubam um homem: estes roubam cidades e reinos; os outros furtam debaixo do seu risco: estes sem temor, nem perigo; os
15 outros, se furtam, são enforcados: estes furtam e enforcam.

MÓDULO 9

GREGÓRIO DE MATOS

LEITURA

Texto 1

*Triste Bahia, oh quão dessemelhante
Estás e estou de nosso antigo estado!
Pobre te vejo a ti, tu a mi empenhado,
Rica te vi eu já, tu a mi abundante.*

*A ti tocou-te a máquina mercante,
Que em tua larga barra tem entrado;
A mi vem me trocando e tem trocado,
Tanto negócio e tanto negociante.*

Texto 2

RETRATO ANATÔMICO DOS ACHAQUES
DE QUE PADECIA ÀQUELE TEMPO A CIDADE DA BAHIA
(fragmento)

*Que falta nesta cidade? ... Verdade.
Que mais por sua desonra? ... Honra.
Falta mais que se lhe ponha? ... Vergonha.*

*O Demo a viver se exponha,
Por mais que a fama a exalta,
Numa cidade onde falta
Verdade, Honra, Vergonha.*

(...)

*E que justiça a resguarda? ... Bastarda.
É grátis distribuída? ... Vendida.
Que tem, que a todos assusta? ... Injusta.*

*Valha-nos Deus, o que custa
O que El-Rei nos dá de graça,
Que anda a justiça na praça
Bastarda, Vendida, Injusta.*

(...)

*E nos Frades há manqueiras? ... Freiras.
Em que ocupam os serões? ... Sermões.
Não se ocupam em disputas? ... Putas.*

*Com palavras dissolutas
Me concluí, na verdade,
Que as lidas todas de um frade
São Freiras, Sermões e Putas.*

2. I. No contexto, a expressão “tão mau ofício” (linha 4) refere-se à atividade dos pescadores.
- II. A pergunta do pirata (linhas 5-7) comprova que ele não era medroso nem estúpido.
- III. A frase “Assim é” (linha 7) explicita a concordância do autor com a atitude de Alexandre.

Está correto o que se afirma em

- a) I, apenas. b) II, apenas. c) I e II, apenas.
d) I e III, apenas. e) I, II e III.

RESOLUÇÃO:

A expressão “tão mau ofício” refere-se aos roubos que o pirata praticava contra os pescadores. A frase “Assim é” explicita a concordância do autor com o que diz o pirata, e não com a atitude de Alexandre.

Resposta: B

3. I. O texto tem estrutura paralelística, constituída por uma sucessão de anáforas (“porque roubo... porque roubais”; “o roubar pouco... o roubar muito”; “o roubar com pouco... o roubar com muito”).
- II. O texto contém pares antitéticos, como *ladrão x imperador*; *pouco x muito*; *culpa x grandeza*; *piratas x Alexandres*; *são enforcados x enforcam*.
- III. Predomina o aspecto cultista ou gongórico, pois são valorizadas imagens sensoriais e metáforas, que visam a surpreender o leitor pela espantosa capacidade de manipulação verbal.

Está correto o que se afirma em

- a) I, apenas. b) II, apenas. c) I e II, apenas.
d) I e III, apenas. e) I, II e III.

RESOLUÇÃO:

A oratória sacra de Vieira é predominantemente conceptista, joga com ideias, argumentos, e visa a convencer, não a deslumbrar (“surpreender pela espantosa capacidade de manipulação verbal”).

Resposta: C

4. I. O autor utilizou-se da narrativa de um episódio como estratégia argumentativa.
- II. A partir de uma ideia geral, o autor chegou a uma ideia particular.
- III. A pergunta do pirata foi argumento suficiente para o autor inocentá-lo.

Está correto o que se afirma em

- a) I, apenas. b) II, apenas. c) I e II, apenas.
d) I e III, apenas. e) I, II e III.

RESOLUÇÃO:

No texto, parte-se de uma ideia particular para se chegar a uma ideia geral, e o autor não inocenta o pirata, mas apenas o põe em “pé de igualdade” com Alexandre, no que diz respeito ao fato de ambos “roubarem”.

Resposta: A

EXERCÍCIOS

*O açúcar já se acabou? ... Baixou.
E o dinheiro se extinguiu? ... Subiu.
Logo já convalesceu? ... Morreu.*

*À Bahia aconteceu
O que a um doente acontece,
Cai na cama, o mal lhe cresce;
Baixou, Subiu e Morreu.*

Texto 3

*A JESUS CRISTO, NOSSO SENHOR,
ESTANDO O POETA PARA MORRER*

*Pequei, Senhor; mas não porque hei pecado
Da vossa alta clemência me despido;
Porque, quanto mais tenho delinquido,
Vos tenho a perdoar mais empenhado.*

*Se basta a vos irar tanto pecado,
A abrandar-vos sobeja um só gemido;
Que a mesma culpa, que vos há ofendido,
Vos tem para o perdão lisonjeado.*

*Se uma ovelha perdida e já cobrada¹
Glória tal e prazer tão repentino
Vos deu, como afirmais na Sacra História,*

*Eu sou, Senhor, a ovelha desgarrada;
Cobrai-a; e não queirais, pastor divino,
Perder na vossa ovelha a vossa glória.*

1 – *Cobrado*: recuperado.

Texto 4

*Minha rica mulatinha
desvelo e cuidado meu,
eu já fora todo teu,
e tu foras toda minha;*

*Juro-te, minha vidinha,
se acaso minha qués¹ ser,
que todo me hei de acender
em ser teu amante fino,
pois por ti já perco o tino²
e ando para morrer.*

1 – *Qués*: quiseres. 2 – *Tino*: juízo.

Textos para a questão 1.

Texto 1

*Que os brasileiros são bestas
E estarão a trabalhar
Toda a vida por manter
Maganos de Portugal.*

malandros
(Gregório de Matos)

Texto 2

*Senhora Dona Bahia,
Nobre e opulenta cidade,
Madrasta dos Naturais
E dos Estrangeiros madre.
Dizei-me por vida vossa
Em que fundais o ditame
De exaltar os que aí vêm
E abater os que ali nascem?*

(Gregório de Matos)

1. Em ambos os textos, Gregório de Matos apresenta uma crítica. De que se trata?

RESOLUÇÃO:

Nos dois textos, o poeta aborda a exploração do povo brasileiro por estrangeiros. No texto 1, culpa os próprios nativos (“...os brasileiros são bestas...”) por se deixarem subjugar por estrangeiros desqualificados (“maganos de Portugal”). No texto 2, questiona a Bahia (ou seja, o Brasil, de que a Bahia era a capital): mesmo sendo “nobre e opulenta”, maltrata o povo aqui nascido e trata bem os estrangeiros: “madrasta dos Naturais / E dos Estrangeiros madre”.

Texto para as questões 2 e 3.

*Pequei, Senhor; mas não porque hei pecado
Da vossa alta clemência me despido;
Porque, quanto mais tenho delinquido,
Vos tenho a perdoar mais empenhado.*

2. (FUVEST-SP – adaptada) – De acordo com os versos transcritos, como aparece, na lírica religiosa de Gregório de Matos, a ideia de Deus e do pecado?

RESOLUÇÃO:

Deus aparece como a instância máxima de punição e perdão. Para o poeta, o mesmo pecado, que o faria passível de punição, o credencia para o perdão.

3. (FUVEST-SP – adaptada) – Explique o paradoxo formulado pelo poeta na estrofe transcrita.

RESOLUÇÃO:

O poeta procura convencer Deus de que mais Lhe convém perdoar sua vida de pecados do que puni-lo por ela. Ou seja: o paradoxo consiste no pensamento de que quanto mais pecador tenha sido o poeta, mais Deus deveria empenhar-se em perdoá-lo.

Texto para o teste 4.

É questão muito antiga e altercada disputada
Entre os Letrados e os Milicianos soldados
Sem se haver decidido em muitos anos
Qual é de mais nobreza: a pena ou a espada.

Discorrem em matéria tão travada
Altos entendimentos mais que humanos,
E julgam ter brasões mais soberanos
Uns, que Palas togada, outros, que armada. vestida com toga
(Gregório de Matos)

4. (UnB-DF – adaptado) – Leia as afirmações seguintes e assinale a alternativa correta.

- I. Gregório de Matos, expoente da literatura brasileira, era temido e odiado, em virtude de suas sátiras ferinas e espirituosas. Os versos transcritos apresentam vestígios de sua mordacidade.
- II. O texto trata da disputa entre intelectuais e militares pela permanência no governo, o que se confirma por meio do emprego metafórico de “brasões”.
- III. Chama-se *sinédoque* (o instrumento pela pessoa que o utiliza) a figura de linguagem que está na base da relação entre “pena” e “Letrados”, e entre “espada” e “Milicianos”.

Está correto o que se afirma em

- a) I e II, apenas. b) I e III, apenas. c) II e III, apenas.
d) I, apenas. e) I, II e III.

RESOLUÇÃO:

Resposta: B

MÓDULO 10

CLÁUDIO MANUEL DA COSTA

LEITURA

Texto 1

*Alguém há de cuidar que é frase inchada,
Daquela que lá se usa entre essa gente,
Que julga que diz muito, e não diz nada.*

*O nosso humilde gênio não consente
Que outra coisa se diga mais que aquilo
Que só convém ao espírito inocente.*

*A frase pastoril, o fraco estilo
Da flauta e da sanfona, antes que tudo,
Será digno que Albano chegue a ouvi-lo.*

*Se Alcino tem lá feito o seu estudo
Nesses versos que traz, nós cá cantemos
Ao nosso modo, inda que seja rudo¹.*

1 – Rudo: rude.

Texto 2

*Que tarde nasce o Sol, que vagaroso!
Parece que se cansa de que a um triste
Haja de aparecer, quanto resiste
A seu raio este sítio tenebroso!*

*Não pode ser que o giro luminoso
Tanto tempo detenha, se persiste
Acaso o meu delírio! se me assiste
Ainda aquele humor tão venenoso!*

*Aquela porta ali se está cerrando;
Dela sai o Pastor, outro assobia,
E o gado para o monte vai chamando.*

*Ora não há mais louca fantasia!
Mas quem anda, como eu, assim penando,
Não sabe quando é noite ou quando é dia.*

Texto 3

*Aquela cinta azul, que o Céu estende
À nossa mão esquerda, aquele grito,
Com que está toda a noite o corvo aflito,
Dizendo um não sei quê, que não se entende;*

*Levantar-me de um sonho, quando atende
O meu ouvido um mísero conflito,
A tempo, que o voraz lobo maldito
A minha ovelha mais mimosa ofende;*

*Encontrar a dormir tão preguiçoso
Melampo, o meu fiel, que na manada
Sempre desperto está, sempre ansioso;*

*Ah! queira Deus que minta a sorte irada;
Mas de tão triste agouro cuidadoso¹
Só me lembro de Nise e de mais nada.*

1 – *Cuidadoso (de)*: preocupado com.

EXERCÍCIOS

Texto para a questão 1.

ALTEIA

*Aquele pastor amante,
Que nas úmidas ribeiras
Deste cristalino rio
Guiava as brancas ovelhas;*

*Aquele que, muitas vezes
Afinando a doce avena,
Parou as ligeiras águas,
Moveu as bárbaras penhas;*

*Sobre uma rocha sentado
Caladamente se queixa:
Que para formar as vozes
Teme que o ar as perceba.*

(In *Poemas de Cláudio Manuel da Costa*.
São Paulo, Cultrix, 1966, p. 156.)

1. (VUNESP-SP – adaptada) – Neste fragmento de “Alteia”, acumulam-se características peculiares do Arcadismo. Releia o texto e aponte duas dessas características.

RESOLUÇÃO:

O poema exemplifica: 1) o bucolismo e o pastoralismo típicos da poesia árcaica, em que a natureza convencional aparece como cenário para a vida dos pastores, e 2) linguagem simples.

Texto para a questão 2.

*Alguém há de cuidar que é frase inchada,
Daquela que lá se usa entre essa gente,
Que julga que diz muito, e não diz nada.*

*O nosso humilde gênio não consente
Que outra coisa se diga mais que aquilo
Que só convém ao espírito inocente.*

(Cláudio Manuel da Costa)

2. O que o eu lírico entende por “frase inchada”? Qual o ideal de linguagem que o poeta defende?

RESOLUÇÃO:

A “frase inchada” é aquela carregada de “excessos”, ou seja, enfeites, que a impedem de ser simples, direta e clara. O poeta defende a linguagem simples, direta, sem os ornamentos exagerados, que considera inúteis. Trata-se do ideal do *inutilia truncat* (“corta as coisas inúteis”).

Texto para os testes 3 e 4.

*Torno a ver-vos, ó montes: o destino
Aqui me torna a pôr nestes outeiros,
Onde um tempo os gabões deixei grosseiros
Pelo traje da Corte, rico e fino.*

*Aqui estou entre Almendro, entre Corino,
Os meus fiéis, meus doces companheiros,
Vendo correr os míseros vaqueiros
Atrás de seu cansado desatino.*

*Se o bem desta choupana pode tanto,
Que chega a ter mais preço e mais valia
Que, da Cidade, o lisonjeiro encanto.*

*Aqui descanso a louca fantasia,
E o que até agora se tornava em pranto
Se converta em afetos de alegria.*

(PROENÇA FILHO, Domício. *A Poesia dos Inconfidentes*.
Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 2002, p. 78-9.)

3. (ENEM) – Considerando o soneto de Cláudio Manuel da Costa e os elementos constitutivos do Arcadismo brasileiro, assinale a opção correta acerca da relação entre o poema e o momento histórico de sua produção.
- Os “montes” e “outeiros”, mencionados na primeira estrofe, são imagens relacionadas à Metrópole, ou seja, ao lugar onde o poeta se vestiu com traje “rico e fino”.
 - A oposição entre a Colônia e a Metrópole, como núcleo do poema, revela uma contradição vivenciada pelo poeta, dividido entre a civilidade do mundo urbano da Metrópole e a rusticidade da terra da Colônia.
 - O bucolismo presente nas imagens do poema é elemento estético do Arcadismo que evidencia a preocupação do poeta árcade em realizar uma representação literária realista da vida nacional.
 - A relação de vantagem da “choupana” sobre a “Cidade”, na terceira estrofe, é formulação literária que reproduz a condição histórica paradoxalmente vantajosa da Colônia sobre a Metrópole.
 - A realidade de atraso social, político e econômico do Brasil Colônia está representada esteticamente no poema pela referência, na última estrofe, à transformação do pranto em alegria.

RESOLUÇÃO:

A oposição cidade-campo, lugar-comum da temática árcade, é assimilada, no caso de Cláudio Manuel da Costa, à oposição Metrópole-Colônia. O poeta, que viveu longamente em Portugal, onde experimentou a civilidade lisboeta, voltando ao Brasil confrontou-se com a aspereza dos “montes” e “outeiros” de sua Minas natal, que idealiza em seus poemas bucólicos.

Resposta: B

4. (ENEM) – Assinale a opção que apresenta um verso do soneto de Cláudio Manuel da Costa em que o poeta se dirige ao seu interlocutor.
- “Torno a ver-vos, ó montes: o destino” (v. 1)
 - “Aqui estou entre Almendro, entre Corino” (v. 5)
 - “Os meus fiéis, meus doces companheiros” (v. 6)
 - “Vendo correr os míseros vaqueiros” (v. 7)
 - “Que, da Cidade, o lisonjeiro encanto.” (v. 11)

RESOLUÇÃO:

No verso 1, “ó montes” é uma apóstrofe — um vocativo dirigido ao interlocutor imaginário do eu lírico. Em outras palavras, é como se o poeta falasse com os montes.

Resposta: A

MÓDULO 11

AUTORES ÁRCADES

LEITURA

Texto 1

*Num sítio ameno,
Cheio de rosas,
De brancos lírios,
Murtas viçosas;*

*Dos seus amores
Na companhia,
Dirceu passava
Alegre o dia.*

(Tomás Antônio Gonzaga,
Marília de Dirceu, Primeira Parte, Lira XXIII)

Texto 2

*Se me visses com teus olhos
Nesta masmorra metido,
De mil ideias funestas
E cuidados combatido,
Qual seria, ó minha bela,
Qual seria o teu pesar?*

(Tomás Antônio Gonzaga,
Marília de Dirceu, Segunda Parte, Lira XX)

Texto 3

*Glaura, as Ninfas te chamaram
E buscaram doce abrigo;
Vem comigo e nesta gruta
Branda escuta o meu amor.*

(Silva Alvarenga)

Texto 4

Ao mundo esconde o Sol seus resplandores,
E a mão da Noite embrulha os horizontes;
Não cantam aves, não murmuram fontes,
Não fala Pã na boca dos pastores.

Atam as Ninfas, em lugar de flores,
Mortais ciprestes sobre as tristes fronteiras;
Erram chorando nos desertos montes,
Sem arcos, sem aljavas, os Amores.

Vênus, Palas e as filhas da Memória,
Deixando os grandes templos esquecidos,
Não se lembram de altares nem de glória.

Andam os elementos confundidos:
Ah, Jônia, Jônia, dia de vitória
Sempre o mais triste foi para os vencidos!

(Alvarenga Peixoto)

Texto 5

Minha bela Marília, tudo passa;
A sorte deste mundo é mal segura;
Se vem depois dos males a ventura¹,
Vem depois dos prazeres a desgraça.

Estão os mesmos² deuses
Sujeitos ao poder do ímpio Fado³:
Apolo já fugiu do céu brilhante,
Já foi pastor de gado.

A devorante mão da negra Morte
Acaba de roubar o bem que temos;
Até na triste camp⁴ não podemos
Zombar do braço da inconstante sorte:
Qual⁵ fica no sepulcro⁶,
Que seus avós ergueram, descansado;
Qual⁷ no campo, e lhe arranca os frios ossos
Ferro do torto arado.

Ah! enquanto os Destinos impiedosos
Não voltam contra nós a face irada,
Façamos, sim, façamos, doce amada,
Os nossos breves dias mais ditosos⁸.

Um coração que, frouxo,
A grata posse de seu bem difere⁹,
A si, Marília, a si próprio rouba
E a si próprio fere.

Ornemos nossas testas com as flores
E façamos de feno um brando leito;
Prendamo-nos, Marília, em laço estreito,
Gozemos do prazer de sãos Amores.

Sobre as nossas cabeças,
Sem que o possam deter, o tempo corre;
E para nós o tempo que se passa
Também, Marília, morre.

Com os anos, Marília, o gosto falta,
E se entorpece o corpo já cansado;
Triste, o velho cordeiro está deitado,
E o leve filho sempre alegre salta.

A mesma formosura
É dote que só goza a mocidade:
Rugam-se as faces, o cabelo alveja,
Mal chega a longa idade.

Que havemos de esperar, Marília bela?
Que vão passando os fluorescentes dias?
As glórias que vêm tarde já vêm frias,
E pode, enfim, mudar-se a nossa estrela.
Ah! não, minha Marília,
Aproveite-se o tempo, antes que faça
O estrago de roubar ao corpo as forças
E ao semblante a graça!

(Tomás Antônio Gonzaga,
Marília de Dirceu, Primeira Parte, Lira XIV)

- 1 – Ventura: felicidade.
- 2 – Mesmo: próprio.
- 3 – Ímpio Fado: impiedoso destino.
- 4 – Campa: túmulo.
- 5 – Qual: um.
- 6 – Sepulcro: sepultura.
- 7 – Qual: outro.
- 8 – Ditoso: feliz.
- 9 – Diferir: adiar.

EXERCÍCIOS

Texto para as questões 1 e 2.

LIRA V

Acaso são estes
Os sítios formosos,
Aonde passava
Os anos gostosos?
São estes os prados,
Aonde brincava,
Enquanto pastava
O manso rebanho,
Que Alceu me deixou?

São estes os sítios?
São estes; mas eu
O mesmo não sou.
Marília, tu chamas?
Espera, que eu vou.

(...)

Mas como discorro?
Acaso podia
Já tudo mudar-se
No espaço de um dia?
Existem as fontes,
E os freixos copados;
Dão flores os prados,
E corre a cascata,
Que nunca secou.

*São estes os sítios?
São estes; mas eu
O mesmo não sou.
Marília, tu chamas?
Espera, que eu vou.*

*Minha alma, que tinha
Liberta a vontade,
Agora já sente
Amor e saudade,
Os sítios formosos,
Que já me agradaram,
Ah! não se mudaram;
Mudaram-se os olhos,
De triste que estou.*

*São estes os sítios?
São estes; mas eu
O mesmo não sou.
Marília, tu chamas?
Espera, que eu vou.*

(Tomás Antônio Gonzaga, *Marília de Dirceu*)

1. Quais são os elementos árcades presentes no poema?

RESOLUÇÃO:

O cenário do texto é de teor inteiramente árcade: é bucólico e inclui o lugar-comum do *locus amoenus* (lugar ameno). Além disso, a linguagem é simples, se comparada aos textos barrocos.

2. Os versos transcritos apresentam um elemento pré-romântico, pois o eu lírico projeta no mundo exterior seu mundo interior. De que modo essa projeção se revela no texto? Exemplifique transcrevendo alguns versos.

RESOLUÇÃO:

A projeção do eu sobre o mundo exterior se revela no fato de a paisagem parecer triste porque o eu lírico está triste, como se comprova nos versos: “Acaso podia / Já tudo mudar-se / No espaço de um dia? / ... / São estes os sítios? / São estes; mas eu / O mesmo não sou”, ou nestes: “Os sítios formosos / Que já me agradaram, / Ah! não se mudaram; / Mudaram-se os olhos, / De triste que estou”.

Texto para as questões 3 e 4.

*Minha bela Marília, tudo passa;
A sorte deste mundo é mal segura;
Se vem depois dos males a ventura,
Vem depois dos prazeres a desgraça.
Estão os mesmos deuses
Sujeitos ao poder do ímpio Fado:
Apolo já fugiu do céu brilhante,
Já foi pastor de gado.*

(Tomás Antônio Gonzaga)

felicidade

próprios
impiedoso

3. “...Se vem depois dos males a ventura, / Vem depois dos prazeres a desgraça”. Qual é a figura de linguagem empregada duas vezes nos versos transcritos? Mencione as palavras que compõem cada uma das duas ocorrências da figura.

RESOLUÇÃO:

Antítese, que ocorre entre “males” e “prazeres” e entre “ventura” e “desgraça”.

4. Qual é, em síntese, o sentido desta estrofe?

RESOLUÇÃO:

Nesta vida tudo passa, e o destino é incerto até para os deuses.

MÓDULO 12

AUTORES ÉPICOS DO
ARCADISMO E PRÉ-ROMANTISMO

LEITURA

Texto 1

*Fumam ainda nas desertas praias
Lagos de sangue tépidos¹ e impuros²,
Em que ondeiam cadáveres despídos,
Pasto de corvos. Dura inda nos vales
O rouco som da irada artilheria.
Musa, honremos o Herói³ que o povo rude
Subjugou do Uruguai e no seu sangue
Dos decretos reais lavou a afronta.
Ai, tanto custas, ambição de império⁴!...*

(Basílio da Gama, *O Uruguai*)1 – *Tépidos*: quente.2 – *Impuro*: porque o sangue é de indígenas, não cristãos.3 – *Herói*: o general português que lutou contra os indígenas.4 – *Império*: domínio.

Texto 2

*Inda conserva o pálido semblante¹
Um não sei quê de magoado e triste,
Que os corações mais duros enternece,
Tanto era bela no seu rosto a morte!*

(Basílio da Gama, *O Uruguai*)1 – *Semblante*: rosto.

Texto 3

*Já, Marfiza cruel, me não maltrata
Saber que usas comigo de cautelas,
Qu'inda te espero ver, por causa delas,
Arrependida de ter sido ingrata.*

*Com o tempo, que tudo desbarata¹,
Teus olhos deixarão de ser estrelas;
Verás murchar no rosto as faces belas
E as tranças d'ouro converter-se em prata.*

*Pois se sabes que a tua formosura
Por força há de sofrer da idade os danos,
Por que me negas hoje esta ventura?*

*Guarda para seu tempo os desenganos,
Gozemo-nos agora, enquanto dura,
Já que dura tão pouco, a flor dos anos.*

(Basílio da Gama)

1 – *Desbaratar*: arruinar.

Texto 4

*Nós que zombamos deste povo insano,
Se bem cavarmos no solar nativo,
Dos antigos heróis dentro às imagens
Não acharemos mais que outros selvagens.*

(Santa Rita Durão, *Caramuru*)

Texto 5

*De um varão em mil casos agitado,
Que as praias percorrendo do Ocidente,
Descobriu o Recôncavo afamado
Da capital brasílica potente:
Do Filho do Trovão denominado,
Que o peito domar soube à fera gente;
O valor cantarei na adversa sorte,
Pois só conheço herói quem nela é forte.*

(Santa Rita Durão, *Caramuru*)

EXERCÍCIOS

Texto para a questão 1.

*Já, Marfiza cruel, me não maltrata
Saber que usas comigo de cautelas,
Qu'inda te espero ver, por causa delas,
Arrependida de ter sido ingrata.*

*Com o tempo, que tudo desbarata,
Teus olhos deixarão de ser estrelas;
Verás murchar no rosto as faces belas,
E as tranças d'ouro converter-se em prata.*

*Pois se sabes que a tua formosura
Por força há de sofrer da idade os danos,
Por que me negas hoje esta ventura?*

*Guarda para seu tempo os desenganos,
Gozemo-nos agora, enquanto dura,
Já que dura tão pouco, a flor dos anos.*

(Basílio da Gama)

1. No poema acima, o eu lírico busca convencer a amada da necessidade de se aproveitar o tempo presente. Quais são seus argumentos?

RESOLUÇÃO:

Neste soneto, em que se desenvolve o tema do *carpe diem*, o eu lírico busca convencer a amada fazendo-lhe um convite para que goze a vida e o amor, antes que o tempo roube dela a formosura e o frescor.

Textos para as questões 2 e 3.

O URAGUAI (CANTO IV)
(fragmento)

Este lugar delicioso, e triste,
Cansada de viver, tinha escolhido
Para morrer a mísera Lindoia.
Lá reclinada, como que dormia,
Na branda relva e nas mimosas flores;
Tinha a face na mão, e a mão no tronco
De um fúnebre cipreste, que espalhava
Melancólica sombra. Mais de perto
Descobrem que se enrola no seu corpo
Verde serpente, e lhe passeia e cinge
Pescoço e braços, e lhe lambe o seio.
Fogem de a ver assim sobressaltados,
E param cheios de temor ao longe;
E nem se atrevem a chamá-la, e temem
Que desperte assustada e irrite o monstro,
E fuja, e apresse no fugir a morte.

(GAMA, José Basílio da. *O Uruguai*. Rio de Janeiro,
Public. da Academia Brasileira, 1941, pp. 78-9.)

CARAMURU (CANTO VI, ESTROFE XLII)

Perde o lume dos olhos, pasma e treme,
Pálida a cor, o aspecto moribundo,
Com mão já sem vigor, soltando o leme,
Entre as salsas escumas desce ao fundo.
Mas na onda do mar, que irado freme,
Tornando a aparecer desde o profundo:
“Ah! Diogo cruel!” disse com mágoa,
E, sem mais vista ser, sorveu-se n’água.

(DURÃO, Santa Rita. *Caramuru*.
São Paulo, Edições Cultura, 1945, p. 149.)

A epopeia *Os Lusíadas* (1572) tem servido de modelo aos demais poemas épicos escritos em língua portuguesa, não sendo exceções *O Uruguai* e *Caramuru*. As comparações destes com a obra-prima de Luís Vaz de Camões são inevitáveis. Releia atentamente os textos apresentados e, a seguir, responda às questões 2 e 3.

2. (VUNESP-SP – **modificada**) – Indique, do ponto de vista da versificação e estrofação, em qual deles o autor revela seguir mais à risca o modelo camoniano.

RESOLUÇÃO:

A epopeia *Caramuru*, de Santa Rita Durão, segue mais à risca, do ponto de vista da versificação e estrofação, o modelo camoniano.

3. (VUNESP-SP – **adaptada**) – Cite duas características do texto escolhido que evidenciam sua aproximação com *Os Lusíadas*.

RESOLUÇÃO:

Tanto a obra *Os Lusíadas* como a epopeia *Caramuru* têm versos decassílabos heroicos, com tonicidade na 6.^a e na 10.^a sílabas:

As / ar / mas / e os / ba / rões / as / si / na / la / dos (*Os Lusíadas*)

Per / de o / lu / me / dos / o / lhos, / pas / ma, e / tre / me (*Caramuru*)

As estrofes desses poemas classificam-se como oitava-rima ou oitava real (ABABABCC), conforme se nota na estrofe XLII de *Caramuru* (treme A, moribundo B, leme A, fundo B, freme A, profundo B, mágoa C, água C). Observe-se que os versos de *O Uruguai* são decassílabos brancos ou soltos (sem rima).

4. Sobre o Arcadismo no Brasil, assinale a **incorreta**.

- Coincide, no plano histórico, com as rebeliões nativistas, com o ciclo do ouro, com o apogeu de Minas Gerais e com o Despotismo Esclarecido do Marquês de Pombal.
- Desenvolveram-se diversos gêneros, entre eles a poesia lírica, a épica e a satírica.
- Marca o aparecimento do nativismo reivindicatório e do indianismo, ainda que o índio não seja, em *O Uruguai* e *Caramuru*, tomado como símbolo da nacionalidade.
- Passa a haver ressonância das obras no meio social, e a literatura passa a exprimir o descontentamento dos habitantes da Colônia em relação à Metrópole.
- Há nítido predomínio da prosa, por meio da crônica, do conto, da novela e do sermão.

RESOLUÇÃO:

Resposta: E

MÓDULO 1 – ANÁLISE DE TEXTO

Instrução: As questões de números 1 a 5 tomam por base o seguinte fragmento de uma crônica de João Ubaldo Ribeiro (1941):

MOTIVOS PARA PÂNICO

Como sabemos, existem muitas frases comumente repetidas a cujo uso nos acostumamos tanto que nem observamos nelas patentes absurdos ou disparates. Das mais escutadas nos noticiários, nos últimos dias, têm sido “não há razão para pânico” e “não há motivo para pânico”, ambas aludindo à famosa gripe suína de que tanto se fala. Todo mundo as ouve e creio que a maioria concorda sem pensar e sem notar que se trata de assertivas tão asnáticas quanto, por exemplo, a antiga exigência de que o postulante a certos benefícios públicos estivesse “vivo e sadio”, como se um defunto pudesse estar sadio. Ou a que apareceu num comercial da Petrobrás em homenagem aos seus trabalhadores, que não sei se ainda está sendo veiculado. Nele, os trabalhadores “encaram de frente” grandes desafios, como se alguém pudesse encarar alguma coisa senão de frente mesmo, a não ser que o cruel destino lhe haja posto a cara no traseiro.

Em rigor, as frases não se equivalem e é necessário examiná-las separadamente, se se desejar enxergar as inanidades que formulam. No primeiro caso, pois o pânico é uma reação irracional, comete-se uma contradição em termos mais que óbvia. Ninguém pode ter ou deixar de ter razão para pânico, porque não é possível haver razão em algo que por definição requer ausência de razão. Então, ao repetir solenemente que não há razão para pânico, os noticiários e notas de esclarecimento (e nós também) estão dizendo uma novidade semelhante a “água é um líquido” ou “a comida vai para o estômago”. Se as palavras pudessem protestar, certamente Pânico escreveria para as redações, perguntando ofendidíssimo desde quando ele precisa de razão. Nunca há uma razão para o pânico.

A segunda frase nega uma verdade evidente. É também mais do que claro que não existe pânico sem motivo, ou seja, o freguês entra em pânico porque algo o motivou, independentemente de sua vontade, a entrar na desagradabilíssima sensação de pânico. Ninguém, que eu saiba, olha assim para a mulher e diz “mulher, acho que vou entrar em pânico hoje à tarde” e, quando a mulher pergunta por que, diz que é para quebrar a monotonia.”

(RIBEIRO, João Ubaldo. “Motivos para Pânico”, in *O Estado de S. Paulo*, 17/5/2009.)

1. (VUNESP-SP) – Como é característico da crônica jornalística, João Ubaldo Ribeiro focaliza assuntos do cotidiano com muito bom humor, mesclando a seu discurso palavras e expressões coloquiais. Um exemplo é *asnáticas*, que aparece em “assertivas tão asnáticas quanto”, e outro, o substantivo *freguês*, empregado em “o freguês entra em pânico”. Caso o objetivo do autor nessas passagens deixasse de ser jocoso e se tornasse mais formal, as palavras adequadas para substituir, respectivamente, *asnáticas* e *freguês* seriam:

- | | |
|-----------------------------|-------------------------|
| a) Estúpidas, panaca. | b) Asininas, bestalhão. |
| c) Intrigantes, sujeito. | d) Estranhas, cara. |
| e) Disparatadas, indivíduo. | |

RESOLUÇÃO:

A expressão *assertivas asnáticas* significa “afirmações disparatadas, idiotas, desarrazoadas”; a palavra *freguês*, no texto, pode ser substituída por *sujeito* ou *indivíduo*.

Resposta: E

2. (VUNESP-SP) – Embora o autor afirme, no fragmento citado, que os significados de *razão* e *motivo* são diferentes nas frases mencionadas, há numerosos contextos em que essas duas palavras podem ser indiferentemente utilizadas, sem alteração relevante do significado das frases. Baseado neste comentário, assinale a única alternativa em que a palavra *motivo* não pode substituir a palavra *razão*, já que nesse caso haveria uma grande mudança do sentido.
- Qual a razão de tamanha mudança?
 - Ele perdeu a razão ao sentir aquele amor tão forte.
 - A razão de sua renúncia foi a chegada de seu irmão.
 - Ninguém descobriu a razão de sua morte.
 - Que razões alegou para o pedido de divórcio?

RESOLUÇÃO:

Na frase da alternativa *b*, *razão* significa “discernimento, bom senso, juízo”.

Resposta: B

3. (VUNESP-SP) – O autor escreve, no penúltimo período do segundo parágrafo, a palavra *Pânico* com inicial maiúscula. O emprego da inicial maiúscula, neste caso, se deve
- ao fato de, por sinédoque, o cronista querer ressaltar a diferença entre a parte e o todo.
 - à necessidade de enfatizar que há diferenças entre diversos tipos de pânico.
 - ao emprego da palavra com base no recurso da personificação ou prosopopeia.
 - à necessidade de diferenciar os significados de “razão” e “motivo”.
 - para alertar sobre o grande perigo que representaria o pânico sem motivo.

RESOLUÇÃO:

A prosopopeia ou personificação é evidente na situação em que o autor imagina “Pânico” escrevendo cartas às redações de jornais.

Resposta: C

4. (VUNESP-SP) – *Então, ao repetir solenemente que não há razão para pânico, os noticiários e notas de esclarecimento (e nós também) estão dizendo uma novidade semelhante a “água é um líquido” ou “a comida vai para o estômago”.*

Neste período, no tom bem humorado que o autor imprime à crônica, a palavra *novidade* assume um sentido contrário ao que apresenta normalmente. Essa alteração de sentido, em função de um contexto habilmente construído pelo cronista, caracteriza o recurso estilístico denominado:

- a) Ironia. b) Reticência. c) Eufemismo.
d) Antítese. e) Hipérbole.

RESOLUÇÃO:

A ironia consiste em afirmar o oposto do que se dá a entender.

Resposta: A

5. (VUNESP-SP) – Para o narrador, não notamos os verdadeiros absurdos em asserções como as que ele comenta, porque:

- a) Não temos hábito de leitura e interpretação de textos.
b) Não nos sentimos capazes de negar verdades evidentes.
c) Quase todas as frases assertivas do idioma são “asnáticas”.
d) Costumamos ouvi-las tantas vezes, que nem notamos tais absurdos.
e) Essas frases aparecem em propagandas oficiais.

RESOLUÇÃO:

A resposta se encontra na primeira frase do texto.

Resposta: D

Instrução: As questões de números 6 a 9 tomam por base a seguinte crônica do escritor e blogueiro Antonio Prata (1977):

PENSAR EM NADA
A MARAVILHA DA CORRIDA: BASTA COLOCAR
UM PÉ NA FRENTE DO OUTRO

Assim como numa família de atletas um garoto deve encontrar certa resistência ao começar a fumar, fui motivo de piada entre alguns parentes — quase todos intelectuais — quando souberam que eu estava correndo. “O esporte é bom pra gente”, disse minha avó, num almoço de domingo. “Fortalece o corpo e emburrece a mente.”

Hoje, dez anos depois daquele almoço, tenho certeza de que ela estava certa. O esporte emburrece a mente e o mais emburrecedor de todos os esportes inventados pelo homem é, sem sombra de dúvida, a corrida — por isso que eu gosto tanto.

Antes de o primeiro corredor indignado atirar um tênis em minha direção (número 42, pisada pronada, por favor), explico-me. É claro que o esporte é fundamental em nossa formação. Não entendo lhufas de pedagogia ou pediatria, mas imagino que jogos e exercícios ajudem a formar a coordenação motora, a percepção espacial, a lógica e os reflexos e ainda tragam mais outras tantas benesses ao conjunto psico-moto-neuro-blá-blá-blá. Quando falo em emburrecer,

refiro-me ao delicioso momento do exercício, àquela hora em que você se esquece da infiltração no teto do banheiro, do enrosco na planilha do Almeidinha, da extração do siso na próxima semana, do pé na bunda que levou da Marilu, do frio que entra pela fresta da janela e do aquecimento global que pode acabar com tudo de uma vez. Você começa a correr e, naqueles 30, 40, 90 ou 180 minutos, todo esse fantástico computador que é o nosso cérebro, capaz de levar o homem à Lua, compor músicas e dividir um átomo, volta-se para uma única e simplíssima função: perna esquerda, perna direita, perna esquerda, perna direita, inspira, expira, inspira, expira, um, dois, um, dois.

A consciência é, de certa forma, um tormento. Penso, logo existo. Existo, logo me incomodo. A gravidade nos pesa sobre os ombros. Os anos agarram-se à nossa pele. A morte nos espreita adiante e quando uma voz feminina e desconhecida surge em nosso celular, não costuma ser a última da capa da Playboy, perguntando se temos programa para sábado, mas a mocinha do cartão de crédito avisando que a conta do cartão “encontra-se em aberto há 14 dias” e querendo saber se “há previsão de pagamento”.

Quando estamos correndo, não há previsão de pagamento. Não há previsão de nada porque passado e futuro foram anulados. Somos uma simples máquina presa ao presente. Somos reduzidos à biologia. Uma válvula bombando no meio do peito, uns músculos contraindo-se e expandindo-se nas pernas, um ou outro neurônio atento aos carros, buracos e cocôs de cachorro.

Poder, glória, dinheiro, mulheres, as tragédias gregas, tá bom, podem ser coisas boas, mas naquele momento nada disso interessa: eis-nos ali, mamíferos adultos, saudáveis, movimentando-nos sobre a Terra, e é só.

(PRATA, Antonio. “Pensar em Nada”,
in *Runner’s World*, n. 7, São Paulo, Editora Abril, mai./2009.)

6. (VUNESP-SP) – Ao longo do texto apresentado, percebemos que o cronista nos conduz com sutileza e humor para um sentido de *emburrecer* bem diferente do que parece estar sugerido na fala de sua avó. Para ele, portanto, como se observa principalmente no emprego da palavra no terceiro parágrafo, *emburrecer* é:

- a) Fazer perder progressivamente a inteligência por meio do esporte.
b) Imitar a capacidade de concentração do animal para obter melhores resultados.
c) Tornar-se uma pessoa muito teimosa, focada exclusivamente no esporte.
d) Embotar as faculdades mentais pela prática constante do esporte.
e) Esvaziar a mente de outras preocupações durante a prática do esporte.

RESOLUÇÃO:

Emburrecer, para a avó do narrador, significa “perder a inteligência, tornar-se burro”. Para o narrador, porém, adquire o sentido de “desligar-se das preocupações cotidianas”, pois, enquanto se exercita, presta atenção unicamente nos movimentos físicos.

Resposta: E

7. (VUNESP-SP) – A série de cinco períodos curtos com que se inicia o quarto parágrafo expressa, num crescendo, algumas preocupações existenciais do cronista. A partir do sexto período, porém, a expressão dessas grandes preocupações se frustra com a ocorrência trivial da ligação da moça do cartão de crédito. Essa técnica de enumeração ascendente que termina por uma súbita descendente constitui um recurso estilístico denominado:

- a) Catacrese. b) Anticlímax. c) Anáfora.
d) Símile. e) Clímax.

RESOLUÇÃO:

O próprio enunciado da questão permite ao candidato identificar a figura de linguagem presente no quarto parágrafo. Trata-se de gradação em anticlímax, caracterizada por apresentar, em um trecho encadeado, gradação de sentido ascendente, seguida de outra de sentido descendente.

Resposta: B

8. (VUNESP-SP) – No período “Hoje, dez anos depois daquele almoço, tenho certeza de que ela estava certa”, o cronista poderia ter evitado o efeito redundante devido ao emprego próximo de palavras cognatas (*certeza – certa*). Leia atentamente as quatro possibilidades abaixo e identifique as frases em que tal efeito de redundância é evitado, sem que sejam traídos os sentidos do período original:

- I. Hoje, dez anos depois daquele almoço, estou certo de que ela acertou.
II. Hoje, dez anos depois daquele almoço, estou convencido de que ela estava certa.
III. Hoje, dez anos depois daquele almoço, tenho certeza de que ela tinha razão.
IV. Hoje, dez anos depois daquele almoço, acredito que ela poderia estar certa.

- a) I e II. b) II e III. c) I, II e III.
d) I, III e IV. e) II, III e IV.

RESOLUÇÃO:

As frases II e III mantiveram o sentido original, pois houve substituição de “tenho certeza” e “estava certa” por, respectivamente, “estou convencido” e “tinha razão”.

Em I, a redundância se manteve nos termos *certo* e *acertou*; em IV houve alteração de sentido na troca do pretérito imperfeito (*estava*) pelo futuro do pretérito composto (*poderia estar*).

Resposta: B

9. (VUNESP-SP) – Ao empregar *lhufas* em “Não entendo lhufas de pedagogia ou pediatria (...)”, o cronista poderia ter também empregado outros vocábulos ou expressões que correspondem à mesma acepção.

Assinale a única alternativa em que a substituição não é pertinente, pois alteraria o sentido da frase:

- a) Não entendo bulhufas de pedagogia ou pediatria.
b) Não entendo patavina de pedagogia ou pediatria.
c) Não entendo muita coisa de pedagogia ou pediatria.
d) Não entendo coisa alguma de pedagogia ou pediatria.
e) Não entendo nada de pedagogia ou pediatria.

RESOLUÇÃO:

A expressão *não entendo lhufas* significa que o narrador “não entende nada, coisa nenhuma”, sentido que se mantém em todas as frases, exceto em *não entendo muita coisa*, que não indica uma negação, mas sim que uma parte mínima foi compreendida.

Resposta: C

MÓDULO 2 – ANÁLISE DE TEXTO

Textos para as questões de 1 a 9.

AO DESCONCERTO DO MUNDO

*Os bons vi sempre passar
no mundo graves tormentos
e, para mais m’espantar,
os maus vi sempre nadar
em mar de contentamentos.
Cuidando alcançar assim
o bem, tão mal ordenado,
fui mau, mas fui castigado.
Assi que só para mim
anda o mundo concertado.*

organizado, ordenado
(Luís de Camões)

NÓS

(...)
*Ai daqueles que nascem neste caos,
E, sendo fracos, sejam generosos!
As doenças assaltam os bondosos
E — custa a crer — deixam vivos os maus!*
(...)

(Cesário Verde)

1. (VUNESP-SP – adaptada) – Nestes versos de Camões, o poeta explora um tema literário bastante comum, presente em obras de poetas de todos os tempos. Trata-se do “desconcerto do mundo”, quer dizer, a verificação de que os fatos do mundo acontecem às avessas, em desajuste com as exigências íntimas da vida pessoal. Com base nesse comentário, releia o texto e, a seguir, explique que tipo de “desconcerto” é apontado por Camões em seu poema.

RESOLUÇÃO:

Trata-se do desconcerto ligado à ética, ao comportamento pessoal. Os de boa índole são punidos, enquanto os de mau comportamento são recompensados.

2. Há no poema de Camões uma antítese básica, que aparece repetida em formas variantes. De que antítese se trata?

RESOLUÇÃO:

A antítese é entre “bons” (v. 1) e “maus” (v. 4), retomada em “bem” e “mal” (v. 7).

3. (VUNESP-SP – adaptada) – Nos primeiros versos do texto, Camões mostra sua consciência sobre o “desconcerto do mundo”. Em decorrência disso, confessa uma mudança de atitude. Explique como se dá essa mudança de atitude.

RESOLUÇÃO:

O poeta faz-se mau, para alcançar, assim, o bem, tão mal distribuído no mundo.

4. (VUNESP-SP – adaptada) – Comente o resultado de sua tentativa.

RESOLUÇÃO:

O poeta foi castigado, concluindo que só para ele o mundo funciona corretamente, havendo harmonia entre os atos e suas consequências.

5. Por que se pode dizer que o final do poema é sarcástico ou irônico?

RESOLUÇÃO:

O poema termina com uma conclusão que se pode considerar sarcástica ou irônica, pois diz o eu lírico que só para ele “anda o mundo concertado”, precisamente porque ele, quando foi mau, foi castigado, ao contrário de sua expectativa, já que via os bons sofrerem “graves tormentos” e os maus nadarem num “mar de contentamentos”. A conclusão, portanto, implica a ideia, amargamente zombeteira, de que o mundo não funciona como deveria, quando se trata dos outros, nem funciona como costuma funcionar, quando se trata do sujeito...

6. A palavra “caos”, em Cesário Verde, corresponde, em Camões, a expressão

- “e, para mais m’espantar”.
- “em mar de contentamentos”.
- “fui mau, mas fui castigado”.
- “O bem tão mal ordenado”.
- “só para mim / anda o mundo concertado”.

RESOLUÇÃO:

Resposta: D

7. A expressão “Os bons vi sempre passar / no mundo graves tormentos” corresponde a qual expressão do poema de Cesário Verde?

RESOLUÇÃO:

Os versos “Os bons vi sempre passar / no mundo graves tormentos” correspondem ao verso “As doenças assaltam os bondosos”, de Cesário Verde.

8. a) Qual a medida dos versos de Camões? Faça a escansão — separação das sílabas métricas — dos dois primeiros versos.

RESOLUÇÃO:

Versos de 7 sílabas, chamados redondilhos maiores (os redondilhos menores têm 5 sílabas). [É bom notar que redondilha não é o verso, mas o poema composto em versos redondilhos.] Na época de Camões, versos redondilhos eram chamados “medida velha”, em contraste com a “medida nova”, a novidade renascentista, que era o verso decassílabo de modelo italiano (com acentos dominantes na 6.^a e 10.^a sílabas, ou na 4.^a, 8.^a e 10.^a).

Os-bons-vi-sem-pre-pas-sar

No-mun-do-gra-ves-tor-men(tos). (*)

(*) Notar que só se contam as sílabas métricas, em português, até a última tônica.

b) Qual seu esquema de rimas?

RESOLUÇÃO:

ABAABCDDCD.

9. a) Qual a medida dos versos de Cesário Verde? Faça a escansão dos dois últimos versos.

RESOLUÇÃO:

Versos decassílabos:

As-do-en-ças-as-sal-tam-os-bon-do(sos)**E-cus-taa-crer-dei-xam-vi-vos-os-maus!(*)**

(* Notar a sinalefa (aa) na 3.^a sílaba do segundo verso. Notar também que o primeiro é chamado decassílabo heroico, porque acentuado na 6.^a e 10.^a sílabas, e o segundo, sáfico, porque acentuado na 4.^a, 8.^a e 10.^a.

- b) Qual seu esquema de rimas?

RESOLUÇÃO:**ABBA.****MÓDULO 3 – ANÁLISE DE TEXTO****Texto I***JACÓ ENCONTRA-SE COM RAQUEL*

Depois disse Labão a Jacó: *Acaso, por seres meu parente, irás servir-me de graça? Dize-me, qual será o teu salário? Ora Labão tinha duas filhas: Lia, a mais velha, e Raquel, a mais moça. Lia tinha olhos baços, porém Raquel era formosa de porte e de semblante. Jacó amava a Raquel, e disse: Sete anos te servirei por tua filha mais moça, Raquel. Respondeu Labão: Melhor é que eu te dê, em vez de dá-la a outro homem; fica, pois, comigo.*

Assim, por amor a Raquel, serviu Jacó sete anos; e estes lhe pareceram como poucos dias, pelo muito que a amava. Disse Jacó a Labão: *Dá-me minha mulher, pois já venceu o prazo, para que me case com ela. Reuniu, pois, Labão todos os homens do lugar, e deu um banquete. À noite, conduziu a Lia, sua filha, e a entregou a Jacó. E coabitaram. (...) Ao amanhecer, viu que era Lia, por isso disse Jacó a Labão: Que é isso que me fizeste? Não te servi por amor a Raquel? Por que, pois, me enganaste? Respondeu Labão: Não se faz assim em nossa terra, dar-se a mais nova antes da primogênita. Decorrida a semana desta, dar-te-emos também a outra, pelo trabalho de mais sete anos que ainda me servirás.*

Concordou Jacó, e se passou a semana desta; então Labão lhe deu por mulher Raquel, sua filha. (...) E coabitaram. Mas Jacó amava mais a Raquel do que a Lia; e continuou servindo a Labão por outros sete anos.

(Gênesis, 29, 15-30)

Bíblia Sagrada (Trad. João Ferreira de Almeida.)

Rio de Janeiro, Sociedade Bíblica do Brasil, 1962.

Texto II*SONETO 88*

*Sete anos de pastor Jacó servia
Labão, pai de Raquel, serrana bela;
Mas não servia ao pai, servia a ela,
Que a ela só por prêmio pretendia.*

*Os dias, na esperança de um só dia,
Passava, contentando-se com vê-la;
Porém o pai, usando de cautela,
Em lugar de Raquel lhe dava Lia.*

*Vendo o triste pastor que com enganos
Lhe fora assi[m] negada a sua pastora,
Como se a não tivera merecida,*

*Começa de servir outros sete anos,
Dizendo: — Mais servira, se não fora
Para tão longo amor tão curta a vida!*

(CAMÕES, Luís de. *Obra Completa*.
Rio de Janeiro, Aguilar, 1963, p. 298.)

As questões de números 1 a 6 tomam por base uma citação da *Bíblia Sagrada* e o “Soneto 88”, de Luís Vaz de Camões (1524?-1580).

O racionalismo é uma das características mais frequentes da literatura clássica portuguesa. A logicidade do pensamento quinhentista repercutiu no rigor formal de seus escritores, e no culto à expressão das “verdades eternas”, sem que isso implicasse tolhimento da liberdade imaginativa e poética. Com base nessas observações, releia os dois textos apresentados e responda às questões 1 e 2.

1. (VUNESP-SP – adaptada) – Aponte um procedimento literário de Camões que comprove o rigor formal do Classicismo.

RESOLUÇÃO:

A forma fixa do soneto clássico petrarquista é, por si mesma, um exercício de contenção verbal e rigor construtivo: o poeta tem que se limitar a 140 sílabas métricas, dispostas em 14 versos decassílabos, organizados em duas quadras ou quartetos e dois tercetos.

Como o examinador impôs apenas um procedimento, o candidato tinha uma gama enorme de opções: a estrutura do soneto; a métrica decassilábica; a rima interpolada nos quartetos e intercalada nos tercetos; a seleção vocabular; a linguagem clara e elegante.

2. (VUNESP-SP – adaptada) – Indique o dado da passagem bíblica que, por ter sido omitido por Camões, revela a prática da liberdade poética e confere maior carga sentimental ao seu modo de focalizar o mesmo episódio.

RESOLUÇÃO:

Além de omitir a condição inicial da narrativa bíblica, na qual a relação de trabalho com o futuro sogro, Labão, é revelada antes da indicação do amor por sua filha Raquel, Camões quase subverte o desfecho da Bíblia. No soneto de Camões, Jacó aguardou sete anos, casado com Lia, para só depois desfrutar das primícias conjugais com a amada Raquel. Não é o que diz a Bíblia. Nela, após uma semana do casamento com Lia, Jacó casa-se também com Raquel, assumindo a obrigação de cumprir, após o casamento com esta última, mais sete anos de trabalho, vivendo em bíblica e respeitável bigamia.

Em certos contextos, a anteposição do adjetivo ao substantivo costuma revelar traços de afetividade do emissor em relação aos objetos e seres referidos. Damos como exemplo o título de um famoso romance de Lima Barreto: *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. Com base nesse comentário, responda às questões 3 e 4.

3. (VUNESP-SP – adaptada) – Localize no poema de Camões um procedimento que se relacione ao mencionado fato estilístico.

RESOLUÇÃO:

O mesmo procedimento estilístico ocorre em “Vendo o triste pastor que com enganos”.

4. (VUNESP-SP – adaptada) – Interprete o efeito semântico dado pela anteposição do adjetivo no exemplo que você localizou na questão 3.

RESOLUÇÃO:

A anteposição do adjetivo serve para intensificar a ideia de tristeza em relação a *pastor*. Note-se, porém, que esta resposta se baseia em impressão subjetiva e não há forma objetiva de comprovar a veracidade desta ou de outra possível resposta.

Nos seis últimos versos do poema, Camões, atendendo a necessidades de ritmo e rima, utiliza-se de variantes alternativas de emprego dos tempos e modos verbais. Com o refinamento de um poeta maior, alcança plena eficácia poética. Levando em consideração esse comentário, responda às questões 5 e 6.

5. (VUNESP-SP – adaptada) – Aponte duas passagens, nos tercetos referidos, nas quais o poeta empregou o pretérito mais-que-perfeito do indicativo, quando poderia ter-se utilizado de forma verbal em outro tempo ou modo.

RESOLUÇÃO:

As passagens são:

“Como se a não tivera merecida” — pretérito mais-que-perfeito do indicativo, usado no lugar do imperfeito do subjuntivo.

“Dizendo: — Mais servira, se não fora...” — pretérito mais-que-perfeito do indicativo, usado no lugar do futuro do pretérito e imperfeito do subjuntivo, respectivamente.

6. (VUNESP-SP – adaptada) – Reescreva essas passagens, empregando os verbos de acordo com o uso cotidiano da língua portuguesa em sua variante brasileira.

RESOLUÇÃO:

Reescrevendo as passagens, temos:

“Como se não a tivesse merecida” e

“Dizendo: — Mais serviria se não fosse...”

Textos para o teste 7.

Texto I

XLI

Ouvia:
 Que não podia odiar
 E nem temer
 Porque tu eras eu.
 E como seria
 Odiar a mim mesma
 E a mim mesma temer.

(HILST, H. *Cantares*.
 São Paulo, Globo, 2004 – fragmento.)

Texto II

TRANSFORMA-SE O AMADOR
 NA COUSA AMADA

Transforma-se o amador na coisa amada,
 por virtude do muito imaginar;
 não tenho, logo, mais que desejar,
 pois em mim tenho a parte desejada.

(CAMÕES. *Sonetos*. Disponível em:
<http://www.jornaldepoesia.jor.br>.
 Acesso em: 03 set. 2010 – fragmento.)

7. (ENEM) – Nestes fragmentos de poemas de Hilda Hilst e de Camões, a temática comum é

- o “outro” transformado no próprio eu lírico, o que se realiza por meio de uma espécie de fusão de dois seres em um só.
- a fusão do “outro” com o eu lírico, havendo, nos versos de Hilda Hilst, a afirmação do eu lírico de que odeia a si mesmo.
- o “outro” que se confunde com o eu lírico, verificando-se, porém, nos versos de Camões, certa resistência do ser amado.
- a dissociação entre o “outro” e o eu lírico, porque o ódio ou o amor se produzem no imaginário, sem a realização concreta.
- o “outro” que se associa ao eu lírico, sendo tratados, nos textos I e II, respectivamente, o ódio e o amor.

RESOLUÇÃO:

Os fragmentos desenvolvem o tema da fusão do “amador” com o ser ou a “coisa” amada. Nos versos de Camões, especificamente, de tanto imaginar a parte desejada, o amador passa a tê-la dentro de si.

Resposta: A

MÓDULO 4 – ANÁLISE DE TEXTO

EPISÓDIO DE INÊS DE CASTRO
 (Canto III)

118

Passada esta tão próspera vitória,
 Tornado Afonso à Lusitana Terra,
 A se lograr da paz com tanta glória gozar
 Quanta soube ganhar na dura guerra, digno
 O caso triste e dino da memória
 Que do sepulcro os homens desenterra
 Aconteceu da mísera e mesquinha pobre e infeliz
 Que depois de ser morta foi Rainha. depois

119

Tu, só tu, puro Amor, com força crua, cruel
 Que os corações humanos tanto obriga,
 Deste causa à molesta morte sua, lastimável
 Como se fora pérfida inimiga. traidora
 Se dizem, fero Amor, que a sede tua feroz
 Nem com lágrimas tristes se mitiga, alivia
 É porque queres, áspero e tirano,
 Tuas aras banhar em sangue humano. altares

120

Estavas, linda Inês, posta em sossego,
 De teus anos colhendo doce fruto, fruto
 Naquele engano da alma, ledó e cego, alegre
 Que a Fortuna não deixa durar muito, Destino
 Nos saüdosos campos do Mondego, rio de Coimbra
 De teus fermosos olhos nunca enxuto, enxuto
 Aos montes insinuando e às ervinhas ensinando

121

Do teu Príncipe ali te respondiam
 As lembranças que na alma lhe moravam, dele
 Que sempre ante seus olhos te traziam, [(do príncipe)
 Quando dos teus fermosos se apartavam; separavam – sujeito:
 De noite, em doces sonhos que mentiam, [seus (do príncipe)
 De dia, em pensamentos que voavam; [olhos
 E quanto, enfim, cuidava e quanto via tudo que – pensava
 Eram tudo memórias de alegria.

122

De outras belas senhoras e Princesas
 Os desejados tálamos enjeita, leitões nupciais
 Que tudo, enfim, tu, puro amor, desprezas,
 Quando um gesto suave te sujeita, rosto – domina
 Vendo estas namoradas estranhezas, apaixonadas
 O velho pai sesudo, que respeita, sisudo, prudente
 O murmurar do povo e a fantasia
 Do filho, que casar-se não queria,

123

Tirar Inês ao mundo determina,
Por lhe tirar o filho que tem preso, para
Crendo co sangue só da morte indina com o – indigna
Matar do firme amor o fogo aceso.
Que furor consentiu que a espada fina,
Que pôde sustentar o grande peso
Do furor Mauro, fosse alevantada fúria dos mouros
Contra hũa fraca dama delicada? uma

124

Traziam-na os horríficos algozes horrendos carrascos
Ante o Rei, já movido a piedade;
Mas o povo, com falsas e ferozes
Razões, à morte crua o persuade. cruel – convence
Ela, com tristes e piedosas vozes,
Saídas só da mágoa e saüdade
Do seu Príncipe e filhos, que deixava,
Que mais que a própria morte a magoava,

125

Pera o céu cristalino alevantando, para – puro
Com lágrimas, os olhos piedosos 4 sílabas: pi-e-do-sos
(Os olhos, porque as mãos lhe estava atando
Um dos duros ministros rigorosos);
E depois, nos mininos atentando, meninos
Que tão queridos tinha e tão mimosos,
Cuja orfandade como mãe temia, orfandade
Pera o avô cruel assi dizia:

126

“Se já nas brutas feras, cuja mente
Natura fez cruel de nascimento, a natureza
E nas aves agrestes, que somente selvagens
Nas rapinas aéreas têm o intento,
Com pequenas crianças viu a gente
Terem tão piedoso sentimento
Como co a mãe de Nino¹ já mostraram,
E cos irmãos que Roma edificaram.” irmãos: Rômulo e Remo
 (Camões, *Os Lusíadas*)

1 – Mãe de Nino: Semíramis, rainha lendária da Assíria.

1. Na estrofe 118, que introduz o episódio, há um breve resumo da história de Inês, em versos que ficaram célebres pela sua beleza simples e sintética. Transcreva os versos em que ocorre tal resumo.

RESOLUÇÃO:

O caso triste e dino da memória
Que do sepulcro os homens desenterra
Aconteceu da misera e mesquinha
Que depois de ser morta foi Rainha.

2. Na estrofe 119 se encontram, entre outras, as figuras de linguagem chamadas *apóstrofe* e *prosopopeia*. Aponte essas duas figuras no texto.

RESOLUÇÃO:

Apóstrofe corresponde à invocação ou interpelação brusca de uma pessoa ou coisa, geralmente ausentes. Na estrofe 119, ocorre uma apóstrofe do Amor, que é tratado como um ser animado — não propriamente uma pessoa, mas um deus. Por isso, trata-se também de prosopopeia — figura que consiste em tratar um ser inanimado como se tivesse vida, desejos etc.

3. Por que se pode dizer que Amor é tratado, na estrofe 119, como um deus especialmente cruel?

RESOLUÇÃO:

Porque se trataria de um deus para quem seriam insuficientes as lágrimas e o sofrimento de seus adoradores; ele exigiria sacrifícios humanos, ou seja, em seus altares teriam de ser sacrificados, em oferenda, não animais, mas pessoas. Camões, num soneto que se inicia com o verso “Em prisões baixas fui um tempo atado”, diz “Sacrifiquei a vida a meu cuidado [isto é, à minha paixão] / Que Amor não quer cordeiros nem bezerras” — ou seja, Amor é uma divindade cruel que exige o sacrifício dos próprios amantes.

4. Na estrofe 120 ocorre uma forte hipérbole. Aponte-a.

RESOLUÇÃO:

A hipérbole (exageração) dessa estrofe está no verso 6, em que se diz que o rio nunca secava, porque Inês estava sempre chorando à sua margem. Outro caso de hipérbole — caso menos típico — está nos versos 7-8, em que se diz que Inês ensinava o nome do amado aos montes e às ervas, de tanto que ela o repetia.

5. Conforme a estrofe 121, o que se passava com o príncipe quando se achava afastado de Inês?

RESOLUÇÃO:

Longe de Inês, o príncipe pensava nela o dia inteiro e, à noite, sonhava com ela.

6. A que substantivo se refere o adjetivo *fermosos*, no verso 4 da estrofe 121? Qual o motivo de tal substantivo estar elíptico?

RESOLUÇÃO:

Fermosos se refere a *olhos*, tratando-se dos olhos de Inês. A elipse do substantivo deve-se ao fato de ele já ter aparecido no verso anterior, referindo-se então aos olhos do príncipe. Ocorre aí, pois, um caso de zeugma (elipse de um termo próximo, que aparece no texto um pouco antes ou um pouco depois).

7. Quais as razões que levaram o rei a decidir-se por matar Inês? Trata-se de razões pessoais ou de razões de Estado?

RESOLUÇÃO:

As razões foram a disposição do príncipe de não se casar com outra mulher e os rumores que corriam entre o povo em decorrência disso. Trata-se de razões de Estado, pois não são as pessoas que estão em causa, mas sim os interesses da Coroa portuguesa, já que Pedro sucederia ao pai no trono e, assim, esperava-se que seu casamento atendesse a interesses políticos do país.

MÓDULO 5 – ANÁLISE DE TEXTO

As questões de 1 a 4 tomam por base o fragmento de uma peça oratória do Padre Antônio Vieira (Lisboa, 1608 – Bahia, 1697) — o *Sermão da Sexagésima* — pregado na Capela Real de Lisboa no ano de 1655.

Será porventura o não fazer fruto hoje a palavra de Deus, pela circunstância da pessoa? Será por que antigamente os pregadores eram santos, eram varões apostólicos e exemplares, e hoje os pregadores são eu, e outros como eu? — Boa razão é esta. A definição do pregador é a vida e o exemplo. Por isso Cristo no Evangelho não o comparou ao semeador, senão ao que semeia. Reparai. Não diz Cristo: saiu a semear o semeador, senão, saiu a semear o que semeia. (...) Entre o semeador e o que semeia há muita diferença: uma coisa é o soldado e outra coisa o que peleja; uma coisa é o governador e outra o que governa. Da mesma maneira, uma coisa é o semeador, e outra o que semeia; uma coisa é o pregador e outra o que prega. O semeador e o pregador é nome; o que semeia e o que prega é ação; e as ações são as que dão o ser ao pregador. Ter nome de pregador, ou ser pregador de nome, não importa nada; as ações, a vida, o exemplo, as obras, são as que convertem o Mundo.

(VIEIRA, Antônio. *Os Sermões*. Seleção de Jamil Almansur Haddad. São Paulo, Melhoramentos, 1963, p. 80.)

Padre Antônio Vieira é autor exponencial nas literaturas portuguesa e brasileira. Seu estilo barroco se caracteriza, entre outros procedimentos, pelo rigor do pensamento, expresso numa linguagem insinuante, rica em reiteraões, antíteses, paralelismos, jogos de palavras e construções cujos efeitos chegam com frequência ao paradoxo. No fragmento apresentado, põe em evidência sua teoria da arte de pregar. Leia-o com atenção e, a seguir, responda às questões 1 e 2.

1. (VUNESP-SP – adaptada) – Responda quais as expressões que o orador apresenta em paralelo com os nomes *semeador*, *pregador*, *soldado* e *governador*;

RESOLUÇÃO:

As expressões apresentadas “em paralelo” são: *semeador* – “o que semeia”, *pregador* – “o que prega”, *soldado* – “o que peleja”, *governador* – “o que governa”.

2. (VUNESP-SP – adaptada) – Interprete, de acordo com Vieira, a diferença fundamental de sentido entre as mesmas expressões e os nomes correspondentes.

RESOLUÇÃO:

Para Vieira, o nome não implica que aquele que o ostenta pratique a ação que lhe corresponde; por isso, pode haver (Vieira afirma que há) muita diferença entre o *semeador* e o que semeia, como entre o *pregador* e o que prega, o *soldado* e o que peleja, o *governador* e o que governa. Em outras palavras, nem sempre o *semeador*, o *pregador*, o *soldado* e o *governador* praticam as ações que fariam deles, em verdade, *semeador*, *pregador*, *soldado* e *governador*.

O texto oratório, por sua natureza persuasiva, realiza em alto grau a função conativa da linguagem, ou seja, centra sua mensagem explícita e diretamente no público destinatário. Neste fragmento, o orador faz clara referência a seus ouvintes, visando a provocar neles uma reação. Com base nesse comentário, responda às questões 3 e 4.

3. (VUNESP-SP – adaptada) – Aponte a frase em que Vieira se dirige diretamente ao público.

RESOLUÇÃO:

O verbo *reparar* – “Reparai” – interrompe a argumentação parenética, desenvolvida até então, para envolver o leitor-ouvinte no cerne da argumentação que, no desdobramento, irá invocar o discurso da autoridade, inquestionável: a palavra de Cristo, revelada no Novo Testamento.

4. (VUNESP-SP – adaptada) – Indique o modo e as pessoas verbais que revelam a função conativa (ou apelativa) da linguagem.

RESOLUÇÃO:

Modo imperativo afirmativo, segunda pessoa do plural: “Reparai” (vós). A segunda pessoa pronominal é exatamente a que indica o destinatário, o receptor da mensagem, a(s) pessoa(s) com quem se fala. Antes de arrolar o discurso de autoridade, a “palavra de Deus”, em abono às premissas iniciais, o orador instiga a atenção da plateia, como apelo enfático à atenção e ao raciocínio do ouvinte.

As questões de números 5 a 8 referem-se ao seguinte texto de Padre Vieira:

Ora, suposto que já somos pó, e não pode deixar de ser, pois Deus o disse; perguntar-me-eis, e com muita razão, em que nos distinguimos logo os vivos dos mortos? Os mortos são pó, nós também somos pó: em que nos distinguimos uns dos outros? Distinguímo-nos os vivos dos mortos, assim como se distingue o pó do pó. Os vivos são pó levantado, os mortos são pó caído; os vivos são pó que anda, os mortos são pó que jaz: Hic jacet¹. Estão essas praças no verão cobertas de pó: dá um pé de vento, levanta-se o pó no ar e que faz? O que fazem os vivos, e muito vivos. Não aquieta o pó, nem pode estar quedo: anda, corre, voa; entra por esta rua, sai por aquela; já vai adiante, já torna atrás; tudo enche, tudo cobre, tudo envolve, tudo perturba, tudo toma, tudo cega, tudo penetra, em tudo e por tudo se mete, sem aquietar nem sossegar um momento, enquanto o vento dura. Acalmou o vento: cai o pó, e onde o vento parou, ali fica; ou dentro de casa, ou na rua, ou em cima de um telhado, ou no mar, ou no rio, ou no monte, ou na campanha. Não é assim? Assim é.

(Antônio Vieira, trecho do cap. V do *Sermão da Quarta-Feira de Cinza*. Apud: *Sermões de Padre Antônio Vieira*. São Paulo, Núcleo, 1994, p. 123-4.)

1– *Hic jacet*: aqui jaz.

Segundo o *Novo Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa*, “sermão” é um “discurso religioso geralmente pregado no púlpito”.

5. (UFSCar-SP) – De que forma o autor reproduz, no texto escrito, características próprias do discurso falado?

RESOLUÇÃO:

No texto do Padre Vieira, percebem-se várias construções em que o orador se dirige ao receptor, ao ouvinte do sermão: “Ora, (...) perguntar-me-eis”, “Não é assim?”.

Essas expressões, que buscam o contato com o receptor, são bem próprias do discurso falado. A própria série de orações interrogativas pressupõe um receptor de um discurso falado.

6. (UFSCar-SP) – O texto apresenta uma relação de oposição entre estaticidade e movimento. Indique, no trecho destacado em negrito, qual dessas ideias é abordada e a construção utilizada para exprimi-la.

RESOLUÇÃO:

No trecho em negrito, percebe-se o movimento (“anda, corre, voa”). A construção deste trecho, visando-se a expressão de movimento, contém gradação (“anda, corre, voa”), antítese (“entra por esta rua”, “sai por aquela”; “já vai adiante, já torna atrás” e a anáfora de *tudo* (“tudo cobre, tudo envolve, tudo perturba...”).

Em Padre Vieira, fundem-se a formação jesuítica e a estética barroca, que se materializam em sermões considerados a expressão máxima do Barroco em prosa religiosa em língua portuguesa e uma das mais importantes expressões ideológicas e literárias da Contrarreforma.

7. (UFSCar-SP) – Comente os recursos de linguagem que conferem ao texto características do Barroco.

RESOLUÇÃO:

No texto do Padre Vieira se evidenciam várias características barrocas, tais como o rebuscamento da linguagem, as construções anafóricas (“Os vivos são pó levantado... Os vivos são pó que anda”), o jogo de palavras e de conceitos (“distingue-se o pó do pó”), o conflito do teocentrismo com o antropocentrismo.

8. (UFSCar-SP) – Antes de iniciar sua pregação, Vieira fundamenta-se num argumento que, do ponto de vista religioso, se mostra incontestável. Transcreva esse argumento.

RESOLUÇÃO:

O fundamento incontestável é “pois Deus o disse”.

MÓDULO 6 – ANÁLISE DE TEXTO

Textos para as questões de 1 a 5.

*SOLITÁRIO EM SEU MESMO QUARTO À VISTA DA LUZ NO
CANDEEIRO PORFIA O POETA PENSAMENTAR EXEMPLOS
DE SEU AMOR NA BORBOLETA*

*Ó tu do meu amor fiel traslado
Mariposa entre as chamas consumida,
Pois, se à força do ardor perdes a vida,
A violência do fogo me há prostrado.*

*Tu de amante o teu fim hás encontrado,
Essa flama girando apeteçada;
Eu girando uma penha endurecida,
No fogo, que exalou, morro abrasado.*

*Ambos de firmes anelando chamas,
Tu a vida deixas, eu a morte imploro,
Nas constâncias iguais, iguais nas chamas.*

*Mas ai! que a diferença entre nós choro,
Pois, acabando tu ao fogo, que amas,
Eu morro sem chegar à luz, que adoro.*

(MATOS, Gregório de. *Obra Poética*.

Ed. de James Amado. Rio de Janeiro, Record, 1990. v.1, p. 425.)

AS MARIPOSA

*As mariposa quando chega o frio
Fica dando vorta em vorta da lâmpada pra si isquentá
Elas roda, roda, roda, dispois si senta
Em cima do prato da lâmpada pra discansá.*

*Eu sou a lâmpada
E as muié é as mariposa
Que fica dando vorta em vorta de mim
Todas as noites, só pra mi beijá.
— Boa noite, lâmpada!
— Boa noite, mariposa!
— Pelmita-me oscular-lhe as alfácias?
— Pois não, mas rápido porque daqui a pouco eles mi apaga.*

(BARBOSA, Adoniran, in *Demônios da Garoa –
Trem das Onze*, Chantecler, CMG - 2294-2, 1964.)

1. (VUNESP-SP – adaptada) – O soneto de Gregório de Matos (1623-1696) e o samba de Adoniran Barbosa (1910-1982), embora muito afastados no tempo, servem-se de um mesmo motivo, aliás bastante comum na literatura e na canção popular: o da mariposa que busca a fonte de luz (chama, lâmpada). O desenvolvimento dado a esse motivo, todavia, é diferente em cada texto. Compare os dois textos e, em seguida, faça um comentário sobre a diferença de desenvolvimento do mesmo motivo realizada pelos dois poetas.

RESOLUÇÃO:

Nos versos de Gregório de Matos, o poeta identifica-se com a mariposa, ao refletir sobre seu estado de espírito em relação à amada. Da mesma forma com que a mariposa se entrega a uma paixão ardente pela luz, ele se perde também por uma grande paixão, perda que confere um sentido trágico ao soneto. Portanto, mariposa e poeta dão-se integralmente ao amor, “acabando tu [a mariposa] ao fogo, que amas, / Eu [o poeta] morro, sem chegar à luz, que adoro.”

Em Adoniran Barbosa há uma inversão da imagem, uma vez que o poeta é a lâmpada e, dessa forma, atrai as mariposas (as mulheres). A poesia apresenta tom mais coloquial, semelhante ao jeito popular de expressar sentimentos, misturando sensibilidade, comicidade e deboche.

2. (VUNESP-SP – adaptada) – Gregório de Matos emprega as palavras *chama* e *fogo* em dois sentidos diferentes, que constituem a chave para a compreensão do poema. Confira essa informação no texto e, em seguida, indique quais são esses sentidos.

RESOLUÇÃO:

Chama e *fogo* ocorrem com sentido ora denotativo, ora conotativo. É denotativo em “Mariposa entre as chamas consumida” e “A violência do fogo me há prostrado”; o sentido é literal, denotativo, quando se refere à mariposa. As duas outras referências — “No fogo, que exalou, morro abrasado”, “Nas constâncias iguais, iguais nas chamas” — os termos *fogo* e *chamas* estão no sentido conotativo e referem-se à sedução avassaladora e destrutiva do objeto de desejo do eu lírico.

3. (VUNESP-SP – adaptada) – A norma culta é uma variedade especial da língua que corresponde ao modo de falar das camadas mais prestigiadas socialmente. É essa modalidade que vem descrita nas gramáticas. O texto de Adoniran Barbosa reproduz a fala popular e foi composto na “língua certa do povo / porque ele é que fala gostoso o português do Brasil” (Manuel Bandeira, “Evocação do Recife”). Desconsiderando as diferenças de pronúncia, aponte um uso típico da fala popular que Adoniran Barbosa emprega em seu texto.

RESOLUÇÃO:

Formas como *vorta, lâmpida, pra si isquenta, dispois, si senta, discansá, muié, beijá, pelmita-me* etc. são próprias da fala popular. Erros de concordância, tais como “As mariposa... fica”, “Elas roda, roda...”, “as muié é as mariposa que fica...”, “eles mi apaga”, também são típicos da fala popular.

4. O deboche presente no texto de Adoniran Barbosa resulta também da mistura entre linguagem de tom elevado, erudita, e formas de extração popular. Transcreva o verso em que se observa essa mistura e comente.

RESOLUÇÃO:

Trata-se do verso “Pelmita-me oscular-lhe as alfácias”, em que as formas populares *pelmita-me* e *alfácias* aparecem ao lado de *oscular-lhe* (*oscular* = beijar; *ósculo* = beijo), de extração erudita, formal.

5. De acordo com a última estrofe, o eu lírico se encontra em situação desfavorável em relação a sua interlocutora. Por quê?

RESOLUÇÃO:

Segundo o eu lírico, a mariposa, ainda que acabe morrendo, consegue chegar ao objeto amado (a chama de um candeeiro), ao passo que ele “morre” sem chegar à luz que ama (a mulher amada).

Texto para as questões 6 e 7.

*Ardor em firme coração nascido;
Pranto por belos olhos derramado;
Incêndio em mares de água disfarçado;
Rio de neve em fogo convertido:*

*Tu, que em um peito abrasas escondido;
Tu, que em um rosto corres desatado;
Quando fogo, em cristais aprisionado;
Quando cristal, em chamas derretido.*

*Se és fogo, como passas brandamente?
Se és neve, como queimas com porfia?
Mas ai, que andou Amor em ti prudente!*

*Pois, para temperar a tirania,
Como quis que aqui fosse a neve ardente,
Permitiu parecesse a chama fria.*

6. O tema do soneto, o amor ou a paixão amorosa, desenvolvido por meio de uma sucessão de imagens apoiadas em sensações térmicas, com a utilização de metáforas, tais como: *ardor, pranto, rio de neve, fogo, cristais, chamas, neve*. Essas metáforas estão organizadas em um sistema de oposições, em torno do eixo *quente x frio*. Identifique as antíteses que expressam essa oposição.

RESOLUÇÃO:

O poeta entretete as metáforas por meio de um jogo de oposições, em torno do eixo *quente x frio*:

*incêndio x mares d'água
fogo x rio de neve
fogo x cristais
chamas x cristal
fogo x passas brandamente
queimas x neve
ardente x neve
chama x fria.*

7. Neste poema, o eu lírico dirige-se a um interlocutor, um “tu”. Quem é esse interlocutor?
- A mulher amada.
 - O leitor do poema.
 - Amor.
 - Os motivos do sofrimento por que passa o eu lírico, motivos estes associados à grande variabilidade de seu estado de espírito, que passa do “ardor” ao “pranto”, do “incêndio” ao “rio”.
 - O próprio sentimento no qual o eu lírico reconhece a ação enigmática de Amor.

RESOLUÇÃO:

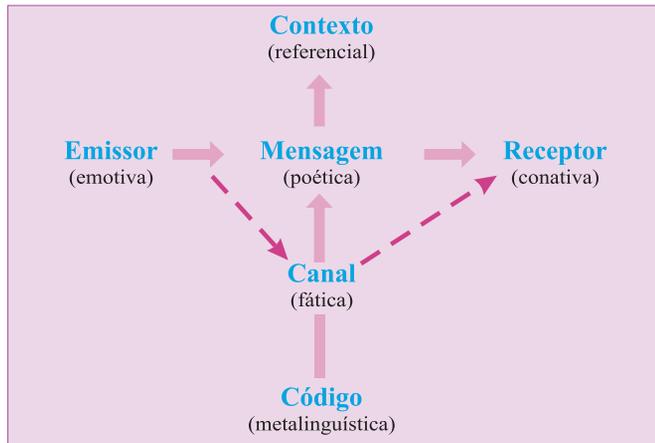
Notar o uso de maiúscula em *Amor*, o que indica tratar-se de uma personificação: o Amor *andou prudente, quis, permitiu*. Notar, portanto, que o interlocutor não é Amor, mas sim o sentimento (como conjunto de sensações e percepções) que ele, Amor, “tempera”, deixando confuso o eu lírico.

Resposta: E

MÓDULO 1

FUNÇÕES DA LINGUAGEM

A classificação das funções da linguagem depende das relações estabelecidas entre elas e os elementos que participam do circuito da comunicação:



O linguista russo Roman Jakobson, baseando-se nos seis elementos da comunicação, elaborou este quadro das funções da linguagem. Segundo ele, cada função é centrada em um dos seis elementos que compõem o circuito da comunicação. O reconhecimento e a adequada utilização das funções são fundamentais tanto na produção quanto no entendimento de qualquer tipo de texto.

1. As funções da linguagem direcionam a mensagem para um ou mais elementos do circuito da comunicação. A ênfase num desses elementos determina a função de linguagem que lhe corresponde:

Elemento	Função
contexto	referencial
emissor	emotiva
receptor	conativa
canal	fática
mensagem	poética
código	metalinguística

Assim:

- Evidencia o assunto, privilegia o contexto e é a mais usada no dia a dia, denomina-se função **referencial** ou informativa.
- Apresenta a marca subjetiva de quem fala, centra-se, portanto, no emissor, nas suas atitudes e emoções: função **emotiva**. Linguisticamente representada por interjeições, adjetivos, exclamações, reticências etc.
- Busca mobilizar a atenção do receptor, produzindo um apelo volitivo ou imperativo: função **conativa** ou de apelo.
- Checa o canal de comunicação para manter a conexão entre os falantes: função **fática**.
- Maneira especial de elaborar a mensagem, por meio de combinações inovadoras da linguagem: função **poética**.

- Mensagem que se refere ao código ou a qualquer elemento ligado a ele (incluída aí a própria mensagem) chama-se função **metalinguística**.

Texto para a questão 2.

Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba;

Verdes mares que brilhais como líquida esmeralda aos raios do sol nascente, perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiros;

Serenai, verdes mares, e alisai docemente a vaga impetuosa para que o barco aventureiro manso resvale à flor das águas.

(José de Alencar, *Iracema*)

- A função de linguagem predominante no fragmento é a
 - fática, porque a mensagem é usada para testar o canal de comunicação.
 - emotiva, por conter marcas subjetivas do emissor; além do emprego da primeira pessoa, há interjeições e exclamações.
 - conativa, pela intenção de mobilizar a atenção do receptor, produzindo um apelo ou uma ordem.
 - referencial, porque está centrada no contexto, informando objetivamente um fato.
 - poética, porque se volta para o processo de estruturação da mensagem, elaborada de maneira especial.

Resposta: E

Leia o excerto abaixo, do conto “Feliz Aniversário” de Clarice Lispector:

– *Me dá um copo de vinho! disse.*

O silêncio se fez de súbito, cada um com o copo imobilizado na mão.

– *Vovozinha, não vai lhe fazer mal? insinuou cautelosamente a neta roliça e baixinha.*

– *Que vovozinha que nada! explodiu amarga a aniversariante. Que o diabo vos carregue, corja de maricas, cornos e vagabundas! Me dá um copo de vinho, Dorothy!, ordenou.*

(LISPECTOR, C. “Feliz Aniversário”. *O primeiro beijo & outros contos*. São Paulo: Ática, 1989. p. 34.)

- (UFAC) – A fala da vovó evidencia um modo de organizar a mensagem que exemplifica a predominância de duas funções da linguagem, a saber:
 - Fática e referencial**, pois busca estabelecer contato com o ouvinte e informar sobre um fato.
 - Poética e referencial**, pois explora o significante para informar o ouvinte sobre um fato.
 - Poética e fática**, pois explora o significante para estabelecer contato com o ouvinte.
 - Metalinguística e fática**, pois centra-se numa explicação do código para estabelecer contato com o ouvinte.
 - Conativa e emotiva**, pois busca influenciar o comportamento do ouvinte e expressa o estado emocional do falante.

Resposta: E

Texto para o teste 4.

CANÇÃO AMIGA

*Eu preparo uma canção,
em que minha mãe se reconheça
todas as mães se reconheçam
e que fale como dois olhos.*

[...]

*Aprendi novas palavras
E tornei outras mais belas.*

*Eu preparo uma canção
que faça acordar os homens
e adormecer as crianças.*

(ANDRADE, C. D. *Novos Poemas*.

Rio de Janeiro: José Olympio, 1948. – Fragmento.

4. (ENEM) – A linguagem do fragmento acima foi empregada pelo autor com o objetivo principal de
- transmitir informações, fazer referência a acontecimentos observados no mundo exterior.
 - envolver, persuadir o interlocutor, nesse caso, o leitor, em um forte apelo à sua sensibilidade.
 - realçar os sentimentos do eu lírico, suas sensações, reflexões e opiniões frente ao mundo real.
 - destacar o processo de construção de seu poema, ao falar sobre o papel da própria linguagem e do poeta.
 - manter eficiente o contato comunicativo entre o emissor da mensagem, de um lado, e o receptor, de outro.

RESOLUÇÃO:

Trata-se, neste teste, de identificar o emprego da função metalinguística da linguagem, na referência do poema ao próprio trabalho poético. Na alternativa *a* alude-se à função referencial; na *b*, à função conativa; na *c*, à função emotiva; na *e*, à função fática.

Resposta: D

Texto para a questão 5.

Em uma famosa discussão entre profissionais das ciências biológicas, em 1959, C.P. Snow lançou uma frase definitiva: "Não sei como era a vida antes do clorofórmio". De modo parecido, hoje podemos dizer que não sabemos como era a vida antes do computador. Hoje não é mais possível visualizar um biólogo em atividade com apenas um microscópio diante de si; todos trabalham com o auxílio de computadores. Lembramo-nos, obviamente, como era a vida sem computador pessoal. Mas não sabemos como ela seria se ele não tivesse sido inventado.

(PIZA, D. Como era a vida antes do computador?
OceanAir em Revista, n.º 1, 2007 – Adaptado.)

5. (ENEM) – Neste texto, a função da linguagem predominante é
- emotiva, porque o texto é escrito em primeira pessoa do plural.
 - referencial, porque o texto trata das ciências biológicas, em que elementos como o clorofórmio e o computador impulsionaram o fazer científico.

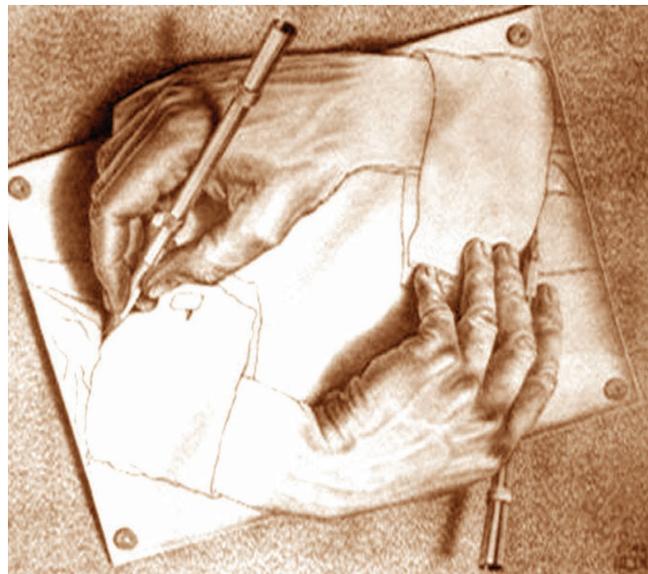
- metalinguística, porque há uma analogia entre dois mundos distintos: o das ciências biológicas e o da tecnologia.
- poética, porque o autor do texto tenta convencer seu leitor de que o clorofórmio é tão importante para as ciências médicas quanto o computador para as exatas.
- apelativa, porque, mesmo sem ser uma propaganda, o redator está tentando convencer o leitor de que é impossível trabalhar sem computador, atualmente.

RESOLUÇÃO:

Trata-se de linguagem referencial porque o elemento central da mensagem é o universo exterior a ela e independente dos fatores integrantes do processo de comunicação.

Resposta: B

6. (FUVEST) – Observe, abaixo, esta gravura de Escher:



Na linguagem verbal, exemplos de aproveitamento de recursos equivalentes aos da gravura de Escher encontram-se, com frequência,

- nos jornais, quando o repórter registra uma ocorrência que lhe parece extremamente intrigante.
- nos textos publicitários, quando se comparam dois produtos que têm a mesma utilidade.
- na prosa científica, quando o autor descreve com isenção e distanciamento a experiência de que trata.
- na literatura, quando o escritor se vale das palavras para expor procedimentos construtivos do discurso.
- nos manuais de instrução, quando se organiza com clareza uma determinada sequência de operações.

RESOLUÇÃO:

Na gravura de Escher, o desenho volta-se para o próprio desenho, ao representar o ato de desenhar. A este procedimento, equivalente ao descrito na alternativa *d*, chama-se *metalinguagem*.

Resposta: D

Leia o poema para responder a questão 7.

ROSA DE HIROXIMA

Pensem nas crianças
Mudas telepáticas
Pensem nas meninas
Cegas inexatas
Pensem nas mulheres
Rotas alteradas
Pensem nas feridas
Como rosas cálidas
Mas, oh, não se esqueçam
Da rosa da rosa
Da rosa de Hiroxima
A rosa hereditária
A rosa radioativa
Estúpida e inválida
A rosa com cirrose
A anti-rosa atômica
Sem cor sem perfume
Sem rosa sem nada

(Vinícius de Moraes)

7. (UFABC) – Assinale a alternativa correta.

- O emprego de formas de imperativo (*pensem, não se esqueçam*) é próprio da função apelativa da linguagem, e seu efeito de sentido é buscar a adesão do leitor.
- O texto é predominantemente informativo, principalmente porque a linguagem do autor é coloquial.
- Pela temática, o poema representa a poesia sensual neossimbolista do autor, marcada pela quebra de convenções sociais.
- São características do estilo modernista, a que o autor adere: repetição de palavras e ritmo regular, de rimas perfeitas.
- A metáfora da rosa para referir-se à bomba de Hiroxima é própria para identificar a matriz denotativa do texto, cujo sentido é literal.

RESOLUÇÃO:

As formas do imperativo são próprias da função conativa ou apelativa da linguagem, e seu propósito é influir no leitor.

Resposta: A

8. (PUCCAMP) – Leia atentamente a história em quadrinhos e o poema abaixo transcritos.

Texto I



Texto II

Eu sou o poeta mais importante
da minha rua.

(Mesmo porque a minha rua
é curta.)

(PAES, José Paulo. *Socráticas: poemas*.
São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 37.)

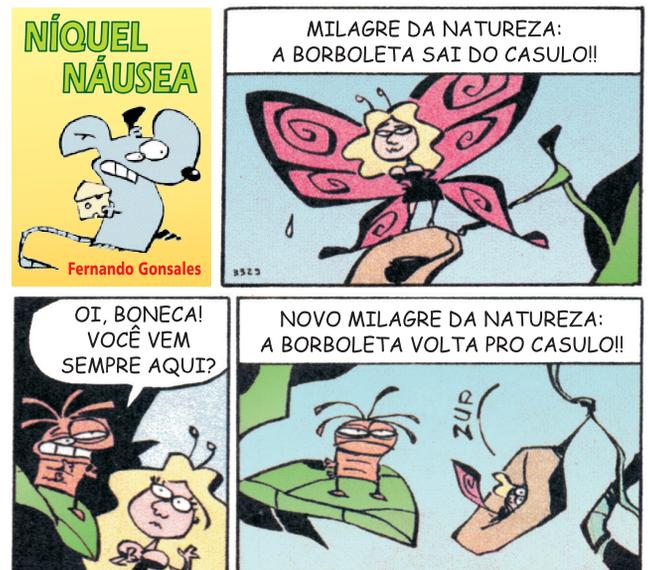
Comparando-se os textos, é correto afirmar:

- I inovou ao constituir a narrativa só com o protagonista, sem a presença de qualquer força antagônica; II, ao fazer uso dos parênteses, recurso gráfico típico da prosa.
- I e II assemelham-se porque cada um explora com exclusividade a forma de linguagem que o caracteriza, a visual e a verbal, respectivamente.
- I e II, como distintas formas de expressão, têm objetivos próprios e se valem de recursos específicos, não cabendo qualquer tipo de aproximação entre eles.
- I e II, mesmo pertencendo a diferentes gêneros, manifestam em comum o humor e a presença da metalinguagem.
- I e II estruturam-se de forma semelhante: em ambos, as unidades – quadros e estrofes – podem ser justapostas de maneiras distintas, sem prejuízo dos textos.

RESOLUÇÃO:

Resposta: D

NÍQUEL NÁUSEA - Fernando Gonsales



9. Qual a função da linguagem presente na fala do segundo quadrinho?

RESOLUÇÃO:

Função fática



Aplicações

1. (UNIFESP) – Observe os pares de versos:
*Substantivo (concreto) é tudo quanto indica
 Pessoa, animal ou cousa: João, sabiá, caneta.*

*Antes mesmo que tu saibas o misterioso sentido:
 Basta provares o seu gosto...*

Considerando-se o título e os sentidos propostos no poema, é correto afirmar sobre os versos que

- o primeiro par remete à ideia de *gramática*; o segundo, à ideia de *linguagem*. Neles predominam, respectivamente, a função metalinguística e a apelativa.
- ambos os pares remetem à ideia de *gramática*; portanto, neles predomina a função metalinguística.
- o primeiro par remete à ideia de *gramática*; o segundo, à ideia de *linguagem*. Nos dois pares, predomina a função referencial.
- ambos os pares remetem à ideia de *linguagem*. No primeiro, a função é metalinguística; no segundo, referencial.
- o primeiro par remete à ideia de *linguagem*; o segundo, à ideia de *gramática*. Em ambos os pares, estão presentes as funções apelativa e referencial.

RESOLUÇÃO:

No primeiro par, ao apresentar a definição da palavra “substantivo”, tem-se a função metalinguística. No segundo, o eu lírico dirige-se ao leitor (“tu saibas”, “Basta provares”), caracterizando a função apelativa, conativa.

Resposta: A

Leia os versos de Almeida Garrett para responder o teste 2.

ESTE INFERNO DE AMAR

*Este inferno de amar – como eu amo!
 Quem mo pôs aqui n’alma... quem foi?
 Esta chama que alenta e consome,
 Que é a vida – e que a vida destrói –
 Como é que se veio a atear,
 Quando – ai quando se há-de ela apagar?*

2. (UNIFESP-corrigido) – Nos versos acima de Garrett, como em toda poesia, predomina a função poética da linguagem. Ao lado dela, destaca-se a função

- metalinguística da linguagem, com extrema valorização da subjetividade no jogo entre o espiritual e o profano.
- apelativa da linguagem, num jogo de sentido pelo qual o poeta transmite uma forma idealizada de amor.
- referencial da linguagem, privilegiando-se a expressão de forma racional.
- emotiva da linguagem, marcada pela não contenção dos sentimentos e pelo subjetivismo.
- fática da linguagem, utilizada para expressar as ideias de forma evasiva, como sugestões.

RESOLUÇÃO:

O eu lírico extravasa seus sentimentos e emoções, representados graficamente pela exclamação, as reticências e a interjeição “ai” no último verso. O subjetivismo também é marcado pela escolha lexical – “inferno de amar”, “que a vida destrói”, “atear” –, que denota descomedimento na expressão do sofrimento amoroso.

Resposta: D

Textos para o teste 3.

Texto I

Ser brotinho não é viver em um píncaro azulado; é muito mais! Ser brotinho é sorrir bastante dos homens e rir interminavelmente das mulheres, rir como se o ridículo, visível ou invisível, provocasse uma tosse de riso irresistível.

(CAMPOS, Paulo Mendes. Ser brotinho.

In: SANTOS, Joaquim Ferreira dos (Org.). *As cem melhores crônicas brasileiras*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005. p. 91.)

Texto II

Ser gagá não é viver apenas nos idos do passado: é muito mais! É saber que todos os amigos já morreram e os que teimam em viver são entrevados. É sorrir, interminavelmente, não por necessidade interior, mas porque a boca não fecha ou a dentadura é maior que a arcada.

(FERNANDES, Millôr. Ser gagá. In: SANTOS,

Joaquim Ferreira dos (Org.). *As cem melhores crônicas brasileiras*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005. p. 225.)

3. (ENEM) – Os textos utilizam os mesmos recursos expressivos para definir as fases da vida, entre eles,

- expressões coloquiais com significados semelhantes.
- ênfase no aspecto contraditório da vida dos seres humanos.
- recursos específicos de textos escritos em linguagem formal.
- termos denotativos que se realizam com sentido objetivo.
- metalinguagem que explica com humor o sentido de palavras.

RESOLUÇÃO: Trata-se, em ambos os textos, de explicar, com ironia e humor, o sentido de expressões como “ser brotinho” e “ser gagá”. **Resposta: E**

(UPF) – *Daqui a alguns anos, a água pode ser a bebida mais cara da sua mesa.*

Nos últimos 60 anos, o consumo de água no mundo quadruplicou, e a previsão é de que em 2015 o consumo atinja o limite da disponibilidade atual, que é de 9 trilhões de litros. Independente do avanço da tecnologia para degelar geleiras e dessalinizar as águas, este assunto é motivo de preocupação no mundo inteiro. Mas, ficar preocupado não é o suficiente.

Você tem o que fazer:

- **recicle o lixo;**
- **dê preferência para produtos biodegradáveis;**
- **não deposite lixo nem manipule produtos tóxicos próximo de lagos e rios;**
- **não polua nem desperdice.**

Se cada um mudar a postura com relação ao meio ambiente, um pequeno gesto será muito mais do que uma simples gota no oceano.

(Anúncio publicitário da Associação Gaúcha de Empresas de Obras de Saneamento – AGEOS)

4. No segmento em negrito do texto, a função predominante da linguagem, manifesta por marcas linguísticas específicas, é a:

- referencial*, porque se privilegia o referente da mensagem, levando informações objetivas e inequívocas ao leitor.
- emotiva* ou *expressiva*, porque se dá ênfase aos pontos de vista corporativos da AGEOS.
- conativa* ou *apelativa*, porque há um explícito objetivo de persuadir o leitor a adotar determinado comportamento.
- metalinguística*, porque há uma particular preocupação com a clareza do texto e, portanto, com o uso de termos adequados ao contexto.
- poética*, porque a mensagem é elaborada de forma criativa, destacando-se, particularmente, o ritmo, evidente na sequência das recomendações.

Resposta: C

MÓDULO 2

ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO
E CRITÉRIOS DE CORREÇÃO

1. Assinale V (verdadeiro) ou F (falso) sobre **dissertação**:

- Apresenta estrutura fixa: tese (ou parágrafo introdutório), argumentação (ou desenvolvimento) e conclusão.
- Deve-se evitar o uso da primeira pessoa (*eu*) e abordagem emocional.
- Pode-se construir o parágrafo introdutório utilizando citação, definição, enumeração, interrogação etc.
- A fuga ao tema proposto compromete apenas um ponto na nota.
- A argumentação deve ser convincente e persuasiva, contendo evidências (exemplos e justificativas) extraídas de fatos conhecidos e/ou históricos.
- Pode-se prescindir da análise crítica, pois apenas as evidências já demonstram o posicionamento de quem disserta.
- Vocabulário rebuscado, frases prontas e clichês são adequados à modalidade dissertativa.
- As ideias devem ser organizadas de forma lógica, clara e objetiva, em linguagem formal, refletindo o padrão culto da língua.
- Além da coerência entre as ideias, é necessária a coesão entre termos, orações, períodos e parágrafos.

RESOLUÇÃO:

São falsas as alternativas *b, d, f, g*.

Não há comicidade fora do que é propriamente humano. Uma paisagem poderá ser bela, graciosa, sublime, insignificante ou feia, porém jamais risível. Riremos de um animal, mas porque teremos surpreendido nele uma atitude de homem ou certa expressão humana. Riremos de um chapéu, mas no caso o cômico não será um pedaço de feltro ou palha, senão a forma que alguém lhe deu, o molde da fantasia humana que ele assumiu. Como é possível que fato tão importante, em sua simplicidade, não tenha merecido atenção mais acurada dos filósofos? Já se definiu o homem como “um animal que ri”. Poderia também ter sido definido como um animal que faz rir, pois, se outro animal o conseguisse, ou algum objeto inanimado, seria por semelhança com o homem, pela característica impressa pelo uso que o homem dele faz.

(Henri Bergson, *O riso*)

2. (MACKENZIE) – O texto transcrito é uma dissertação, pois discute ideias sobre a comicidade. Assinale a opção que indica a **tese** nele desenvolvida:

- As pessoas não riem de uma paisagem, embora ela possa apresentar fundamentos do riso, como a feiura, a desproporção e assimetria.
- Podemos rir de um animal devido a semelhanças com o ser humano.
- O burlesco é uma manifestação típica e inerente ao ser humano.
- O homem, segundo o pensamento filosófico, é um animal que faz rir.
- A surpresa de Henri Bergson diante do fato de que os filósofos não tenham dado a devida importância ao ato de rir.

RESOLUÇÃO: Resposta: C

3. (MACKENZIE) – Considerando-se estrutura e conteúdo, é correto afirmar sobre a dissertação de Henri Bergson:

- Os argumentos não confirmam a tese difundida pelo autor.
- Os argumentos, apesar de pertinentes, não convencem o leitor do texto.
- Os exemplos usados na argumentação justificam a comicidade tanto no homem quanto no animal.
- Segundo os argumentos, os filósofos deram demasiada importância à fantasia humana.
- A conclusão induz o leitor a admitir que o homem não é só um animal que ri, mas também um animal que faz rir.

RESOLUÇÃO:

Resposta: E

Texto para as questões 4 e 5.

DAS VÃS SUTILEZAS

Os homens recorrem por vezes a sutilezas fúteis e vãs para atrair nossa atenção. (...) Aprovo a atitude daquele personagem a quem apresentaram um homem que com tamanha habilidade atirava um grão de alpiste que o fazia passar pelo buraco de uma agulha sem jamais errar o golpe. Tendo pedido ao outro que lhe desse uma recompensa por essa habilidade excepcional, atendeu o solicitado, de maneira prazenteira e justa a meu ver, mandando entregar-lhe três medidas de alpiste a fim de que pudesse continuar a exercer tão nobre arte. É prova irrefutável da fraqueza de nosso julgamento apaixonarmo-nos pelas coisas só porque são raras e inéditas, ou ainda porque apresentam alguma dificuldade, muito embora não sejam nem boas nem úteis em si.

(Montaigne, *Ensaíes*)

4. (FUVEST) – O texto revela, em seu desenvolvimento, o seguinte:

- formulação de uma tese; ilustração dessa tese por meio de uma narrativa; reiteração e expansão da tese inicial.
- formulação de uma tese; refutação dessa tese por meio de uma narrativa; formulação de uma nova tese, inspirada pela narrativa.
- desenvolvimento de uma narrativa; formulação de tese inspirada nos fatos dessa narrativa; demonstração dessa tese.
- segmento narrativo introdutório; desenvolvimento da narrativa; formulação de uma hipótese, inspirada nos fatos narrados.
- segmento dissertativo introdutório; desenvolvimento de uma descrição; rejeição da tese introdutória.

RESOLUÇÃO:

A alternativa da resposta enumera precisamente as etapas do desenvolvimento do texto.

Resposta: A

5. (FUVEST) – A expressão sublinhada no trecho: “...ou ainda porque apresentam alguma dificuldade, muito embora não sejam nem boas nem úteis em si.” pode ser substituída, sem prejuízo para o sentido, por

- desde que.
- contanto que.
- uma vez que.
- a não ser que.
- se bem que.

RESOLUÇÃO:

A expressão do texto é *concessiva*, como a da alternativa *e*.

Resposta: E



Aplicações

Texto para as questões 1 e 2.

A CARREIRA DO CRIME

Estudo feito por pesquisadores da Fundação Oswaldo Cruz sobre adolescentes recrutados pelo tráfico de drogas nas favelas cariocas expõe as bases sociais dessas quadrilhas, contribuindo para explicar as dificuldades que o Estado enfrenta no combate ao crime organizado.

O tráfico oferece aos jovens de escolaridade precária (nenhum dos entrevistados havia completado o ensino fundamental) um plano de carreira bem estruturado, com salários que variam de R\$ 400,00 a R\$ 12.000 mensais. Para uma base de comparação, convém notar que, segundo dados do IBGE de 2001, 59% da população brasileira com mais de dez anos que declara ter uma atividade remunerada ganha no máximo o 'piso salarial' oferecido pelo crime. Dos traficantes ouvidos pela pesquisa, 25% recebiam mais de R\$ 2.000 mensais; já na população brasileira essa taxa não ultrapassa 6%. Tais rendimentos mostram que as políticas sociais compensatórias, como o Bolsa-Escola (que paga R\$ 15 mensais por aluno matriculado), são por si só incapazes de impedir que o narcotráfico continue aliciando crianças provenientes de estratos de baixa renda: tais políticas aliviam um pouco o orçamento familiar e incentivam os pais a manterem os filhos estudando, o que de modo algum impossibilita a opção pela delinquência. No mesmo sentido, os programas voltados aos jovens vulneráveis ao crime organizado (circo-escolas, oficinas de cultura, escolinhas de futebol) são importantes, mas não resolvem o problema.

A única maneira de reduzir a atração exercida pelo tráfico é a repressão, que aumenta os riscos para os que escolhem esse caminho. Os rendimentos pagos aos adolescentes provam isso: eles são elevados precisamente porque a possibilidade de ser preso não é desprezível. É preciso que o Executivo federal e os estaduais desmontem as organizações paralelas erguidas pelas quadrilhas, para que a certeza de punição elimine o fascínio dos salários do crime.

(Editorial. Folha de S. Paulo. 15 jan, 2003.)

1. (ENEM-2010) – No Editorial, o autor defende a tese de que “as políticas sociais que procuram evitar a entrada dos jovens no tráfico não terão chance de sucesso enquanto a remuneração oferecida pelos traficantes for tão mais compensatória que aquela oferecida pelos programas do governo”. Para comprovar sua tese, o autor apresenta

- instituições que divulgam o crescimento de jovens no crime organizado.
- sugestões que ajudam a reduzir a atração exercida pelo crime organizado.
- políticas sociais que impedem o aliciamento de crianças no crime organizado.

- pesquisadores que se preocupam com os jovens envolvidos no crime organizado.
- números que comparam os valores pagos entre os programas de governo e o crime organizado.

RESOLUÇÃO:

Os principais dados que o texto apresenta a respeito do problema tratado são os valores muito díspares dos salários pagos aos traficantes e da ajuda concedida por programas sociais do governo.

Respeito: E

2. (ENEM-2010) – Com base nos argumentos do autor, o texto aponta para

- uma denúncia de quadrilhas que se organizam em torno do narcotráfico.
- a constatação de que o narcotráfico restringe-se aos centros urbanos.
- a informação de que as políticas sociais compensatórias eliminarão a atividade criminosa a longo prazo.
- o convencimento do leitor de que para haver a superação do problema do narcotráfico é preciso aumentar a ação policial.
- uma exposição numérica realizada com o fim de mostrar que o negócio do narcotráfico é vantajoso e sem riscos.

RESOLUÇÃO:

O parágrafo final deixa claro o objetivo do texto: levar à convicção de que a repressão policial é “a única maneira de reduzir a atração exercida pelo tráfico”.

Resposta: D

Texto para a questão 3.

Em uma reportagem a respeito da utilização do computador, um jornalista posicionou-se da seguinte forma: A humanidade viveu milhares de anos sem o computador e conseguiu se virar. Um escritor brasileiro disse com orgulho que ainda escreve a máquina ou a mão; que precisa do contato físico com o papel. Um fato que não alterou apenas a vida de algumas pessoas, ampliando a oferta de pesquisa e correspondência, mudando a carreira de todo mundo. Um professor arrematou que todas as disciplinas hoje não podem ser imaginadas sem os recursos da computação e, para um físico, ele é imprescindível para, por exemplo, investigar a natureza subatômica.

Como era a vida antes do computador?
OceanAir em Revista. n.º 1, 2007 (adaptado).

3. (ENEM-2010 - 2.ª Aplicação) – Entre as diferentes estratégias argumentativas utilizadas na construção de textos, no fragmento, está presente

- a comparação entre elementos.
- a reduplicação de informações.
- o confronto de pontos de vista.
- a repetição de conceitos.
- a citação de autoridade.

RESOLUÇÃO:

Resposta: C

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO REDACIONAL



1. APRESENTAÇÃO VISUAL DA REDAÇÃO

- ❑ Preencher corretamente todos os itens do cabeçalho com letra legível.
- ❑ Centralizar o título na primeira linha, sem aspas e sem grifo. O título pode apresentar interrogação, desde que o texto responda à pergunta.
- ❑ Pular uma linha entre o título e o texto, para então iniciar a redação.
- ❑ Fazer parágrafos distando mais ou menos três centímetros da margem e mantê-los alinhados.
- ❑ Não ultrapassar as margens (direita e esquerda) e também não deixar de atingi-las.
- ❑ Evitar rasuras e borrões. Caso o aluno erre, ele deverá anular o erro com um traço apenas. Ex.: O maior ~~problema~~ problema...
- ❑ Apresentar letra legível, tanto de forma quanto cursiva. Distinguir bem as maiúsculas das minúsculas.
- ❑ Evitar exceder o número de linhas pautadas ou pedidas como limites máximos e mínimos. Deixar aproximadamente entre cinco linhas aquém ou além dos limites.
- ❑ Escrever apenas com caneta preta ou azul. O rascunho ou o esboço das ideias podem ser feitos a lápis e rasurados. A redação definitiva não será corrigida em caso de utilização de lápis, caneta vermelha, verde etc.

2. CONTEÚDO

- ❑ Adequar o título ao conteúdo do texto.
- ❑ Adequar o conteúdo ao tema proposto.
- ❑ Obedecer à estrutura dissertativa: tese, argumentação e conclusão; número de parágrafos suficientes (no mínimo três) para adequação da estrutura.
- ❑ Usar verbos na terceira pessoa do singular ou do plural, ou ainda na primeira pessoa do plural. O aluno deve evitar o emprego da primeira pessoa (*eu*); não deve citar fatos de sua vida particular, nem servir-se do texto para fins doutrinários.

- ❑ Expressar-se em linguagem clara, objetiva, concisa (as palavras empregadas devem ser fundamentais e informativas). A linguagem deve refletir o padrão culto da língua.
- ❑ Diversificar o vocabulário e evitar repetições; não usar clichês ou frases feitas como “a pureza das crianças”, “a sabedoria dos velhos”.
- ❑ Evitar o uso inadequado de palavras de sentido vago, como “coisa”; conceitos amplos como “certo”, “errado”, “justiça”, “liberdade” etc.; apreciações subjetivas como “bom”, “mau”, “incrível”, “péssimo”, “triste” devem ser evitadas.
- ❑ Concatenar as ideias, articulando-as em etapas sucessivas até a conclusão. Para promover a concatenação entre parágrafos, deve-se retomar uma palavra usada no parágrafo anterior e usar os conectivos adequados (conjunções, pronomes, preposições e advérbios) que promovam a coesão textual entre orações, períodos e parágrafos.
- ❑ Utilizar argumentos convincentes, analisados com criticidade: fatos notórios e históricos, conhecimentos geográficos, cifras aproximadas, informações e aquisições culturais diversas. Defenda seu ponto de vista sem ferir os direitos humanos.
- ❑ Concluir de forma coerente com a tese e a argumentação. A conclusão deve ser breve, reaproveitando ideias discutidas ao longo do texto.

Observação

Números

- idade – deve-se escrever por extenso até o n.º 10. Do n.º 11 em diante, devem-se usar algarismos;
- datas, horas e distâncias sempre em algarismos: 10h30min, 12h, 10m, 16m30cm, 10km (m, h, km, l, g, kg).

Palavras estrangeiras

As que já estiverem incorporadas aos hábitos linguísticos devem vir sem aspas: marketing, merchandising, software, dark, punk, status, office-boy, hippie, show, skinhead etc.



<p>HÁ ALGUMA COISA MELHOR DO QUE SER LINDA?</p>	<p>HÁ ALGUMA COISA MELHOR DO QUE SER JOVEM?</p>	<p>HÁ ALGUMA COISA MELHOR DO QUE SER ELEGANTE?</p>
<p>SER MAGRA.</p> 	<p>SER... MA... GRA.</p> 	<p>SER MAGRA.</p> 
<p>HÁ ALGUMA COISA MAIS FANTÁSTICA DO QUE SER BEM-SUCEDIDA?</p>	<p>HÁ ALGUMA COISA MAIS FANTÁSTICA DO QUE SER FAMOSA?</p>	<p>HÁ ALGUMA COISA MAIS FANTÁSTICA DO QUE SER MILIONÁRIA?</p>
<p>SER MAGRA.</p> 	<p>SER MAGRA.</p> 	<p>SER MAGRA.</p> 
<p>HÁ ALGUMA COISA MAIS IMPORTANTE DO QUE ENCONTRAR O HOMEM DA SUA VIDA?</p>	<p>HÁ ALGUMA COISA MAIS IMPORTANTE DO QUE SER FELIZ?</p>	<p>HÁ ALGUMA COISA MAIS IMPORTANTE DO QUE SER MAGRA?</p>
<p>SER MAGRA.</p> 	<p>SER MAGRA.</p> 	<p>NÃO TER CELULITE!!</p> 

maiteens

Nome _____ 3º ANO Unidade _____ CURSO Turma Manhã Tarde Noite MÓDULO 1

Você prefere ser cego ou obeso?

Diante da questão que está no título, 15% dos americanos disseram que prefeririam ser cegos a ser obesos; 25% achariam melhor até sofrer uma depressão grave, daquelas que tiram a vontade de sair da cama. Maluquice?

Se você tentar descobrir quanta gente a seu lado não deixa de fumar, arriscando-se a ter um câncer, com medo de engordar, verá como o estigma do peso produziu um distúrbio emocional coletivo.

(Gilberto Dimenstein, 12/6/2011)

Dos 40 milhões de brasileiros em guerra com a balança, 16 milhões não conseguem perder peso apenas com mudanças no estilo de vida. Eles podem se esfalfar na academia de ginástica e viver à base de alface e, mesmo assim, estão condenados ao fracasso pela genética ou por desajustes biológicos adquiridos. Alguns apresentam um ritmo metabólico mais lento do que o normal – e, por isso, queimam menos gordura. Outros, por causa de um desequilíbrio químico cerebral, precisam de muita comida para que se sintam satisfeitos. Sem medicamentos, esses homens e mulheres não emagrecem. E assim, podem adoecer seriamente”.

(LOPES, Adriana D.; MING, Laura; MAGALHÃES, Naiara. Revista *Veja*, 23 fev. 2011, p. 83. Adaptado.)

Os brasileiros estão cada vez mais gordos, revela pesquisa do Ministério da Saúde divulgada ontem. Sem o hábito de praticar exercícios e com uma alimentação ruim, muito rica em gordura e pobre em frutas e verduras, 48,1% dos adultos têm excesso de peso. A obesidade alcança 15% da população brasileira acima dos 18 anos. E o Rio já é uma cidade de gordos. Segundo o estudo, é a segunda capital do país em número de pessoas com sobrepeso, 53%, perdendo apenas para Rio Branco, no Acre, onde o percentual é de 55%.

(WEBER, Demétrio. *O Globo*, 19 abr. 2011, p. 28. Adaptado.)

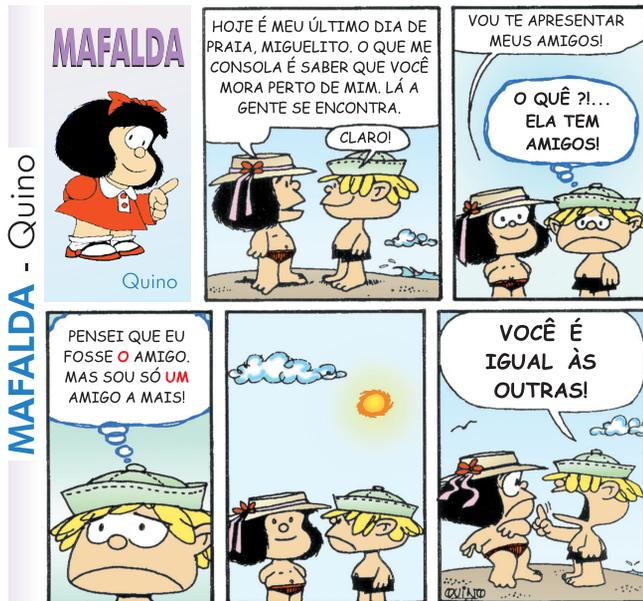
Com base na leitura dos textos e em suas próprias observações, discuta num texto dissertativo por que é tão difícil emagrecer e se a obsessão pelo peso ideal vincula-se à preocupação com a saúde ou com a estética.

Observações do(a) corretor(a):

Nome: _____

O aluno pode argumentar que é difícil emagrecer porque a oferta de alimentos é muito grande e a propaganda estimula o excesso de apetite. Além disso, muitas pessoas levam vida sedentária (mais de 60% dos brasileiros não praticam nenhum esporte), consumindo mais alimentos do que o necessário para exercer suas atividades diárias e essa energia extra provoca obesidade. O aluno pode argumentar que a preocupação com o peso é questão estética, dificilmente os indivíduos procuram emagrecer em função da saúde, porque a aparência é sempre uma prioridade. O aluno pode também discutir a proibição de remédios que auxiliam no emagrecimento.

MÓDULO 3

CLASSIFICAÇÃO DAS PALAVRAS (I) –
PALAVRAS VARIÁVEIS E INVARIÁVEIS

1. No terceiro quadrinho, os artigos *o* (definido) e *um* (indefinido) determinam as relações de amizade pensadas por Miguelito.

a) Quais são elas?

RESOLUÇÃO: As relações de “melhor amigo” e de “parte de um grupo de amigos, conhecido”.

b) Explique por que esses recursos causam tal efeito.

RESOLUÇÃO: A oposição definido/indefinido (*o/um*) reforça a distinção valorativa: *o amigo* é apresentado como *único, o melhor*, enquanto *um amigo* significa *um qualquer*.

2. (IBMEC) – Compare estes períodos:

I. É consensual que as poucas leis brasileiras sobre crimes ambientais não funcionam.

II. É consensual que poucas leis brasileiras sobre crimes ambientais não funcionam.

A alternativa que as analisa corretamente é:

- A presença do artigo definido, na frase I, permite inferir que a afirmação contém uma crítica à eficiência das leis ambientais.
- Na frase II, a ausência de artigo representa um erro gramatical, pois pronomes indefinidos exigem palavras que os determinem.
- A comparação das frases é um indício de que, apesar de atuarem como elementos coesivos, os artigos servem apenas para ligar palavras.
- O emprego do artigo na frase I representa um elogio à legislação brasileira que atua no combate aos crimes ambientais.
- Com ou sem artigo, as frases revelam que o governo brasileiro não é capaz de atuar na defesa do meio ambiente.

Resposta: A

Texto para a questão 3.

NA MORTE DOS RIOS

*Desde que no Alto Sertão um rio seca,
a vegetação em volta, embora de unhas,
embora sabres, intratável e agressiva,
faz alto à beira daquele leito tumba.
Faz alto à agressão nata: jamais ocupa
o rio de ossos areia, de areia múmia.*

(João Cabral de Melo Neto)

3. (UNESP) – João Cabral de Melo Neto pretendeu criar uma linguagem para seus poemas que se afastasse um pouco da linguagem usual, por meio de pequenos desvios. Para isso, empregou, às vezes, palavras fora das classes morfológicas a que pertencem.

a) Transcreva os fragmentos em que isso acontece.

RESOLUÇÃO:

As expressões são: “leito tumba”, “ossos areia”, “areia múmia”.

b) Identifique a classe original das palavras e a classe em que João Cabral as utilizou em seu poema.

RESOLUÇÃO:

Os termos *tumba*, *areia* e *múmia* são substantivos, mas foram empregados como adjetivos.

Texto para a questão 4.

*A pobre esposa chorosa
naquele estranho ambiente
recorda muito saudosa
sua terra e sua gente
relembra o tempo de outrora,
lamenta, suspira e chora
com a alma dolorida
além da necessidade
padece a roxa saudade
de sua terra querida*

(ASSARÉ, Patativa do. Emigração. In: _____. *Cordéis e outros poemas*. Fortaleza: Edições UFC, 2006. p. 108.)

4. (UFC) – Analise o que se afirma sobre o texto e, a seguir, coloque V ou F conforme seja verdadeiro ou falso o que se afirma sobre ele.

- O uso da sequência de verbos retrata o aumento gradativo do sofrimento da personagem, quando está distante de sua terra.
- Os versos “além da necessidade/padece a roxa saudade” equivalem semanticamente ao provérbio “Além de queda, coice”.
- O uso do adjetivo *roxa* (v. 9), referindo-se à saudade que a personagem sente de sua terra, autoriza o leitor a inferir que o sentimento dela era comido.

Assinale a alternativa correta.

- a) V, F, V. b) F, V, F. c) F, F, V. d) V, V, V. e) V, V, F.

Resposta: E

Locução adjetiva é uma expressão formada de **preposição** e **substantivo** que, geralmente, qualifica o **substantivo** que a antecede.

5. (UNIP) – A expressão destacada corresponde a um adjetivo em:
- Ao fim de um mês, ele capinava de **sol a sol**.
 - Essa festa religiosa é uma tradição **do lugar**.
 - Viu diante dos seus olhos as jabuticabas negras a estalar **dos caules rijos**.
 - As aboboreiras se arrastavam carnudas, cheias **de pólen**.
 - Ele procurava com boa vontade usar a enxada **da maneira ensinada**.

RESOLUÇÃO:

A expressão “do lugar” é locução adjetiva, porque caracteriza um substantivo (*tradição*). Nas demais alternativas, trata-se de locuções adverbiais, porque modificam verbo ou adjetivo.

Resposta: B

6. (ITA) – Em qual das alternativas os substantivos apresentados se referem, respectivamente, aos adjetivos “simiesco, ígneo, somático, insular”?
- macaco, fogo, corpo, ilha.
 - semelhança, ignição, pedra, solidão.
 - símile, fogo, adição, arquipélago.
 - primata, pureza, constituição, isolamento.
 - similar, ignorância, soma, istmo.

Resposta: A

7. (IBMEC) – Dados os seguintes adjetivos: *pluvial, occipital, lupino* e *lacustre*, assinale a alternativa que apresenta as locuções adjetivas correspondentes.

- de chuva, de olho, de lobo e de rio, respectivamente.
- de chuva, de nuca, de lupa e de lago, respectivamente.
- de rio, de nuca, de lobo e de lago, respectivamente.
- de chuva, de nuca, de lobo e de lago, respectivamente.
- de rio, de olho, de lupa e de lago, respectivamente.

Resposta: D

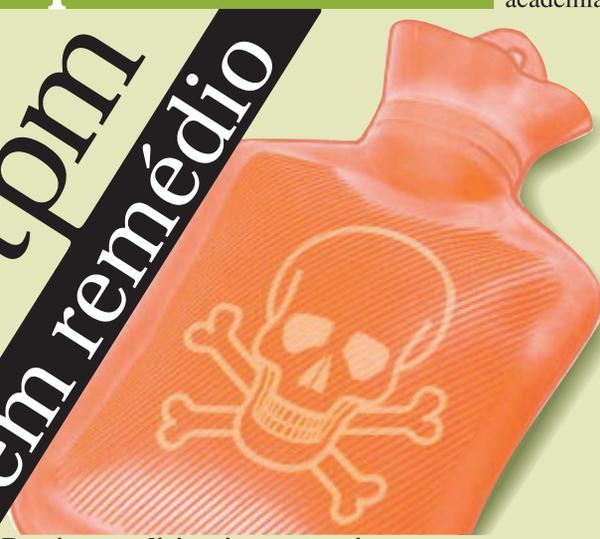
Utilize os textos a seguir para responder ao teste 8.

FOLHA DE S.PAULO

equilíbrio

transpire
Copa do Mundo
inspira novas
coreografias da
moda nas
academias

**tpm
sem remédio**



Receitas tradicionais e naturais para segurar a onda da maioria das brasileiras que vive à beira de um ataque de nervos; pesquisa mostra que 56% têm mau Humor mensal

REMÉDIO CONTRA FILA.



**PAGUE NA FARMÁCIA
SUA CONTA DE LUZ.**

A CPFL está sempre buscando novas maneiras de facilitar sua vida. Desta vez, a ideia é tirar você da fila do banco. De agora em diante, pode pagar sua conta de luz nas farmácias credenciadas pela CPFL. Sem espera, sem chateação, sem condicionar seus horários aos horários do banco. Sábados, domingos e feriados. Afinal, a eletricidade sempre esteve ligada a uma vida mais moderna. Já estava na hora de você ter uma alternativa para não enfrentar fila.

CPFL
Investindo em você

8. (INSPER) – Coloque V (verdadeiro) ou F (falso) para as afirmações que seguem.
- Se compreendida como uma locução adjetiva, a expressão “sem remédio” (presente no Texto I) poderia ser substituída, sem alteração de sentido, pelo adjetivo “inevitável”.
 - No Texto II, a preposição “contra” estabelece a ligação entre as atividades normais de uma farmácia e a possibilidade anunciada de usá-la para fazer pagamentos.
 - Em sentido literal, a expressão “sem remédio” (Texto I) tem caráter adverbial, já que modifica o substantivo, indicando circunstância de modo.
 - Em ambos os textos, ocorre uma ambiguidade decorrente do caráter polissêmico do substantivo “remédio”.

A sequência correta é

a) V, F, F, V.

b) F, V, V, F.

c) V, V, F, F.

d) F, V, V, V.

e) V, V, F, V.

Resposta: E



Aplicações

1. (MACKENZIE) – Aponte a alternativa **incorreta** quanto à correspondência entre a locução e o adjetivo:
- glacial (de gelo) – ósseo (de osso).
 - fraternal (de irmão) – argênteo (de prata).
 - farináceo (de farinha) – pétreo (de pedra).
 - viperino (de vespa) – ocular (de olho).
 - ebúrneo (de marfim) – insípida (sem sabor).

RESOLUÇÃO:

(viperino corresponde a *de víbora*)

Resposta: D

2. (UFP – MODELO ENEM) – A expressão em que a mudança de colocação de seus termos altera por completo o sentido do adjetivo é:
- velho fidalgo – fidalgo velho.
 - índio tímido – tímido índio.
 - coração nobre – nobre coração.
 - pobre índio – índio pobre.
 - admiração ardente – ardente admiração.

Resposta: D

3. (MACKENZIE) – De acordo com a norma culta, assinale a alternativa que apresenta **inadequação** no processo de nominalização.
- As passistas da escola de samba estavam dispersas.
Dispersão das passistas da escola de samba.
 - Os jovens perseveraram em busca de soluções para os problemas do país.
Perseverança dos jovens em busca de soluções para os problemas do país.
 - A herança foi dissipada pelos herdeiros.
Dissipação da herança pelos herdeiros.

- O movimento de protesto foi reprimido pelas autoridades.
Repressão do movimento de protesto pelas autoridades.
- A França asilou muitos brasileiros durante a ditadura militar.
Asilamento de muitos brasileiros pela França durante a ditadura militar.

RESOLUÇÃO:

"Asilamento" é palavra não registrada (ou seja, "inexistente"). O substantivo adequado para corresponder a "asilar" é "asil", cujo emprego, no entanto, implicaria a transformação do adjunto adverbial ("pela França" seria substituído por "na França").

Resposta: E

4. (UFTM) – Observe as palavras: *hábil, crer, precisa*. Assinale a alternativa que contém os substantivos, derivados dessas palavras, na forma negativa.
- inabilidade – descrença – imprecisão.
 - inábil – descrença – imprecisa.
 - habilidade – crença – precisão.
 - habilidoso – crente – precioso.
 - inabilidade – descrente – precisamente.

Resposta: A

5. (FECE – APUCARANA) – O adjetivo **marítimos** equivale à locução adjetiva **dos mares**. Assinale a alternativa em que **não** há correspondência entre o adjetivo e a locução.
- exangue – sem sangue.
 - inodoro – sem sabor.
 - hepático – do fígado.
 - bélico – da guerra.
 - pluvial – da chuva.

RESOLUÇÃO:

O adjetivo *inodoro* corresponde à locução adjetiva *sem cheiro*, e *insípido* à locução *sem sabor*.

Resposta: B

MÓDULO 4

CLASSIFICAÇÃO DAS PALAVRAS (II)

QUADRO DOS PRONOMES

PESSOA	PESSOAL RETO	PESSOAL OBLÍQUO	POSSESSIVO	DEMONSTRATIVO
1. ^a pes. sing.	EU	me, mim, comigo	meu(s), minha(s)	este(s), esta(s), isto
2. ^a pes. sing.	TU	te, ti, contigo	teu(s), tua(s)	esse(s), essa(s), isso
3. ^a pes. sing.	ELE / ELA	se, si, consigo, lhe, o, a	seu(s), sua(s)	aquele(a, es, as), aquilo, o, a
1. ^a pes. plural	NÓS	nos, conosco	nosso(s), nossa(s)	este(s), esta(s), isto
2. ^a pes. plural	VÓS	vos, convosco	vosso(s), vossa(s)	esse(s), essa(s), isso
3. ^a pes. plural	ELES / ELAS	se, si, consigo, lhes, os, as	seu(s), sua(s)	aquele(a, es, as), aquilo, os, as

OBS.: Os pronomes de tratamento (você, senhora, Vossa Senhoria etc.) e os pronomes indefinidos (alguém, ninguém, tudo, todos, vários etc.) só admitem verbos na 3.^a pessoa do singular ou do plural.

PRONOMES RELATIVOS

VARIÁVEIS

INVARIÁVEIS

MASCULINO

FEMININO

Singular

Plural

Singular

Plural

o qual

os quais

a qual

as quais

cujo

cujos

cuja

cujas

quanto

quantos

que

quem

onde

1. (FUVEST) – Gostaria de dizer- _____ que, para _____ poder aceitar seu irmão como sócio, **não** deve haver ressentimentos entre _____ .

Os espaços desta frase serão corretamente preenchidos por:

- a) lhe – eu – mim e ele. b) vos – mim – eu e ele.
c) te – mim – ele e mim. d) vos – eu – ele e mim.
e) lhe – mim – ele e eu.

Resposta: A

2. Complete as frases com **eu** ou **mim**:

- a) Há uma antiga discordância de ideias entre _____ e você.
b) Para _____ sair é necessário que alguém fique em casa.
c) Para _____ não é impossível digitar este capítulo.
d) Não é fácil, para _____, ter de desconfiar das pessoas.
e) Trata-se de um problema difícil para _____ resolver sozinho.
f) Trata-se de um problema difícil para _____ .
g) Entre sua irmã e _____ não há mais nada.

RESOLUÇÃO:

a) mim; b) eu; c) mim; d) mim; e) eu; f) mim; g) mim.

Os pronomes demonstrativos **este(s)**, **esta(s)** e **isto** anunciam palavras que ainda vão aparecer na progressão do texto, referem-se a tempo presente e indicam o que está próximo da pessoa que fala (1.^a pessoa).

Os pronomes demonstrativos **esse(s)**, **essa(s)** e **isso** retomam termos ou orações já mencionados, referem-se a tempo futuro ou passado e indicam o que está próximo da pessoa com quem se fala (2.^a pessoa).

Os pronomes demonstrativos **aquele(s)**, **aquela(s)** e **aquilo** referem-se a tempo passado remoto e ao que está distante da pessoa com que se fala.

3. Com base nas definições dadas, assinale a alternativa **incorreta**:

- a) Nesses próximos dias, sairão os resultados das provas.
b) “Essa força que mora em seu coração.” (Caetano Veloso)
c) “Aqui neste mundinho fechado ela é incrível.” (Skank)
d) Durante esta semana, haverá uma feira de ciências na escola.
e) A noite resumiu-se nisso: comer, beber e conversar.

Resposta E (nisto).



4. (FUVEST-transferência) – O que provoca, de modo mais decisivo, o efeito de humor desta tirinha é

- a) a falta de nexo entre as duas falas de Beth.
b) a resposta agressiva da garota.
c) o inesperado da questão proposta pelo rapaz.
d) a interpretação que Beth deu à pergunta do rapaz.
e) o emprego de palavra estrangeira e de gíria na mesma fala.

Resposta: D

5. (FUVEST-transferência) – Considere as seguintes afirmações relativas a diferentes aspectos linguísticos do texto:

- I. O destaque gráfico dado a uma palavra do 2.^o quadrinho é uma representação de um ato próprio da língua oral.
II. Se passarmos as falas que compõem a tirinha para o discurso indireto, teremos alterações tanto de verbos quanto de pronomes.
III. Dada a situação em que se encontram as duas personagens no 2.^o quadrinho, o correto seria usar “este” e não “esse” no trecho “esse game”, tendo em vista a norma padrão da língua.

Está correto o que se afirma em

- a) I, somente. b) II, somente. c) III, somente.
d) I e II, somente. e) I, II e III.

Resposta: E

6. (ESPM) – Assinale a única alternativa em que o uso do vocábulo *mesmo* **não** é aceito pela norma culta:
- No ano, os alimentos já acumulam alta de 9,78%, quase o *mesmo* patamar registrado de janeiro a dezembro do ano passado.
 - Antes de entrar no elevador, verifique se o *mesmo* encontra-se parado no andar.
 - Eles têm de gastar mais *mesmo*, para melhorar a qualidade de ensino.
 - Uma das cepas da bactéria – *M. massiliense* – envolvida nos surtos apresentou resistência ao produto, *mesmo* após dez horas de exposição.
 - Novo Triunfo (334 km de Salvador) será o único município brasileiro com mais mulheres que homens na disputa por uma vaga na Câmara Municipal. Nas eleições passadas, o número de candidatos foi o *mesmo*.

Resposta: B

Utilize a tirinha a seguir para responder ao teste 7.



(Folha de S.Paulo, 23/1/2010.)

7. (INSPER) – Analise estas afirmações:
- O humor da tira decorre do emprego da segunda pessoa – na linguagem contemporânea, usada em contextos restritos – sugerindo um traço de sacralidade para as falas cerimoniais das traças em situações que são banais.
 - O modo como falam as personagens traças na tira é um indicador de que elas podem ser qualificadas como sábias e cultas, já que empregam verbos e pronomes de acordo com a formalidade exigida pela gramática normativa.
 - A opção pelo uso da segunda pessoa do plural tem o objetivo de representar um registro típico da linguagem regional.

Está(ão) correta(s)

- Apenas I.
- Apenas I e II.
- Apenas I e III.
- Apenas II.
- I, II e III.

Resposta: A

Leia o trecho:

Abane a cabeça, leitor; faça todos os gestos de incredulidade. Chegue a deitar fora este livro, se o tédio já não o obrigou a isso antes; tudo é possível. Mas, se o não fez antes e só agora, fio que torne a pegar o livro e que o abra na mesma página, sem crer por isso na veracidade do autor. Todavia não há nada mais exato. Foi assim mesmo que Capitu falou, com tais palavras e maneiras.

(Machado de Assis, *D. Casimiro*)

8. (ESPM) – Baseado nesse trecho e na obra, assinale a afirmação **falsa**:
- O narrador-personagem se dirige ao leitor numa atitude ambígua: pede para acreditar na veracidade dele (autor), ao mesmo tempo em que permite duvidar de suas palavras.
 - O narrador usa de contra-argumentação para todos os possíveis atos de recusa do leitor.
 - A frase “Todavia não há nada mais exato.” confere certeza e segurança ao leitor sobre todos os fatos narrados por Bentinho.
 - No diálogo com o leitor, tem-se uma das principais técnicas muito usada por Machado: a metalinguagem.
 - Mesmo caracterizando o texto quase como uma confissão, a qual não se deve questionar, o narrador pode estar enganado em sua versão sobre os fatos.

Resposta: C

9. (ESPM) – As ocorrências do vocábulo **o**, em negrito, referem-se, respectivamente, a:
- o **você** (leitor); deitar fora este livro; livro.
 - deitar fora este livro; gesto; livro.
 - o **você** (leitor); gesto; livro.
 - deitar fora este livro; gesto; **você** (leitor).
 - o **você** (leitor); deitar fora este livro; **você** (leitor).

Resposta: A

Manuel Bandeira

Filho de engenheiro, Manuel Bandeira foi obrigado a abandonar os estudos de arquitetura por causa da tuberculose. Mas a iminência da morte não marcou de forma lúgubre sua obra, embora em seu humor lírico haja sempre um toque de funda melancolia, e na sua poesia haja sempre um certo toque de morbidez, até no erotismo. Tradutor de autores como Marcel Proust e William Shakespeare, esse nosso Manuel traduziu mesmo foi a nostalgia do paraíso cotidiano mal idealizado por nós, brasileiros, órfãos de um país imaginário, nossa Cocanha perdida, Pasárgada. Descrever seu retrato em palavras é uma tarefa impossível, depois que ele mesmo já o fez tão bem em versos.

(Revista Língua Portuguesa, n.º 40, fev. 2009.)

10. (ENEM) – A coesão do texto é construída principalmente a partir do (a)
- repetição de palavras e expressões que entrelaçam as informações apresentadas no texto.
 - substituição de palavras por sinônimos como "lúgubre" e "morbidez", "melancolia" e "nostalgia".
 - emprego de pronomes pessoais, possessivos e demonstrativos: "sua", "seu", "esse", "nosso", "ele".
 - emprego de diversas conjunções subordinativas que articulam as orações e períodos que compõem o texto.
 - emprego de expressões que indicam sequência, progressividade, como "iminência", "sempre", "depois".

RESOLUÇÃO: A função coesiva dos pronomes mencionados na alternativa c está em que eles retomam elementos anteriores do texto: “sua obra” (= de Manuel Bandeira), “seu humor” (idem), “sua poesia” (idem) etc. Resposta: C



Aplicações

1. (UMC) – Observe:

A base governamental levantou a hipótese de que a mudança introduzida na economia argentina é de tal forma inédita que a população ainda não a assimilou.

(Folha de S. Paulo. 17/7/2003)

O pronome grifado, no fragmento acima, refere-se a

- a) população b) hipótese
c) mudança d) economia
e) base governamental

Resposta: C

2. (UEPG-PR) – Convivi, durante longos anos, com Machado e Alencar; _____ me seduziu pela suavidade romântica do seu estilo; _____, pela ironia às vezes amarga com que tonifica o discurso narrativo.

- a) aquele, aquele b) este, este
c) este, aquele d) esse, esse
e) aquele, este

Resposta: C

3. (ESPM) – Assinale o item em que o pronome grifado tenha valor semântico de **possessivo**:

- a) “A borboleta, depois de esvoaçar muito em torno de mim, pousou-me na testa.” (Machado de Assis)
b) “Começo a arrepender-me deste livro. Não que ele me canse; eu não tenho que fazer.” (Machado de Assis)
c) “Perdi-me dentro de mim / Porque eu era labirinto.” (Mário de Sá Carneiro)
d) “Vou-me embora pra Pasárgada / Lá sou amigo do rei!” (Manuel Bandeira)
e) “Perdi alguma coisa que me era essencial, e que já não me é mais.” (Clarice Lispector)

Resposta: A

Assistir às "gostasas" do "Big Brother Brasil" foi uma das justificativas de um juiz do Rio para dar ganho de causa a um homem que ficou meses sem poder ver televisão. O juiz Cláudio Ferreira Rodrigues, 39, titular da Vara Cível de Campos dos Goytacazes (278 km do Rio), justificou sua sentença dizendo que procura "ser sempre o mais informal possível".

Ao determinar o pagamento de indenização de R\$ 6.000 por defeito em um aparelho de TV, o juiz afirmou na sentença: "Na vida moderna, não há como negar que um aparelho televisor, presente na quase totalidade dos lares, é considerado bem essencial. Sem ele, como o autor poderia assistir às gostosas do 'Big Brother'?"

(Folha de S. Paulo, 3/2/2009.)

4. (INSPER) – A respeito do pronome presente em “justificou sua sentença”, é correto afirmar que

- a) instaura o pressuposto de que a escolha lexical do juiz é incompatível com a linguagem jurídica.

b) é um anafórico que estabelece a coesão textual ao retomar a palavra “juiz”.

c) cria uma ambiguidade, já que pode se referir tanto ao juiz quanto ao homem que ganhou a causa.

d) é uma marca de oralidade que só pode empregada na linguagem coloquial.

e) pode ser substituído, sem alteração de sentido, pelo possessivo “tua”.

Resposta: B

5. (FAAP-SP)

*Ouvindo-te dizer: Eu te amo,
creio, no momento, que sou amado.
No momento anterior
e no seguinte
como sabê-lo?*

O pronome *o* está no lugar da oração:

- a) “ouvindo-te”. b) “dizer”.
c) “eu te amo”. d) “que sou amado”.
e) “como sabê-lo”.

Resposta: D

6. (FGV-Econ.) – O trabalho tem mais isso de excelente: distrai nossa vaidade, engana **nossa** falta de poder.

Também há ocorrência de pronome empregado com sentido de posse em:

- a) O trabalho afasta de nós três grandes males: o tédio, o vício e a necessidade.
b) [O trabalho] impede-o de olhar um outro que é ele e que lhe torna a solidão horrível.
c) [O trabalho] desvia-o da visão assustadora de si mesmo.
d) Vagabundo é quem não tem o que fazer, nós temos, só não o fazemos.
e) [O trabalho] faz-nos sentir a esperança de um bom acontecimento.

RESOLUÇÃO:

No trecho “...que lhe torna a solidão horrível”, o pronome *lhe* é empregado com sentido de posse e equivale a sua: *que torna a sua solidão horrível*.

Resposta: B

7. (VUNESP) – Considerando o emprego de pronomes, assinale a alternativa correta.

- a) Pensando nos problemas, se esquecemos de ir ver o apartamento.
b) Entre mim e o engenheiro mecânico, nenhum acordo foi possível.
c) Ela não deveria ter ido sem eu e Jorge.
d) Lúcia falou para mim arrumar a casa.
e) Avistei os dois, chamei eles e se preocupeí com o que acontecia.

RESOLUÇÃO:

Em *a*, esquecemo-nos; em *c*, sem *mim*; em *d*, *eu* arrumar; em *e*, chamei-os e *me* preocupeí.

Resposta: B

Nome _____ 3º ANO

Unidade _____ CURSO

Turma Manhã Tarde Noite MÓDULO 2

Os acidentes de trânsito são a principal causa de morte não natural no País. E brasileiro gasta mais com carro do que com educação.

(Oded Grajew –
Presidente do Grupo Ethos)

Cerca de 70% dos acidentes de trânsito no Brasil são causados pelo álcool. E 50% dos acidentes pelo álcool são fatais. Portanto, toda ação feita para diminuir o consumo de bebida alcoólica entre motoristas é muito bem-vinda.

(Fábio Racy – Presidente da Associação Brasileira de Medicina de Tráfego)

Os brasileiros estão inventando um tipo novo de “assassinato social”. Consiste em beber bastante, entrar num carro – quanto mais caro e poderoso, melhor – e dizimar quem quer que esteja passando pela calçada.

(Marcelo Coelho)

A impunidade dos atropeladores é uma barbaridade nacional que banaliza mortes cruéis e evitáveis. Quantos culpados de tais crimes estão cumprindo pena hoje no Brasil? Há algum? Na Europa e nos Estados Unidos, pedestres, gente de skate, ciclistas etc. são respeitados. Lá, há punição, e o que quase não há é violência no trânsito.

Punição exemplar não traz ninguém de volta, mas é decisiva para que outros não morram tão gratuitamente. Segundo a sabedoria talmúdica, quem desculpa os culpados ultraja suas vítimas.

(Teresa Cristina Bracher e Nelson Ascher)

Refleta sobre o assunto de que tratam os textos e escreva uma dissertação em prosa, discutindo as medidas necessárias para coibir a associação álcool/direção.

Observações do(a) corretor(a):**Nome:** _____

A mídia tem divulgado inúmeras ocorrências de acidentes de trânsito provocadas por motoristas bêbados, que se recusam a fazer o teste do bafômetro, pagam fiança e respondem a processo em liberdade. A norma sancionadora prevê expressamente a aplicação de duas penas distintas ao condenado por esse tipo penal: “detenção, de dois a quatro anos, e suspensão ou proibição de se obter a permissão ou a habilitação para dirigir veículo automotor”. A lei é clara, mas poucos pagam pelo crime de tirar vidas no trânsito. Isso se deve à morosidade da justiça em julgar o caso, como, por exemplo, o que ocorreu com o jogador Edmundo. Ele provocou a morte de três pessoas em um acidente de trânsito, mas a pena prescreveu em oito anos. Difícilmente se ouve falar de alguém preso por ter provocado morte no trânsito em função de bebedeira ou uso de outras drogas. O aluno pode discutir a necessidade de intensificar a fiscalização (lei seca); penalizar com rigor o motorista bêbado; não permitir o pagamento de fiança no caso de acidente com morte etc.

MÓDULO 5

CLASSIFICAÇÃO DAS PALAVRAS (III)

Advérbio é palavra invariável que modifica o verbo, o adjetivo ou outro advérbio.

1. (ITA) – Considere o excerto abaixo:

“No Brasil, [o trote] é um meio de reafirmar, na passagem para a vida adulta, que o jovem estudante pertence **mesmo** a uma sociedade autoritária, violenta e de privilégio.”

Preserva-se o sentido da frase acima, caso a palavra em destaque seja substituída por

a) ainda. b) também. c) realmente. d) porém. e) portanto.

RESOLUÇÃO:

O termo *mesmo* funciona sintaticamente como adjunto adverbial de afirmação e modifica o verbo *pertencer*, assim como o advérbio *realmente* da alternativa correta. Em ambos, o sentido é de enfatizar a afirmação.

Resposta: C

2. (FUVEST) – “‘É preciso agir, e **rápido**’, disse ontem o ex-presidente nacional do partido.”

A frase em que a palavra destacada **não** exerce função idêntica à de **rápido** é:

- a) Como estava exaltado, o homem gesticulava e falava **alto**.
 b) Mademoiselle ergueu **súbito** a cabeça, voltou-a pro lado, esperando, olhos baixos.
 c) Estavam acostumados a falar **baixo**.
 d) Conversamos por alguns minutos, mas tão **abafado** que nem as paredes ouviram.
 e) Sim, havíamos de ter um oratório bonito, **alto**, de jacarandá.

RESOLUÇÃO:

O adjetivo *rápido* foi usado, no enunciado, com função de advérbio. O mesmo emprego ocorre em a, b, c e d. Já em e, o adjetivo *alto* é empregado com seu valor próprio, caracterizando o substantivo *oratório*.

Resposta: E

POEMA DE FINADOS

*Amanhã que é dia dos mortos
 Vai ao cemitério. Vai
 E procura entre as sepulturas
 A sepultura de meu pai.*

*Leva três rosas bem bonitas.
 Ajoelha e reza uma oração.
 Não pelo pai, mas pelo filho:
 O filho tem mais precisão.*

*O que resta de mim na vida
 É a amargura do que sofri.
 Pois nada quero, nada espero.
 E em verdade estou morto ali.*

(Manuel Bandeira, *Libertinagem*.)

3. (UNESP) – No poema de Manuel Bandeira, o eu lírico sugere ao interlocutor que faça algo num determinado tempo. Indique a palavra que identifica esse tempo em que o interlocutor deve fazer o que pede o *eu* do poema e uma frase que mostre o que está sendo pedido.

RESOLUÇÃO:

A palavra que identifica o tempo é o advérbio “Amanhã”, indicando o dia de finados (“dia dos mortos”). O que está sendo pedido pelo *eu* do poema é evidenciado pelos verbos no imperativo dirigidos ao interlocutor, pedindo a ele que vá ao cemitério e procure a sepultura do pai do eu lírico: “Vai ao cemitério. Vai / E procura entre as sepulturas / A sepultura de meu pai”. A sequência do pedido continua na segunda estrofe: “Leva três rosas bem bonitas. / Ajoelha e reza uma oração”, com verbos também no imperativo.

Preposições essenciais: a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, sem, sob, sobre, trás.

4. (FUVEST) – Ao ligar dois termos de uma oração, a preposição pode expressar, entre outros aspectos, uma relação temporal, espacial ou nocional. Nos versos

*Amor total e falho... Puro e impuro...
 Amor de velho adolescente...*

a preposição *de* estabelece uma relação nocional.

Essa mesma relação ocorre em

- a) "Este fundo *de* hotel é um fim *de* mundo."
 b) "A quem sonha *de* dia e sonha *de* noite, sabendo todo sonho vão."
 c) "(...)
 depois fui pirata mouro,
 flagelo *da* Tripolitânia."
 d) "Chegarei *de* madrugada, quando cantar a seriema."
 e) "Só os roçados *da* morte
 compensam aqui cultivar."

Resposta: E

Texto para a questão 5.

A carruagem parou ao pé de uma casa amarelada, com uma portinha pequena. Logo à entrada um cheiro mole e salobro enojou-a. A escada, de degraus gastos, subia ingrememente, apertada entre paredes onde a cal caía, e a umidade fizera nódoas. No patamar da sobreloja, uma janela com um gradeadozinho de arame, parda do pó acumulado, coberta de teias de aranha, coava a luz suja do saguão. E por trás de uma portinha, ao lado, sentia-se o ranger de um berço, o chorar doloroso de uma criança.

(Eça de Queirós, *O Primo Basílio*)

5. (FUVEST) – O segmento do texto em que a preposição **de** estabelece uma relação de causa é:

- “ao pé de uma casa amarelada”.
- “escada, de degraus gastos”.
- “gradeadozinho de arame”.
- “parda do pó acumulado”.
- “luz suja do saguão”.

RESOLUÇÃO:

A preposição **de** introduz expressão que indica o motivo, o fator determinante de estar **parda** a janela da casa amarelada.

Resposta: D

6. (UEL)

*Que pode uma criatura senão,
entre criaturas, amar?
amar e esquecer,
amar e malamar,
amar, desamar, amar?
sempre, e até de olhos vidrados, amar?*

A palavra **até**, no texto de Carlos Drummond de Andrade, tem o mesmo valor semântico que em:

- O marinheiro chegou **até** o porto ao amanhecer.
- A polícia, **até** agora, não conseguiu capturar os fugitivos.
- As apurações estaduais foram suspensas **até** segunda ordem.
- Saveiro Geração III. Resiste a tudo, **até** a você.
- 12 **até** 18 dias sem juros no cheque especial. Tarifas que podem chegar a zero.

RESOLUÇÃO:

Até, no enunciado, significa **inclusive**, como na alternativa **d**. Em **a**, significa **limite no espaço**; em **b**, **c** e **e**, **limite no tempo**.

Resposta: D

7. (FGV-Eco) – *Ainda que endureçamos os nossos corações diante da vergonha e da desgraça experimentadas pelas vítimas, o ônus do analfabetismo é muito alto para todos os demais.*

A locução **ainda que** e o advérbio **muito** estabelecem, nesse enunciado, relações de sentido, respectivamente, de

- restrição e quantidade.
- causa e modo.
- tempo e meio.
- concessão e intensidade.
- condição e especificação.

RESOLUÇÃO:

"Ainda que" é uma locução conjuntiva de sentido **concessivo**; **"muito"** intensifica o adjetivo **"alto"**.

Resposta: D

8. (PUC-SP) – *Então, os peixes jovens, já não era mais possível segurá-los; agitavam as nadadeiras nas margens lodosas **para** ver se funcionavam **como** patas, **como** haviam conseguido fazer os mais dotados. **Mas** precisamente naqueles tempos se acentuavam as diferenças entre nós...*

As palavras destacadas indicam, respectivamente,

- finalidade, oposição, comparação, conformidade.
- oposição, finalidade, conformidade, oposição.
- conformidade, finalidade, oposição, comparação.
- finalidade, comparação, conformidade, oposição.
- comparação, finalidade, oposição, conformidade.

Resposta: D

9. (INATEL) – As frases a seguir estão sem seus elementos de coesão. Dentro dos parênteses está o significado que eles devem estabelecer dentro da frase. Assinale a **única** opção em que todos os elementos estão cumprindo esta exigência.

- Chamaram-me _____ o diretor chegou a sua sala. (tempo)
- _____ estávamos cansados, resolvemos dormir. (causa)
- _____ soubemos, o estádio ficará fechado para reformas. (conformidade)
- Ele se veste _____ um príncipe. (comparação)
- Cumpriremos as exigências _____ pareçam absurdas. (concessão)

- desde que / Conforme / Como / tal como / embora.
- quando / Porque / Conforme / de modo que / a fim de que.
- assim que / Como / Segundo / como / por mais que.
- logo que / Por que / Se / como / para que.
- porque / Quando / Embora / bem como / que.

Resposta: C



Aplicações

1. (VUNESP) – A preposição **de**, destacada nas frases, estabelece entre as palavras uma relação de causa na alternativa:
- ... ainda zozzo **de** sono, procura Lúcia...
 - ... mudaram-se e, **de** noite, lá estavam...
 - ... os dois deitados numa velha cama **de** casal.
 - ... ao saírem **de** mãos dadas...
 - ... ela chamou **de** “outra incrível lua de mel”.

Resposta: A

2. (VUNESP) – Considere os trechos:
- Certamente*, têm também a vantagem de não poluir o ar como as motocicletas.
- As bicicletas são oferecidas *em 1 450 pontos da capital*.

Os termos em destaque expressam, correta e respectivamente, as circunstâncias de

- intensidade e lugar.
- intensidade e tempo.
- afirmação e tempo.
- afirmação e lugar.
- causa e lugar.

Resposta: D

3. (CÁSPER LÍBERO)

- Fernanda sorriu **às pressas**.
- Respondi-lhe que aquilo devia ser ideia de minha mulher, que, **de quando em quando**, tem uma.
- Ele virá **com certeza**.

Nas frases acima, as locuções adverbiais em destaque devem ser classificadas, respectivamente, como de:

- modo, tempo, afirmação.
- modo, tempo, intensidade.
- tempo, modo, afirmação.
- modo, modo, intensidade.
- tempo, tempo, afirmação.

Resposta: A

4. (VUNESP) – Assinale a alternativa em que os advérbios substituam, correta e respectivamente, as ideias em destaque em:
- ... pessoas preocupadas **em excesso**. / **Pouco a pouco**, aprendemos a controlar a ansiedade. / **Dia e noite**, o homem da Pré-História convivia com a ansiedade.
- excessivamente, minimamente, distantemente.
 - demasiadamente, paulatinamente, diuturnamente.
 - exageradamente, resumidamente, gradativamente.
 - ilimitadamente, sucintamente, diariamente.
 - totalmente, integralmente, anualmente.

Resposta: B

5. (CÁSPER LÍBERO)

- Lá de ano **a** ano é que vinha procurá-la.
- Rompo **à** frente, tomo a mão esquerda.

- A mulher adormeceu **ao** seu lado.
- Ao** entardecer, avistei uma povoação.

Nas frases dadas, as preposições em destaque indicam, respectivamente, as noções de

- movimento no tempo, movimento no espaço, situação no tempo, situação no tempo.
- movimento no tempo, movimento no espaço, situação no espaço, situação no tempo.
- movimento no tempo, movimento no espaço, situação no tempo, situação no espaço.
- situação no espaço, situação no tempo, movimento no espaço, movimento no tempo.
- situação no espaço, movimento no tempo, situação no espaço, movimento no tempo.

Resposta: B

6. (FGV) – Quanto à morfologia, explique o emprego das palavras em destaque:

- mal** em ...ouvirei as moças falando **mal** do chefe na fila do Subway... e em – O **mal** é as moças não respeitarem a ausência do chefe na fila do Subway.
- só** em ... em vez de caminhar, **só**, em direção a uma edícula, no fundo do quintal. – e em – **Só** preciso ter acesso ao coração do mundo.

RESOLUÇÃO

- Em “falando mal”, **mal** é advérbio; em “o mal é...”, **mal** é substantivo.
- Na primeira ocorrência, **só** é adjetivo, sinônimo de *sozinho, solitário*; na segunda, é advérbio, sinônimo de *apenas, somente*.

Atente para o trecho:

Depois, e só depois, poderei voltar para minha edícula e tentar escrever algo que preste. Algo que, um dia, espero, chegue aos pés do último verso do poema de Drummond: “Mundo, mundo, vasto mundo, mais vasto é meu coração.”

7. (FGV)

- Identifique a ideia expressa pelas preposições *para* em – ... voltar para minha edícula...– e *de* em – ... poema de Drummond.
- Aponte no verso de Drummond a palavra que designa a ideia de um coração grandioso e identifique a classe gramatical a que ela pertence

RESOLUÇÃO

- Em *voltar para a minha edícula*, a preposição *para* equivale à preposição *a* e indica *lugar de destino* (*lugar aonde* ou *para onde*). Em *poema de Drummond*, a preposição *de* indica, não exatamente *propriedade*, mas sim *pertinência, posse* – uma descrição mais adequada da relação entre autor e obra.
- Trata-se do adjetivo *vasto*, empregado no grau comparativo de superioridade, *mais vasto*.



MULHER DE 30 ANOS - Cibele Santos

SAIR PRA JANTAR COM UMA AMIGA DE 18 É SEMPRE UM PRAZER



WWW.CIBELESANTOS.COM.BR

A inveja é tema da psicologia e da literatura há muito tempo.

Podemos falar da inveja a partir de dois referenciais: o pecado ou o sentimento. A religião a considera um mal condenável, expiado pela confissão e pelo arrependimento. Já a psicologia entende a inveja como algo inerente à condição humana.

(Eugênio Mussak,
Vida Simples)

Tomás de Aquino define a inveja como “a tristeza por não possuir o bem alheio”. Invejam-se a cor dos olhos, o tom de voz, a erudição, os títulos, a função, a riqueza ou as viagens de outrem. “Onde há inveja, não há amizade”, alertava Camões.

O invejoso é um derrotado. Perdeu para a sua autoestima. Lamenta, no íntimo, ser quem é e nutre a fantasia de que poderia ter sido outra pessoa. O inimigo do invejoso é ele próprio. Desprovida de sentido, sua existência se ancora em bens materiais que não estão ao alcance de suas posses ou em bens espirituais que transcendem seu talento.

Os produtos associam-se a bens que muitos perseguem: sucesso, prazer, sedução, riqueza, projeção, etc. Na compra do produto, o consumidor ganha de brinde a fantasia de que leva junto o bem cobiçado. Eis a felicidade virtual, como a da mulher que, numa festa, se julga a mais bem vestida, ao lado de inúmeras mulheres igualmente convencidas de sua proeminência.

(Frei Betto, escritor, é autor de *Cotidiano & Mistério* (Olho D’Água), entre outros livros.)

Bons dias!

Quem nunca invejou, não sabe o que é padecer. Eu sou uma lástima. Não posso ver uma roupinha melhor em outra pessoa, que não sinta o dente da inveja morder-me as entranhas. [...] Não há remédio para esta doença. Eu procuro distrair-me nas ocasiões; como não posso falar, entro a contar os pingos de chuva, se chove, ou os basbaques que andam pela rua, se faz sol; mas não passo de algumas dezenas. O pensamento não me deixa ir avante. A roupinha melhor faz-me foscas, a cara do dono faz-me caretas...

Foi o que me aconteceu, depois da última vez que estive aqui. Há dias, pegando numa folha da manhã, li uma lista de candidaturas para deputados por Minas [...]. Chego a um dos distritos, não me lembra qual, nem o nome da pessoa, e que hei de ler? Que o candidato era apresentado pelos três partidos, liberal, conservador e republicano. A primeira coisa que senti, foi uma vertigem. Depois, vi amarelo. Depois, não vi mais nada. As entranhas doíam-me, como se um facão as rasgasse [...]. Rasguei afinal a folha, e perdi os dois vinténs; mas eu estava pronto a perder dois milhões, contando que aquilo fosse comigo.

(Machado de Assis. Texto publicado originalmente na *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, em 22.8.1889)

Observações do(a) corretor(a):

Nome: _____

O tema a ser discutido é a inveja e as ações decorrentes desse sentimento. O aluno pode considerá-la um sentimento inerente ao ser humano, o qual move os indivíduos a lutar para atingir bens materiais e postos de poder que outros alcançaram. Pode-se argumentar também que esse sentimento provoca o individualismo tão criticado em nossa época, porque as pessoas agem apenas em proveito próprio, não se importando em prejudicar as outras, desde que consigam galgar cargos e obter bens materiais de valor exorbitante. A publicidade incentiva esse sentimento, criando propagandas em que as personagens desejam bens adquiridos por outros, depreciando aqueles que não conseguem obtê-los.

MÓDULO 6

DISSERTAÇÃO – COESÃO

Uma dissertação bem redigida apresenta, necessariamente, perfeita articulação de ideias. Para obtê-la, é necessário promover o encadeamento semântico (significado, ideias) e o encadeamento sintático (mecanismos que ligam uma oração à outra). A coesão (elemento da frase A retomado na frase B) é obtida, principalmente, por meio dos elementos de ligação que proporcionam as relações necessárias à integração harmoniosa de orações e parágrafos em torno de um mesmo assunto (eixo temático).

Com base em um levantamento elaborado por Othon Moacyr Garcia (*Comunicação em Prosa Moderna*), relacionamos os elementos de coesão mais usuais, agrupados pelo sentido.

Prioridade, relevância	em primeiro lugar, antes de mais nada, primeiramente, acima de tudo, precipuamente, principalmente, primordialmente, sobretudo.
Tempo (frequência, duração, ordem, sucessão, anterioridade, posterioridade)	então, enfim, logo, logo depois, imediatamente, logo após, a princípio, pouco antes, pouco depois, anteriormente, posteriormente, em seguida, afinal, por fim, finalmente, agora, atualmente, hoje, frequentemente, constantemente, às vezes, eventualmente, por vezes, ocasionalmente, sempre, raramente, não raro, ao mesmo tempo, simultaneamente, nesse ínterim, nesse meio tempo, enquanto, quando, antes que, depois que, logo que, sempre que, assim que, desde que, todas as vezes que, cada vez que, apenas, já, mal.
Semelhança, comparação, conformidade	igualmente, da mesma forma, assim também, do mesmo modo, similarmente, semelhantemente, analogamente, por analogia, de maneira idêntica, de conformidade com, de acordo com, segundo, conforme, consoante sob o mesmo ponto de vista, tal qual, tanto quanto, como, assim como, bem como, como se.
Condição, hipótese	se, caso, salvo se, contanto que, desde que, a menos que etc.
Adição, continuação	além disso, (a)demais, outrossim, ainda mais, ainda por cima, por outro lado, também e as conjunções aditivas (e, nem, não só ... mas também etc.).
Dúvida	talvez, provavelmente, possivelmente, quiçá, quem sabe, é provável, não é certo, se é que.
Certeza, ênfase	decerto, por certo, certamente, indubitavelmente, inquestionavelmente, sem dúvida, inegavelmente, com toda a certeza.
Surpresa, imprevisto	inesperadamente, inopinadamente, de súbito, imprevistamente, surpreendentemente, subitamente, de repente.
Ilustração, esclarecimento	por exemplo, isto é, quer dizer, em outras palavras, ou por outra, a saber.
Propósito, intenção, finalidade	com o fim de, a fim de, com o propósito de, para que, a fim de que.
Lugar, proximidade, distância	perto de, próximo a ou de, junto a ou de, dentro, fora, mais adiante, aqui, além, acolá, lá, ali, algumas preposições e os pronomes demonstrativos.

Resumo, recapitulação, conclusão	em suma, em síntese, em conclusão, enfim, em resumo, portanto, assim, dessa forma, dessa maneira, logo, pois.
Causa e consequência, explicação	por consequência, por conseguinte, como resultado, por isso, por causa de, em virtude de, assim, de fato, com efeito, tão... que, tanto... que, tal... que, tamanho... que, porque, porquanto, pois, que, já que, uma vez que, visto que, como (= porque), portanto, logo, pois (posposto ao verbo), que (= porque).
Contraste, oposição, restrição, ressalva	pelo contrário, em contraste com, salvo, exceto, menos, mas, contudo, todavia, entretanto, embora, apesar de, ainda que, mesmo que, posto que, conquanto, se bem que, por mais que, por menos que, no entanto, não obstante.
Alternativas	ou ... ou, ora ... ora, quer ... quer, seja ... seja, já ... já, nem ... nem.
Proporcionalidade	à proporção que, à medida que, ao passo que, quanto mais, quanto menos.

Segundo Celso Cunha, certas palavras têm classificação à parte, por isso convém “dizer apenas palavra ou locução denotativa” de

- inclusão: até, inclusive, mesmo, também etc.
- exclusão: apenas, exceto, salvo, senão, só, somente etc.
- designação: eis
- realce: cá, lá, é que, só etc.
- retificação: aliás, ou antes, isto é, ou melhor etc.
- situação: afinal, agora, então, mas etc.

Leia o texto para responder às questões de números 1 a 3.

Várias vezes, no decorrer do último século, previu-se a morte dos livros e do hábito de ler. O avanço do cinema, da televisão, da internet, tudo isso iria tornar a leitura obsoleta. No Brasil da virada do século XX para o XXI, o vaticínio até parecia razoável: o sistema de ensino em franco declínio e sua tradição de fracasso na missão de formar leitores, o pouco apreço dado à instrução como valor fundamental e até dados muito práticos, como a falta e a pobreza de bibliotecas públicas e o alto preço dos exemplares impressos aqui, conspiravam (conspiram, ainda) para que o contingente de brasileiros dados aos livros minguasse de maneira irremediável. Contra todas as expectativas, porém, vem surgindo uma nova e robusta geração de leitores no país – movida, sim, por sucessos globais como as séries Harry Potter, Crepúsculo e Percy Jackson.
(Veja, 18.05.2011. Adaptado.)

1. (BARRO BRANCO-2012) – A palavra *vaticínio* foi empregada no texto com o sentido de “previsão”, mas, em sentido próprio, significa

- juízo.
- estatística.
- profecia.
- diagnóstico.
- declaração.

RESOLUÇÃO:

Resposta: C

2. (BARRO BRANCO-2012) – A função argumentativa do advérbio *sim*, no trecho *...movida, sim, por sucessos globais...* é a de
- confirmar as expectativas mencionadas anteriormente.
 - introduzir uma ressalva, tendo em vista o tipo de obra citado em seguida.
 - permitir que se encerre o texto com uma exemplificação.
 - exaltar a qualidade dos títulos preferidos dos leitores brasileiros.
 - servir como pausa, para que o autor possa citar títulos de filmes.

RESOLUÇÃO:

Resposta: B

3. (BARRO BRANCO-2012) – O conectivo *porém* estabelece, entre o último período do texto e as informações precedentes, uma relação de
- ratificação.
 - conclusão.
 - síntese.
 - causa.
 - oposição.

RESOLUÇÃO:

Resposta: E

4. (FUVEST-transferência – 2012) – No texto de uma propaganda de remédio contra azia e má digestão, lê-se:

**NÃO É PORQUE O CARNAVAL ACABA EM CINZAS
QUE VOCÊ TEM QUE SOFRER COM A QUEIMAÇÃO.**

A mensagem dessa frase está preservada em:

- Conquanto o carnaval acabe em cinzas, você não deve sofrer com a queimação.
- Você não precisa sofrer com a queimação, se o carnaval acabar em cinzas.
- Mesmo que o carnaval não acabe em cinzas, você sofrerá com a queimação.
- Na medida em que o carnaval termina em cinzas, você acaba sofrendo com a queimação.
- Você pode sofrer com a queimação, porquanto o carnaval termina em cinzas.

RESOLUÇÃO:

Resposta: A

Texto para as questões de 5 a 8.

1 A ameaça de uma bomba atômica está mais viva do que
2 nunca. Os conflitos étnicos mataram quase 200 chineses só no
3 mês de julho. Agora uma boa notícia: a paz mundial pode estar
4 a caminho. Segundo estimativas de pesquisadores, o mundo está
5 bem menos sangrento do que já foi. Cerca de 250 mil pessoas
6 morrem por ano em consequência de algum conflito armado. É
7 bem menos do que no século 20, que teve 800 mil mortes anuais
8 em sua 2ª. metade e 3,8 milhões por ano até 1950.

9 O que aconteceu? O psicólogo Steven Pinker diz que o
10 aumento do número de democracias ajudou. Assim como a
11 nossa saúde: como a expectativa de vida subiu, temos mais
12 medo de arriscar o pescoço. Até a globalização teria contri-
13 buído: um mundo mais integrado é um mundo mais tolerante,
14 diz Pinker. (Revista *Superinteressante*)

5. (MACKENZIE) – É correto afirmar que o objetivo **principal** do texto é
- apresentar dados numéricos a respeito do aumento da violência no mundo contemporâneo.
 - demonstrar as causas de mortes violentas a partir do início do século 20 e discutir as reais possibilidades de se resolver um problema que parecia não ter solução.
 - suscitar discussões a respeito do aumento da expectativa de vida após o início das democracias.

- alertar a respeito do possível fim da paz mundial, considerando a iminente ameaça de bomba atômica.
- refletir acerca da diminuição da violência no mundo, considerando tanto dados do passado, como alterações no modo de vida contemporâneo.

RESOLUÇÃO:

O texto apresenta dados estatísticos que comprovam a redução da violência no mundo.

Resposta: E

6. (MACKENZIE) – Os dois pontos utilizados nas linhas 11 e 13 podem ser substituídos, sem prejuízo do sentido original do texto, por:

- “portanto” (linha 11) e “porém” (linha 13).
- “pois” (linha 11) e “uma vez que” (linha 13).
- “logo” (linha 11) e “conquanto” (linha 13).
- “embora” (linha 11) e “não obstante” (linha 13).
- “porém” (linha 11) e “porque” (linha 13).

RESOLUÇÃO:

A conjunção *pois* (explicativa) e a locução conjuntiva *uma vez que* estabelecem a adequada relação entre as orações no período.

Resposta: B

7. (MACKENZIE) – Assinale a alternativa correta.

- A relação semântica entre os dois primeiros períodos do texto (linhas de 1 a 4) estabelece ideia de contradição.
- A expressão *arriscar o pescoço* (linha 12) indicia o tom formal adotado pelo produtor do texto.
- Até* (linha 12) é partícula que expressa limite temporal posterior, uma vez que aponta conclusões assumidas pelo psicólogo.
- A palavra *étnicos* (linha 2) esclarece que os conflitos são motivados por intolerância entre povos com origens culturais e históricas diferentes.
- A forma verbal *diz* (linha 9) evidencia que a voz do psicólogo é introduzida no texto por meio do discurso direto.

RESOLUÇÃO:

***Etnia*, segundo o dicionário Houaiss, é uma “coletividade de indivíduos que se diferencia por sua especificidade sociocultural, refletida principalmente na língua, religião e maneiras de agir”, portanto, “conflitos étnicos” refere-se à intolerância entre povos de etnias diferentes.**

Resposta: D

8. (MACKENZIE) – Segundo estimativas de pesquisadores, o mundo está bem menos sangrento do que já foi (linhas 4 e 5).

Assinale a alternativa que apresenta paráfrase mais adequada da frase acima, considerado o contexto.

- O mundo já não está tão catastrófico, é o que provam os pesquisadores com suas estimativas.
- Os relatórios de pesquisas confirmam a hipótese de que o mundo já foi mais agressivo.
- A redução do número de mortes na sociedade foi de encontro aos cálculos dos estudiosos.
- De conformidade com o que estimam os cientistas, a sociedade em geral já foi mais violenta do que hoje.
- Os cientistas confirmam as estimativas: o mundo já deixou de ser sangrento.

RESOLUÇÃO:

A única paráfrase adequada é a que se refere a “estimativas”, ou seja, ao que estimam ou avaliam os pesquisadores ou cientistas. O erro da e está em afirmar, não a diminuição da violência, mas o seu fim.

Resposta: D

Nome _____ 3º ANO Unidade _____ CURSO Turma Manhã Tarde Noite MÓDULO 4*Em verdade temos medo.**Nascemos escuro.**(...)**E fomos educados para o medo.**Cheiramos flores de medo.**Vestimos panos de medo.**De medo, vermelhos rios vadeamos.**(Carlos Drummond de Andrade)**O medo é o grande gigante da alma, é a mais forte das emoções.**(Mira Y. López)**Nosso mundo é baseado no medo. E ele é que está mediocrizando tudo. Temos medo do fracasso, da instabilidade econômica, dos relacionamentos, das doenças, da educação. Tudo é baseado no medo.**(Oliviero Toscani, fotógrafo da Benetton)**Viver é muito perigoso.**(Guimarães Rosa)**E o mais importante: tenha coragem de seguir o seu próprio coração e a sua intuição. Eles de alguma maneira já sabem o que você realmente quer se tornar. Todo o resto é secundário.**(Steve Jobs)**Comece tudo o que você possa fazer ou sonha poder. A ousadia tem dentro de si genialidade, poder e magia.**(Goethe)**E quando falo em aceitar a vida, não me refiro à aceitação resignada e passiva de todas as desigualdades, malvadezas, absurdos e misérias do mundo. Refiro-me, sim, à aceitação da luta necessária, do sofrimento que essa luta nos trará, das horas amargas a que ela forçosamente nos há de levar.**(Érico Veríssimo)**(...) o essencial é que lutes. Vida é luta. Vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal.**(Machado de Assis)*

Segundo os textos do painel acima, fomos educados para o medo, que se disfarça em temor, receio, hesitação, covardia, inquietação, ansiedade e tantos outros nomes. Os saltos dados pela humanidade, porém, contrariam a crença de que “existe apenas o medo” e apontam a luta, a coragem, o atrevimento, a ousadia como características das conquistas humanas.

Escreva um texto reflexivo sobre o seguinte tema: **O que impulsiona as conquistas humanas: o medo ou a coragem?**

Observações do(a) corretor(a):

Nome: _____

Lembrar que as conquistas humanas tiveram a ousadia como propulsora de várias descobertas nas mais diferentes áreas do conhecimento. Sobre o medo, discutir que ele faz parte da natureza humana e nos protege em diversas situações e é marca de nosso instinto de sobrevivência e não apenas cerceador de ações e decisões. O aluno pode também discutir o medo de enfrentar o vestibular, de escolher a carreira e outros temores típicos não só da faixa etária, mas também do ritual de passagem que o vestibular representa para alguns e pode considerar que a luta, representada pelo empenho nos estudos, vai investi-lo da coragem necessária para enfrentar e vencer o desafio do vestibular.